PALAVRAS EM DIÁLOGO

HISTÓRIA CRÍTICA E TRANSCULTURALIDADE

programação e livro de resumos

UFF
2026

sumário

PALAVRAS EM DIÁLOGO

HISTÓRIA CRÍTICA E TRANSCULTURALIDADE

programação - 3
mesas - 8
sessões de comunicação - 16
livro de resumos - 42

UFF
2026

programação

terça-feira, 18/08/2026

10h - 12h - Solenidade de abertura

Sala Ismael Coutinho 218-C
“Do relato íntimo à consciência coletiva: a potência das escritas de si”
Profª. Drª. Laura Campos

14h - Sessões de comunicação (1 - 3)

quarta-feira, 19/08/2026

9h - 12h - Sessões de comunicação (4 a 6)

14h - 17h - Sessões de comunicação (7 a 11)

quinta-feira, 20/08/2026

9h - 12h - Sessões de comunicação (12 e 13)

14h - 17h - Sessões de comunicação (14 a 18)

17h - Mesa temática

Sala Ismael Coutinho
218-C
Literatura, território e imaginários urbanos
Convidados: Giovanna Dealtry, Édipo Ferreira e Rodrigo Santos
Mediação: Fernando Rodrigues e Santinie Estevão

sexta-feira, 21/08/2026

9h - 12h - Sessões de comunicação (19 a 21)

14h - 17h - Sessões de comunicação (22 a 25)

18h - VIII Encontro de egressos

Sala Ismael Coutinho
218-C

Mediação: Prof. Dr. André Cardoso e Profª. Drª. Diana Klinger
Convidados: Dra. Ângela da Silva Gomes Poz, Dr. Allysson Augusto Silva Casais e Dr. Wagner Trindade

mesas

Do relato íntimo à consciência coletiva: a potência das escritas de si

Terça, 18/08, 10h

Sala 218C

Convidada: Profa. Dra. Laura Barbosa Campos (UERJ)

Mediação: Prof. Dra Diana Klinger (UFF)

Laura Barbosa Campos

Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atua na graduação e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura. Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Rouen, na França, (2019). Desenvolve pesquisas sobre escritas de si e literatura de autoria feminina contemporânea.

Literatura, território e imaginários urbanos

Quinta-feira, 20/08, 17h
Sala 218C
Convidados: Édipo Ferreira, Giovanna Dealtry e Rodrigo Campos
Mediação: Fernando Rodrigues e Santinie Estevão

Édipo Ferreira

Édipo Ferreira é poeta, professor, mestre em Estudos de Literatura pela UFF. Participou das seguintes publicações coletivas: I Antologia de contos (Ofícios Terrestres), Cadernos do CEP (nº 19); Revista ouriço (nº4) e A vida e a vida dos cães (Bichos). É autor da plaquete 9 usos do corte, tradução de poemas de Martín Gambarotta (Editora Fictícia); de Ossário (7Letras) e Ponta d'areia (Edições Macondo).

Giovanna Dealtry

É professora adjunta do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e integra o PPG em Estudos de Literatura na mesma instituição. Possui Doutorado em Estudos Literários pela PUC-Rio. Como pesquisadora atua nos campos de Literatura e experiência urbana com ênfase na modernidade carioca e na contemporaneidade; Música Popular e identidade cultural, tendo artigos e livros publicados no Brasil e no exterior. É líder do Núcleo de Estudos de Literaturas, Espaços e Cidades (NuLec), certificado pelo CNPq.

Rodrigo Santos

Tem 50 anos; é gonçalense, escritor, professor, roteirista e corredor de rua assintomático. Um dos criadores do "Uma noite na taverna", evento artístico mensal que durou treze anos, com média de público de 100 pessoas/mês. Publicou "Máscaras sobre Rostos Descarnados" e "Brechó de Almas" (Poesia), "Macumba" e "Fogo nas Encruzilhadas"(Romance Policial), "Se o medo tivesse um som" (Noveleta, Suspense),"Carcará" (Contos), "Máquinas Escrotas" (Romance), "Rinha" (plaquete de contos) e

“A vida é uma série de acontecimentos estranhos e mágicos” (Contos), além de publicações em coletâneas no Brasil e na França. Roteirista, escreveu o documentário “Sao Gonçalo é meu ponto de partida” (2024), além dos filmes “Sexo e Destino” (em cartaz) e “Oito segundos - o desafio!”, com estreia prevista para 2026, entre outros. Já jogou bola com Zico e já viu um peixe-lua.

Mediação

Fernando Rodrigues

É pesquisador e educador social. É doutorando em Literatura Comparada, com bolsa Capes, e mestre em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF). É graduado em Letras – Português e especialista em Leitura e Produção de Textos pela mesma universidade. Atuou como coordenador do setor educativo do Projeto Jykre: Caminho da Sabedoria (2024–2026), desenvolvido em parceria entre a UFF, o Museu Nacional dos Povos Indígenas e a Fundação Casa de Rui Barbosa. Também atuou como professor de reforço escolar no Instituto Entre o Céu e a Favela, no Morro da Providência, onde exerceu funções de coordenação pedagógica e alfabetização de jovens e adultos. Sua trajetória acadêmica e profissional concentra-se nas áreas de ensino de língua e literatura, formação de leitores e inclusão educacional.

Santinie Estevão

Pesquisadora, atriz e professora. Doutoranda em Literatura Comparada e mestre em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura/UFF (bolsista Capes), com foco nos estudos de experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. É Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), mesma instituição em que concluiu bacharelado e licenciatura em Letras (Português/Literaturas). Tem formação em Teatro

pela Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna e em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá.

Mesa de egressos

Sexta-feira, 21/08, 18h
Sala: 218C
Convidados: Dra. Ângela da Silva Gomes Poz, Dr. Allysson Casais e Dr. Wagner Trindade
Mediação: Profª. Drª. Diana Klinger e Prof. Dr. André Cardoso

Ângela da Silva Gomes Poz

É professora de Língua Portuguesa e Literaturas no Instituto Federal Fluminense (IFF) – campus Campos Centro. Doutora em Estudos de Literatura (Literatura Comparada) e Mestra em Letras (Literatura Brasileira e Teorias da Literatura) pela UFF, atua nas áreas das Letras, com ênfase nos estudos de gênero e raça nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa, sobretudo na literatura brasileira, africanas, afrodiaspóricas e negro-brasileira, especialmente de autorias femininas, com investigações sobre a produção literária de mulheres negras. É membro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) e da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (AFROLIC). Desenvolve pesquisa e extensão voltadas à formação de leitores, às literaturas de língua portuguesa, à valorização da cultura negra e à educação antirracista.

Allysson Casais

Allysson Casais é doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense com tese sobre as migrações contemporâneas nas obras de Julián Fuks e Eliane Caffé. Foi professor substituto de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense. Como crítico literário, atua como colaborador do Jornal Rascunho e publicou o ensaio Dois anos infindos: o brasileiro como estrangeiro na ficção de Luiz Ruffato, em 2025 pela editora Urutau.

Wagner Trindade

É doutor em Literatura Comparada pela UFF, instituição onde concluiu, também, graduação e mestrado. Atualmente, é professor efetivo EBTT de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II, no campus Niterói, e coordena, desde 2021, a área de Língua Portuguesa e e Literatura Brasileira do Pré-Vestibular Social da Fundação Cecierj. Produziu, junto com o professor José Luís Jobim, a obra “Experiências no ensino de literatura: um olhar do Colégio Pedro II”, publicado pela Edições Makunaima.

Mediação

Diana Klinger

É Professora Associada de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense. É bolsista de produtividade em pesquisa do Cnpq (Nivel 1D) e foi Jovem Cientista do Nosso Estado, da Faperj entre 2015 e 2018. Atualmente, desde 2024, é professora visitante na Stanford University. Em 2021, recebeu a bolsa Tinker Visiting Professor para lecionar um semestre na University of Wisconsin, Madison. Graduada em Letras pela Universidad de Buenos Aires (2000), onde lecionou Literatura Brasileira, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2006). Fez Pós-Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007-2009) e na Universidad de San Andres (Argentina, em 2022). Desde 2009 coordena, junto com a professora Celia Pedrosa, o Grupo de Pesquisa (Cnpq) "Pensamento teórico-crítico sobre o contemporâneo", que -entre outras realizações - publicou o Indicionário do contemporâneo e participou do acordo de Cooperação Internacional com a Maestria en Literatura Latinoamericana de la Universidad de Tres de Febrero (Argentina). Foi palestrante em diversas universidades brasileiras (Unifesp, UNB, UFBA, UFSC, UFSM, entre outras) e internacionais, como a Universidade de Coimbra, a University of Warsaw, a University Adama Mickiewicza Poznan (Polonia), a University of Wisconsin, Madison, a Universidad de San Andres (Argentina) e a Universidad de

Buenos Aires (UBA). É autora dos livros Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica (edição original de 2007, quarta edição 2024) e Literatura e ética: da forma para a força (Rocco, 2014).Foi, durante doze anos, editora da revista bi-nacional Grumo (2002-2014), e curadora da coleção Gandula de poesia brasileira traduzida e publicada na Argentina, para a qual traduziu vários títulos.

André Cardoso

Possui graduação em licenciatura em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992), com especialização em português e inglês, bacharelado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992), com especialização em tradução, mestrado em literatura brasileira pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997) e doutorado em Literatura Comparada pelo Departamento de Literatura Comparada da New York University (2009). Atualmente é professor associado do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Federal Fluminense e faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da mesma universidade. É membro dos grupos de estudo Interferências: Literatura, Arte e Ciência, Estudos do Gótico e "Escritos Suspeitos", todos cadastrados no CNPq, e do GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. É também líder do grupo de pesquisa registrado no CNPq "Distopia e Contemporaneidade". Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: romance sentimental, romance brasileiro, literatura contemporânea em língua inglesa, ficção científica, o gótico e a distopia como vertentes literárias, e o imaginário apocalíptico, num viés de comparação histórica.

sessões de
comunicação

Sessão 1 - Prof. Dr. André Cardoso

Debatedor: Prof.ª Dr.ª Elisa Abrantes (UFRRJ)

Terça-feira
18/08/2026
14h às 17h
Sala 216/B

Quando o domínio é público: uma análise paratextual de edições brasileiras de 1984 a partir de 2021
Ana Paula Alvarez Ribeiro Lopes

Margear a literatura Llansoliana com a letra na ponta da língua
Bárbara Barreto Nogueira

Para uma poética de um mundo em ruínas: o gótico e a narrativa do fim em *The Road*, de Cormac Mccarthy
Giovanna Ferreira Calispto

Camões e Vascos: ficção como arquivo de identidade no Rio de Janeiro
Karina Gonçalves Parmanhani

Gênero, nação e desencanto nos contos de João Melo e Lilia Momplé
Mayara Gonçalves Marques da Silva

Distopias latino-americanas: governos invisíveis com necropolíticas evidentes Pedro Augusto Ribeiro da Silva Frazão

Sessão 2 - Profª. Drª. Celia Pedrosa

Debatedor: Prof. Dr. Davi Pimentel (UFF)

Terça-feira
18/08/2026
14h às 17h
Sala 416/B

Um estudo à luz da sensorialidade em *A maçã no escuro* -
Andressa de Azevedo Martins

A crise do sujeito em Álvares de Azevedo e Ana Cristina Cesar: estudos da lírica e da melancolia
Antonio Luiz de Souza Nogueira Junior

O olfato como gesto
Débora dos Santos Silva Rosa

O poema, máquina de produzir dissonância
Luan Sabino Siqueira

Luto, melancolia, memória e loucura: uma análise poética de *Breve ato de descascar laranjas*, de Bianca Monteiro Garcia
Thafnes Viana da Silva Diniz

Sessão 3 - Profª. Drª. Viviana Gelado

Debatedor: Prof. Dr. Rodrigo Fernández-Labriola (UFRJ)

Terça-feira
18/08/2026
14h às 17h
Sala 214/C

As figurações do outro: uma análise de *Palestina en pedazos*, de Lina Meruane
Amanda Vieira dos Santos

A representação da morte nas literaturas da américa latina
Kathelen Dutra Goes

Revisitando a transculturação narrativa: diálogos entre a literatura brasileira e a hispano-americana
Pedro Caldas Gomes Gagliano

A literatura e o discurso onírico: a literatura latino-americano que sonha durante regimes totalitários
Pedro Henrique Morais Pereira

Arlt E Walsh: escritores para além das fronteiras
Pedro Rodrigues de Luca

Sessão 4 - Prof. Dr. Roberto Acízelo

Debatedor: Prof. Dr. Júlio França (UERJ)

Quarta-feira
19/08/2026
09h às 12h
Sala 303/B

Uma escrita (des)identitária: as reverberações da cultura cubana na poética de Severo Sarduy
Felipe de Britto Maiello

O teórico em 'formação': análise da produção imagética acerca de Antônio Candido
Larissa Pereira Coelho

Escrita e reescrita: a voz e a vez de Capitu
Luiza Puntar Muniz Barreto

A literatura comparada como manifestação do imperialismo em Antonio Candido e Edward Said
Pedro Henrique Dantas da Cruz Kelly

Cartografias dos corpos africanos: o atlântico negro
Priscilla Ferreira Flores

Sessão 5 - Profª Drª Ekaterina Volkova Americo

Debatedor: Profª. Drª. Ana Isabel Guimarães Borges (UFF)

Quarta-feira
19/08/2026
09h às 12h
Sala 305/B

Stalker de Andrei Tarkóvski como adaptação cinematográfica de Piquenique na Estrada, dos irmãos Strugátski
Antônio Herdy Lopes Dias

Maria Alice Barroso: apagamento autoral e revisão da historiografia literária brasileira
Giselda Maria Dutra Bandoli

O cânone literário no contexto das minorias: o caso das autorias negras
Luan da Cruz

Pacto do inconforto: uma análise de Amar um cão de Maria Gabriela Llansol e Um sopro de vida de Clarice Lispector
Luíza Klein Cherém

“Eu tenho uma coisa má para contar”: silêncio, trauma e impasses da linguagem diante da violência sexual em “Overbooking”, de Lídia Jorge
Myrella de Castro Ferreira Andrade

Onde escoa o esgoto e a água da chuva nas literaturas de sarjetas: as migrantes de Pagu e Grace Passô
Sabrina Lobo Tito

Sessão 6 - Profª Drª Vanessa Massoni

Debatedor: Prof. Dr. Élvio Cotrim (UFF)

Quarta-feira
19/08/2026
09h às 12h
Sala 305B/B*

A pluriversalidade da fronteira e a mobilidade no romance desenhado L'exil vaut le voyage (2020) de Dany Laferrière
Christopher Rive St Vil

Cozinhar, contar, existir: o poder feminino negro nas narrativas caribenhas
Lucas Bompet dos Santos

Corpos em confronto: violência, gênero e masculinidade em Édouard Louis e Eddy de Pretto
Jonatan Vinicius Nascimento do Carmo

Uma "dança de sangue": a laghia no contexto (pós-)colonial no conto Laghia de la mort, de Joseph Zobel
Pedro Camacho Eccard

Nicole cage e a adoção "visão interior" na martinica: narrar a prostituição em L'espagnole
Yasmin Vitorino Gomes Pessoa

Sessão 7 - Profª Drª Claudete Daflon

Debatedor: Profª. Drª Aline Leal (UNIRIO)

Quarta-feira
19/08/2026
14h às 17h
Sala 303/B

À propósito da tese: uma cartografia social acerca do ensino de língua e literatura no ensino médio e seus interfaces gêneros textuais imagético
Hugo Carvalho Villa Maior

Arquivo em chamas: ouvir o crepitar nas cinzas do sentido
Bruna Freitas Figueiredo

Ponte, fronteira, encruzilhada: as migrâncias na literatura de Igiaba Scego
Lívia Verena Cunha do Rosário

“Os doutores fazem arte”: criação ficcional como pesquisa em cursos de pós-graduação em letras
Santinie Estevão Soares dos Santos Antonio

Imaginar futuros menores: seres mais que humanos nos livros-imagem de Issa Watanabe
Renata Caroline Penzani

Sessão 8 - Profª Drª Anna Faedrich

Debatedor: Prof. Dr. Maximiliano Torres (UERJ)

Quarta-feira
19/08/2026
14h às 17h
Sala 305/B

A mocinha infatigável: mecanismos de desvalorização da autoria feminina em textos críticos e jornalísticos sobre Alina Paim e sua obra
Andressa Marques de Paula Camargo

O que não é espelho: pesos e contrapesos da amizade feminina na Tetralogia napolitana, de Elena Ferrante
Giovanna Liberato Intellicato

Rememoração e luto em Annie Ernaux e Adriana Lisboa
Jaqueline Brito Fernandes

Escrever o desejo de escrever: vozes femininas da autoficção contemporânea
Leticia da Silva Lima

Júlia Lopes de Almeida e suas contemporâneas: redes de sociabilidade feminina na Bélle Époque carioca
Maria Eduarda Costa Vasconcelos

Se a mão que embala o berço governasse o mundo: representações da maternidade em Júlia Lopes de Almeida
Roberta Pimentel dos Santos Gama

Sessão 9 - Prof. Dr Luis Maffei

Debatedor:

Quarta-feira
19/08/2026
14h às 17h
Sala 305B/B*

Montar o mar ou uma cartografia das edições do Projeto mulher ao mar
Adriele Lima de Figueiredo

Pensar e medir: o lógos como prática na poética de Sophia de Melo Breyner Andresen
Lorraina Almeida Serrão de Souza

Capacidade negativa: uma dimensão ética na descida aos infernos portugueses
Marcos Vinícius Rodrigues de Azevedo

Pensar com os indesejáveis: ecologia, alteridade e poesia
Matheus Cezar Ferreira

Horizonte da paisagem: construção do sujeito poético em Amargo como os frutos, de Paula Tavares
Pâmela Ferreira Silva

Velho “do restelo”: uma voz que ecoa em Portugal e no Brasil de 1974
Susanna Dias de Faria

Sessão 10 - Prof. Dr. André Dias

Debatedor: Profª. Drª. Priscila Matsunaga (UFRJ)

Quarta-feira
19/08/2026
14h às 17h
Sala 403/B

A construção do eixo familiar em *Se deus me chamar não vou* e *A árvore mais sozinha do mundo* de Mariana Salomão Carrara
Amanda Oliveira da Silva

Fraturas no corpo-instituição: estratégias narrativas na construção da masculinidade em "Sargento Garcia" de Caio Fernando Abreu
Bruna Cristina Duarte Menezes Mafra Milani

A espetacularização da vida: uma análise das obras *O beijo no asfalto* (1960), de Nelson Rodrigues, e *O pagador de promessas* (1959), de Dias Gomes
Daniel Reis Pessanha

Apontamentos para a conceituação da distopia no campo literário (brasileiro)
Juliana Nascimento Berlim Amorim

A institucionalização da família: Álbum de família (1945), Os sete gatinhos (1958) e o reflexo indesejável no espelho da sociedade brasileira
Vanessa da Costa Lamas

O único monólogo: Nelson Rodrigues e Gabriel Garcia Márquez e os caminhos através do drama
Vanessa Leal Nunes Vieira

Sessão 11 - Prof. Dr. André Cardoso

Debatedor: Prof. Dr. Anderson Soares Gomes (UFRRJ)

Quarta-feira
19/08/2026
14h às 17h
Sala 416/B

As fronteiras de Sebastian Barry
Maria Clara de Araujo Laeber

A presença feminina no teatro irlandês: a voz de Mary Manning através de James Joyce em The voice of shem
Milena Lima Richter

Formas de narrar na modernidade: Joyce, Godard e a crise da representação
Samira Carvalho Silva Vieira

O "romance novel" e a questão da emancipação feminina
Thayná Caldas Moreira

Aspectos formais e políticos nos contos “O diário de mistress Joan Martyn” (1906) e “O legado” (1940), de Virgínia Woolf
Vitoria da Camara Villar

Sessão 12 - Profª. Drª. Renata Cazarini

Debatedor: Profª. Drª. Jessica Frutuoso (UERJ)

Quinta-feira
20/08/2026
09h às 12h
Sala 305/B

Pasolini e suas feras: caminhos de leitura para Edipo Re (1967)
Julianna de Carvalho Paes

Raízes africanas: recepção crítica do mito de Andrômeda em Ovídio
Licya dos Santos Rios

Poesia erótica escrita por mulheres: denúncia e resistência antipatriarcal
Milena Martins Moura

Luanda entre o antes e o depois: as representações de cidade e infância na literatura angolana
Stephany Ricardo Gonçalves

Dona leitora, a culpa é do vosso sexo: o gênero na primeira tradução de Dom Casmurro
Victoria Braz Souza

Sessão 13 - Prof. Dr. Vitor Amaral

Debatedor: Profª. Drª. Eliza Araújo (UFF)

Quinta-feira
20/08/2026
09h às 12h
Sala 403/B

Formação do leitor literário crítico: um olhar sobre representatividade feminina e ancestralidade nas obras de Jarid Arraes e Ana Fátima
Ana Leticia Monteiro Barbosa da Costa

A pele como primeira vestimenta em *Ânsia eterna* de Júlia Lopes de Almeida
Bárbara Paim Lorena

Pela formação de uma kalunga literária através de narrativas guardiãs de memória
Débora Cristina da Silva Nogueira

Da literatura aos palcos: Brokeback mountain e a solidão
Fabricio Gomes Paiva

Sessão 14 - Profª. Drª. Flávia Amparo

Debatedor: Prof. Dr. Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa (CPII)

Quinta-feira
20/08/2026
14h às 17h
Sala 305/B

Zero, de Ignácio de Loyola Brandão: uma manifestação de estéticas artísticas da década de 70
Bruna Matiello Rosa Nascimento

Entre letras e direitos: a escrita feminina na luta pela cidadania e pelo sufrágio
Tahiná da Silva Santos Moreira

Travessia: rompimento com o apagamento feminino em obras sobre a ditadura militar a partir da perspectiva do cronotopo
Tamiris Matias Vieira

As ambivalências da maternidade no romance 40 dias, de Maria Valéria Rezende
Tina Lilian Silva Azevedo

A fome ancestral de Conceição Evaristo
Susana Cristina Ferreira Fernandes

Sessão 15 - Profª. Drª. Tatiana Pequeno

Debatedor: Profª. Drª Irene de Paula (UFF)

Quinta-feira
20/08/2026
14h às 17h
Sala 216/B

Lourenço Mutarelli e uma análise melancólica sobre o agente em O natimorto
Victor Machado de Assis Guerra

Os afetos como método historiográfico em Agustina Bessa-Luís
Gustavo Capetini Sant'Anna

Luandino Vieira e a cidade dos sonhos: pode a criança angolana criar?
Talita Oliveira da Silva

O trauma fundador: o abuso sexual como experiência formadora da juventude feminina em O peso do pássaro morto, de Aline Bei
Maíra Protasio Dias de Oliveira

Diagnóstico: autor – a loucura como procedimento literário em algumas obras de autores brasileiros
Laiane Marchon Ferreira

Sessão 16 - Profª. Drª. Ceila Maria

Debatedor: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Rodrigues (Faculdade Machado de Assis - FAMA)

Quinta-feira
20/08/2026
14h às 17h
Sala 403/B

O cimento partido: Memória, fragmentação identitária e a dor coletiva das mulheres em *Memórias de Marta*, *A Imaginária* e *A Asa Esquerda de um Anjo*
Mariana Oliveira Brito

Corpos femininos à margem: resistência e memória em Também guardamos pedras aqui, de Luiza Romão.
Thamyris Lopes de Carvalho

Quem mora atrás do afro? Representações de África e da pessoa negra na aula de artes
Taiana de Araujo Machado

Literatura e a absurda condição pós-colonial
Ayrton César Nascimento da Silva

Meridiana: memória, raça e o entre-lugar
Giuliana Ribeiro Pacini Pena

Sessão 17 - Prof. Dr. Luis Maffei

Debatedor: Prof. Dr. Paulo Braz (UFRJ)

Quinta-feira
20/08/2026
14h às 17h
Sala 416/B

No *vestígio* da História afro-diaspórica em Portugal: fabulação crítica em *Debaixo da nossa pele*, de Joaquim Arena
Ewerton Cardoso Morais

Circulação literária e cultura em *Urihi: nossa terra, nossa floresta*, de Devair Fiorotti e *Weiyamy: mulheres que fazem o sol*, de Sony Ferseck
SUÊNIA KDIDIJA DE ARAÚJO FEITOSA

Poesia Oracular: Diálogos Epistêmicos entre a obra de Jarid Arraes e o Tarot de Yala
Barbara Rufina de Sousa

***Lendas em Nheengatu e em Português*: edição crítica e comentada da obra de Brandão de Amorim**
Amanda da Silva de Melo Faria

Língua Brasileira e Mar Paraguayo: a inscrição tupi-guarani na literatura brasileira
Ana Clara Demier Gonçalves Silva

Sessão 18 - Profª. Drª. Diana Klinger

Debatedor: Profª. Drª Danielle Guimarães (UFRJ)

Quinta-feira
20/08/2026
14h às 17h
Sala 305B/B*

Revelar então dizer: gestos de composição documental e a ênfase da repetição na poesia contemporânea
João Marcos Luiz Marinho Costa Reis

Poema e Pintura: perspectivas sobre a imagem nas relações interartísticas
Isabela Barreto Mendonça Rodrigues

Quando o verbo pega delírio: Manoel de Barros e as ignorãças
Nathália Petriz Santos de Lima

O voo na poesia de Paulo Colina: cidade e liberdade
Fernando de Lima Rodrigues

A casa, a rua e o sono em *The topeka school,* de Ben Lerner

Laura Miranda Khoury

Sessão 19 - Profª. Drª. Renata Flávia

Debatedor: Profª. Drª. Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ)

Sexta-feira
21/08/2026
09h às 12h
Sala 205/C

"Tenho demasiada história, sofro de um excesso de passado" ou as verdades possíveis da guerra de libertação moçambicana n'o mapeador de ausências
Christiane Gonçalves dos Reis

"Nós, as emancipadas do capitalismo, da família e da previdência social": laços familiares e laços maternos no mundo travesti de Camila Sosa Villada
Laura Cabral Tôrres

"Um otimismo irritante" — Budjurra como sujeito fanoniano em *Um preto muito português* (2024)
Bárbara Chaves Cardoso

Da experiência à memória: representações da revolução dos cravos em *Levantado do chão* e *Revolução*
Mariana Motta Campinho Cardoso

Ancestralidade, comunidade e autoestima na literatura infantojuvenil moçambicana: diálogos entre bell hooks e a coleção contos *Contos de Moçambique*

Edyanna de Oliveira Barreto

***Mestres dos batuques*: uma análise da nação angolana pelo olhar da literatura contemporânea**
João Victor Teixeira de Lima

Sessão 20 - Profª. Drª. Claudete Daflon

Debatedor: Profª. Drª Aline Leal (UNIRIO)

Sexta-feira
21/08/2026
09h às 12h
Sala 210/C

Sob a terra ou acima dela: terra e literatura em *Torto arado* e *Os parceiros do Rio Bonito*
Marina Maria Campos Brito

A onça azul e a terra sem mal: pensando poéticas do fim a partir da cosmopoética guarani apapocúva registrada por Curt Nimuendajú
Alice Alberti Faria

Da demonização à retomada: uma leitura de "Yurupari – O Legislador", do Boi Bumbá Caprichoso
Veronica da Silva Gomes

Narrativas do fim: explorando os grupos estigmatizados nas distopias climáticas de Butler, Bacigalupe e Denser

Barbara Lauria Innecco

O nacionalismo xenófobo: gigante pela própria natureza
Victor Pereira Pinto

Sessão 21 - Profª. Drª. Vanessa Massoni

Debatedor: Prof. Dr. Élvio Cotrim (UFF)

Sexta-feira
21/08/2026
09h às 12h
Sala 214/C

Escrevivência e agenciamento: literatura, memória e produção de subjetividades negras femininas em Conceição Evaristo
Nathalia Gomes

Escrita de si e construção narrativa da subjetividade lésbica em *Mezzamaro: flores e cassis*, de Cassandra Rios
Thainá Moraes

Maternidade e resistência feminina na literatura brasileira: de Júlia Lopes de Almeida a Eliana Alves Cruz
Rosiane Silva de Souza

Notas sobre os imaginários martinicanos da morte a partir de Raphaël Confiant
Ítalo Ramos Rodrigues

Sessão 22 - Profª. Drª. Ekaterina Volkova

Debatedor: Profª. Drª. Ana Isabel Guimarães Borges (UFF)

Sexta-feira
21/08/2026
14h às 17h
Sala 205/C

Corpos em trânsito: discurso, marginalidade e memória urbana em "Rolézim" e "O moleque"
Camila de Carvalho Santana

Homens como terra: Representações do trabalhador rural na literatura brasileira (1930-1950)
Carlos Victor Bustamante de Oliveira

Caminhando pela fronteira: uma análise sobre a marafona na novela *Mar paraguayo*, de Wilson Bueno
Aline Bernardo da Silva

Muros e Fronteiras: a questão prisional em "Nineteen Thirty-Seven"
Suiá Dylan Cavalcante Ferreira

Sonho e experiência temporal em Bernardo Soares
Juliana Canella Valentim

Sessão 23 - Profª. Drª. Lívia Reis

Debatedor: Prof. Dr. Pedro Dornelles da Silva Filho

Sexta-feira
21/08/2026
14h às 17h
Sala 210/C

Vivências escritas: a escrevivência no processo criativo de escritoras negras brasileiras
Janaína Nery Viana

***Pedras, martelo, punho*: poéticas de destituição da violência**
Flávio Cavaca L. Ribeiro

Entre predadores: as gramáticas da violência em *Bestiário*, de Julio Cortázar
Hiandro Bastos da Silva

Ler a mãe, escrever com ela: diálogos entre *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante, e *Melhor não contar*, de Tatiana Salem Levy
Cláudia Lamego

Dizer-se negra na Espanha: formas do autobiográfico em Agnès Agboton e Desirée Bela-Lobedde
Ailton Magela de Assis Augusto

A memória dos desesperançados: a pena do escritor como testemunho de corpos silenciados
Thaynara da Silva Souza

Sessão 24 - Prof. Dr. Vitor Amaral

Debatedor: Prof. Dr. Pedro Luís Sala Vieira (UFRJ)

Sexta-feira
21/08/2026
14h às 17h
Sala 214/C

Terranos e Athsheanos em *Floresta é o nome do mundo* de Ursula K. Le Guin
Victoria Silva Portes Machado

A mão da tradutora
Juliana Vaz de Figueiredo Moreno Batista

Kafka no Irã: figurações kafkianas e testemunho do trauma em *Uma Metamorfose Iraniana*
Gabriela de Carvalho Souza

Equívocos como valor
Carolina da Nova Cruz

Performatividade poiética em Pessoa: dramaturgia em campo expandido no caso da heteronímia
Gabriel Ortiz Voser

A escola em cena: poder e conflito na representação do espaço escolar no teatro nas obras Apareceu a Margarida e Conselho de Classe
Suelen Gonçalves Vasconcelos

Sessão 25 - Profª. Drª. Renata Cazarini

Debatedor: Profª. Drª. Maria José Cardoso Lemos (UNIRIO)

Sexta-feira
21/08/2026
14h às 17h
Sala 301/C

Entre a Vênus e a Virgem: A ironia boccacciana e a representação feminina no Decameron sob a ótica das traduções brasileiras.
Beatriz dos Santos Araujo

Boccaccio entre dois tempos de peste: *Decameron* em uma tradução pós-pandêmica
Rafaela dos Santos Ribeiro

A ruptura do mito materno e a construção da identidade feminina em *Verão no aquário*
Brenda Nascimento de Moura

Silêncio e deslocamento: uma geografia do feminino em Lygia Fagundes Telles e Lucia Berlin
Yasmim Nascimento de Paula Silva

Espacialidades da experiência feminina negra em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo
Larissa Carvalho Sobrinho

livro de resumos

SESSÃO 1

Quando o domínio é público: uma análise paratextual de edições brasileiras de 1984 a partir de 2021

Ana Paula Alvarez Ribeiro Lopes
Orientador: Prof. Dr. André Cabral de Almeida Cardoso

Esta proposta de comunicação tem como objetivo apresentar o projeto de pesquisa que visa à análise de edições brasileiras do romance 1984, de George Orwell, publicadas a partir de 1º de janeiro de 2021, data em que a obra do autor entrou em domínio público no país. Lançado pela primeira vez em 1949, o livro se tornou alvo de uma constante disputa de narrativas. O recorte temporal escolhido para o trabalho é propício para uma investigação profícua, pois permite refletir sobre como diferentes edições podem reinterpretar e atribuir novos sentidos à trama, especialmente em um momento de pandemia e acirramento da polarização política no Brasil. Para isso, é necessária uma abordagem paratextual do livro, que compreende os elementos que circundam o texto base, desde os verbais como prefácios, posfácios, notas, títulos, subtítulos, apresentações, dedicatórias e glossários aos não verbais como artes das capas, ilustrações, fotos, esquemas, além de aspectos relativos à formatação do texto como tipos de fontes, espaçamentos, cores e organização dos elementos visuais das páginas. Tais características são parte da obra e alteram seu significado, transformando a maneira como ela se apresenta ao leitor, além de influenciarem na sua recepção. Entende-se, a partir dessa perspectiva, que a leitura de um livro não é única e definitiva, pois é moldada não apenas pelo seu contexto histórico, mas também pela sua materialidade. As editoras possuem papel fundamental nesse processo, pois suas escolhas segmentam o público e oferecem leituras distintas de uma mesma história, reforçando a importância de estudar as intenções e os usos políticos de uma obra literária. As fontes primárias escolhidas foram as edições da Antofágica e da Faro Editorial, que apresentam diferentes alinhamentos políticos. Mesmo após 77 anos de sua primeira publicação, a obra-prima de Orwell continua comprovando sua força e relevância na contemporaneidade.

Palavras-chave: 1984; George Orwell; Livro; Paratexto; Recepção.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Maria Alice G. **Por que retraduzir?** Uma análise do caso de 1984, de George Orwell. Signo. Santa Cruz do Sul, v.46, n. 87, p. 35-43, set./dez. 2021.

CARNEIRO, Teresa Dias. **Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido**: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DAMASCENO, Bruno Soares. **1984, de George Orwell**: a recepção da obra no Brasil de 1954 a 2019 e a decadência da ideia de progresso. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História, 2023.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução: Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Antônio Xerxenesky. Ilustrações:Rafael Coutinho. São Paulo: Antofágica, 2021.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Rafael Arrais. Barueri: Avis Rara (Faro Editorial), 2021.

MELOT, Michel. **Livro**. Tradução de Marisa Midori Daeto e Valéria Guimarães. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

ZHANG, Bo. **Censura y traducción en la China contemporánea**: los paratextos de traducciones chinas de 1984 de George Orwell. Tesis Doctoral - Universidad de Huelva, Facultad de Humanidades, Departamento de Filología Inglesa, 2023.

Margear a literatura Llansoliana com a letra na ponta da língua.

Bárbara Barreto Nogueira
Orientadora: Profª. Drª.Tatiana Pequeno da Silva

O trabalho tem como objetivo desdobrar a questão acerca do corpo na escrita llansoliana. Tomando como ponto de partida a leitura da obra "O Falcão no Punho", de Maria Gabriela Llansol, buscaremos compreender como a escrita da autora inscreve o corpo em sua condição de extremidade. A questão origina-se com o fragmento em que Llansol relata a busca, sem sucesso, pela "Fotobiografia de Pessoa". Essa pequena passagem em seu diário constitui o fio para a escolha dos referenciais teóricos, entre os quais se destacam Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot, Jacques Lacan, entre outros. Com Nancy e Blanchot, principalmente, destacamos que o "corpus" não se oferece simplesmente como uma definição, mas, como uma torção, na qual, no lugar da captura, a escrita emerge como forma de tocar a extremidade ou o impossível, respondendo de outro modo à obrigação de significar o que é o corpo. Com Lacan, pretende-se discutir a dimensão da letra e do inconsciente e como ela recai sobre o corpo e a escrita. As formulações de Llansol, em diálogo com os autores, revelam-nos, de partida, que esse corpo não se deixa reduzir a mero objeto de saber ou representação. É como um "núcleo cintilante", um espaço onde a escrita e o vivo não se diferenciam. Llansol escreve: "destituo-me da literatura, e passo para a margem da língua [...] a reflectir que me devia perder da literatura para contar de que maneira atravessei a língua, desejando salvar-me através dela" (2011, p. 12). O trabalho também pretende investigar, no que concerne a esse afastamento da literatura e a essa passagem para a língua, sublinhando que o modo de escrever llansoliano tensiona as concepções de corpo e escrita na literatura.

Palavras chaves: Corpo; escrita; literatura; Maria Gabriela Llansol.

REFERÊNCIAS:

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LACAN, J. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 496-533.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O falcão no punho**. São Paulo: Autêntica, 2011.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Lisboa: Vega, 2000.

Para uma poética de um mundo em ruínas: o gótico e a narrativa do fim em The Road, de Cormac McCarthy

Giovanna Calispto
Orientador: Prof. Dr. André Cabral de Almeida Cardoso

Este trabalho investiga como o romance The Road (2006), de Cormac McCarthy, mobiliza elementos da tradição gótica para construir uma narrativa do colapso civilizacional no século XXI. Partindo da compreensão do Gótico não como um gênero historicamente delimitado, mas como uma poética capaz de se reconfigurar diante das crises da modernidade, a pesquisa analisa a centralidade da ruína, da fantasmagoria e do excesso como categorias estéticas e críticas. Inicialmente, discute-se a permanência do imaginário gótico e sua relação com a crise das promessas iluministas de progresso, destacando a ruína como figura que materializa a desagregação histórica e a falência de projetos civilizatórios. Em seguida, examina-se a representação do espaço em The Road, demonstrando como a paisagem devastada, a escrita fragmentada e a suspensão temporal configuram um mundo marcado pela impossibilidade de projetar futuros. A análise evidencia que as ruínas, os vestígios materiais da civilização e a recorrência de imagens espectrais transformam o romance em uma reflexão sobre a crise da temporalidade moderna. Por fim, aborda-se a representação da violência, da monstruosidade e da ética da sobrevivência, evidenciando como McCarthy atualiza temas tradicionais do Gótico para problematizar os limites morais da existência humana em um cenário pós-apocalíptico. Conclui-se que The Road reinscreve a tradição gótica em chave contemporânea, utilizando a ruína como instrumento crítico para pensar os impasses históricos, éticos e imaginativos da modernidade tardia.

Palavras-chave: Gótico; Ruína; The Road; Cormac McCarthy; Pós-apocalipse.

REFERÊNCIAS:

BOTTING, Fred. **Gothic**. London; New York: Routledge, 1996.

BUOGO, Igor de Mattia; CAROLA, Carlos Renato. O fim da civilização moderna e o percurso formativo da humanidade no mundo pós-apocalíptico imaginado pela literatura ocidental (1800-1950). **Anthropocenica: Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 4, p. 1-15, 2023.

FRANÇA, Júlio. O Gótico e a presença fantasmagórica do passado. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA**, 15., 2016, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 2492-2502. [1]

IBARROLA-ARMENDARIZ, Aitor. Cormac McCarthy's The Road: Rewriting the Myth of the American West. **European Journal of American Studies**, v. 6, n. 3, p. 1-15, 2011.

LIÉNARD-YETERIAN, Marie. Gothic Trouble: Cormac McCarthy's The Road and the Globalized Order. **Text Matters: A Journal of Literature, Theory and Culture**, n. 6, p. 144-158, 2016.

MCCARTHY, Cormac. **The Road**. New York: Vintage International, 2007.

Camões e Vascos: ficção como arquivo de identidade no Rio de Janeiro.

Karina Gonçalves Parmanhani
Orientador: Prof. Dr. Luis Maffei

Fundado por imigrantes portugueses no Rio de Janeiro, o Club de Regatas Vasco da Gama carrega no próprio nome a marca de uma travessia: a do navegador que abriu o caminho para o Oriente e que Luís de Camões imortalizou n'Os Lusíadas. Mais do que homenagem nominal, essa herança revela um gesto de (re)invenção identitária: imigrantes que, longe de Portugal, recorreram à épica camoniana para fundar não apenas um clube, mas uma narrativa de si. Esta comunicação tem como objetivo investigar a relação entre o Vasco de Camões e o Vasco de São Cristóvão como um espaço de diálogo entre história, ficção e memória cultural. A hipótese central é a de que as palavras camonianas nomearam o herói e, ao fazê-lo, constituíram o clube e a identidade que ele ainda carrega. Para isso, percorro os rastros dessa herança épica no cotidiano vascaíno, dos azulejos portugueses ao samba entoado nas arquibancadas após os gols, mobilizando o aparato teórico de Teresa Cristina Cerdeira e Helder Macedo para analisar as narrativas que selecionam e projetam o passado lusitano e seguem produzindo pertencimento no presente carioca. Como resultado parcial, a pesquisa demonstra que Camões deixou de ser apenas poeta nacional para tornar-se pai de signos transculturais. Através de uma pesquisa quantitativa aplicada a torcedores, compreende-se que a relação especular entre poeta e herói é o que permite ao navegador atravessar tempos, oceanos e classes sociais, sendo reativado por sujeitos que precisavam de uma épica própria: portugueses, imigrantes, vascaínos. Situar o clube e seus torcedores como objeto literário e histórico, e tomar o futebol, esporte popular por excelência, como território legítimo de investigação das humanidades, é, em si, uma aposta desta pesquisa: a de que as fronteiras entre literatura, história e identidade se revelam, também, nas arquibancadas.

Palavras-chave: Camões; ficção historiográfica; memória cultural; identidade; literatura e futebol.

REFERÊNCIAS:

BERARDINELLI, Cleonice. **Estudos Camonianos**. 2ª edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Cátedra Padre António Vieira, Instituto Camões, 2000.

CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

MACEDO, Helder. **Camões e a Viagem Iniciática**. Moraes, Lisboa, 1980.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **De viagens e viajantes**: Camões, Garrett e Saramago. Revista do Centro de Estudos Portugueses, Belo Horizonte.

Gênero, nação e desencanto nos contos de João Melo e Lília Momplé

Mayara Gonçalves Marques da Silva
Orientadora: Profª. Drª.Tatiana Pequeno da Silva

Este trabalho possui o objetivo de analisar os contos “Natasha” e “O Feto”, presentes no livro Filhos da Pátria (2001), do escritor angolano João Melo, e "Um canto para morrer" e " Os olhos da cobra verde", presentes na coletânea homônima (1997), da autora Lília Momplé, investigando como as múltiplas violências se configuram como subprodutos de projetos de identidade, respectivamente, angolano e moçambicano pós-independência marcados pelo pessimismo e pela crise. Por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, a pesquisa procura evidenciar que, ainda na contemporaneidade, persistem traumas e discursos que naturalizam hierarquias e exclusões, refletidos na literatura como crítica às guerras civis e ao fracasso das promessas nacionais. A análise fundamenta-se nos referenciais teóricos de Lugones (2008), Ribeiro (2013), Mbembe (2018; 2020) e Agamben (1995) para investigar como corpos racializados e femininos são reduzidos à vida nua, destituídos de direitos e expostos à precariedade, e, consequentemente, como a colonialidade do poder se atualiza na violência e na dominação dos corpos femininos.

Palavras-chaves: Literaturas africanas de língua portuguesa; João Melo; Lília Momplé; Violência de gênero; Patriarcalismo.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua l. Belo Horizonte: Editora

UFMG, 2002.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro. Editora: PUC-Rio: Apicuri, 2016

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.).

Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 53-83

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, 2021.

Distopias latino-americanas: governos invisíveis com necropolíticas evidentes

Pedro Frazão
Orientador: Prof. Dr. André Cabral de Almeida Cardoso

Os textos clássicos da literatura distópica apresentavam repetidamente estruturas de poder opressoras que ordenavam os grupos sociais representados. A república teocrática de Gilead, de The Handmaid's Tale (ATWOOD, 1985), ou o superestado da Oceânia, de 1984 (ORWELL, 1949), são exemplos de estruturas desse tipo, delineadas em obras que garantiam ao leitor informações detalhadas sobre o tipo de Estado ou arranjo distópico que se fazia presente em cada narrativa. Neste trabalho, no entanto, voltaremos nosso olhar para as distopias latino-americanas, que não parecem desenvolver esse mesmo expediente narrativo no que diz respeito à descrição das organizações distópicas. Em obras como Saboroso Cadáver (2022), de Agustina Bazterrica, Gosma Rosa (2022), de Fernanda Trias, e Entre o céu e o sal (2022), de Everton Behenck, os poderes que regulam a vida dos personagens são agentes, até certo ponto, invisíveis e vagos, mesmo que suas práticas necropolíticas sejam sentidas o tempo inteiro. Nesse sentido, iremos investigar, nesta apresentação, a razão pela qual esse procedimento tem se disseminado enquanto característica comum entre as distopias escritas na América Latina, além de discutir os possíveis efeitos práticos que ele produz na configuração do gênero distópico quando produzido fora do eixo hegemônico. A partir dessas elaborações, seremos capazes de reconhecer melhor a influência que o passado colonial das comunidades latino-americanas, o qual teve sua atuação marcada por estratégias de confusão e controle das estruturas sociais e políticas dos grupos colonizados, exerceu nas suas literaturas distópicas, bem como entender, até certo ponto, o atual impacto das práticas necropolíticas aplicadas na região em um imaginário cultural compartilhado.

Palavras-chave: Distopia; América Latina; necropolítica; desigualdade social; literatura comparada.

REFERÊNCIAS:

DAFLON, Claudete. **Meu país é um corpo que dói**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura, Florianópolis**, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VARSAM, Maria. **Concrete Dystopia**: Slavery and Its Others. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination. New York; London: Routledge, 2003. p. 203-224.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale**. New York: Ecco, 1986. [1a ed. 1985]

BAZTERRICA, Agustina. Saboroso Cadáver. Trad.: Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2022.

BEHENCK, Everton. **Entre o céu e o sal**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2022.

ORWELL, George. 1984. Harlow: Pearson Education, 1949.

TRÍAS, Fernanda. **Gosma Rosa**. São Paulo: Moinhos, 2022.

SESSÃO 2

Um Estudo à Luz da Sensorialidade Em A Maçã No Escuro

Andressa de Azevedo Martins
Orientador: Prof. Dr. Roberto Acízelo

Esta pesquisa pretende analisar *A maçã no escuro* (1961), terceiro romance de Clarice Lispector, escrito nos Estados Unidos em 1956, refletindo sobre a construção da linguagem de uma jovem escritora em início de carreira. Busca-se identificar, investigar e discutir os detalhes sensoriais como processo de singularidade na sua escrita, a partir do corpo, cerne do estudo ora proposto e dos diferentes espaços, campos de sensações, deslocando a primazia de uma trama narrativa em torno de acontecimentos objetivos. Nesse sentido, destaca-se a concepção de Benedito Nunes (1995), ao afirmar que "a linguagem é a maçã mesma a ser mordida, mas dessa vez sem culpa". Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de embasamento crítico-literário, sendo os principais aportes Nadia Gotllib, Teresa Montero, Vilma Arêas, Olga Borelli e Benedito Nunes. Os estudos do filósofo Maurice Merleau-Ponty, em A fenomenologia da percepção (1999), contribuirão para a análise do corpo em suas relações com o pensamento como ressignificação na compreensão do mundo. As teorias do antropólogo francês Marc-Augé fomentarão as pesquisas relacionadas aos espaços que se apresentam ao longo da narrativa, pautadas nas concepções de "não lugar" e "lugar antropológico". Também serão tomados como subsídios teóricos a correspondência entre Lispector e Fernando Sabino, em Cartas perto do coração, organizadas e publicadas em 2001 por Sabino. Serão analisadas as cartas especialmente entre 2 de fevereiro de 1953 e 24 de janeiro de 1957, período de preparação de A maçã em que a autora revela, inicialmente, que estava "trabalhando mal e mal num romance ou novela, lutando contra uma impressão muito certa de inutilidade". Dessa forma, torna-se pertinente ler essa obra como ato de criação e descoberta, utilizando expressão encontrada em uma das crônicas de Clarice Lispector nos anos de 1960: uma "inauguração do futuro".

Palavras-chave: Escrita; linguagem; corpo; experiências sensoriais.

REFERÊNCIAS:

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOTLIB, N. B. (2013). **Clarice, uma vida que se conta** (7a ed. rev. e aum.). São Paulo, SP: Edusp.

HELENA, Lucia. **Nem musa, nem medusa**: itinerários da escrita em Clarice Lispector. 3. ed. Niterói: Editora da UFF, 2010.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica/ Diana Klinger. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Letras, 2012.

LISPECTOR, Clarice, 1920-1977. **A maçã no escuro**/ Clarice Lispector – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as cartas**/ Clarice Lispector; prefácio e notas bibliográficas Teresa Montero; posfácio Pedro Karp Vasquez; pesquisa textual e transcrição das cartas Larissa Vaz. – I. ed. – Rio de Janeiro, Rocco, 2020.

A crise do sujeito em Álvares de Azevedo e Ana Cristina Cesar: estudos da Lírica e da Melancolia

Antonio Nogueira
Orientadora: Profa. Dra. Flávia Amparo

A pesquisa possui o intuito de analisar o desdobramento da melancolia nos autores Manuel Antonio Álvares de Azevedo (1831 – 1852) e Ana Cristina Cesar (1952 – 1983). A premissa para este trabalho é de que a melancolia se coloca como condição estruturante do fazer poético dos autores citados. Essa perspectiva é esboçada através de uma análise teórica que incide, primeiramente, na evolução da lírica, principalmente em meados do século XIX, com Charles Baudelaire, considerado pai da modernidade. Tal reflexão é feita sob o auxílio de Diana Klinger e Hugo Friedrich. Em seguida, passa-se a tratar de um estudo conceitual da própria melancolia, através de Sigmund Freud e Julia Kristeva como principais referências na área. Por fim, elabora-se uma leitura das obras de Álvares de Azevedo e de Ana Cristina Cesar, a considerar as rupturas históricas e culturais, no intuito de corroborar o que antes havia sido postulado, reconhecendo diferenças e semelhanças entre os autores, apesar do hiato temporal.

Palavras-chave: Melancolia; Lírica; Álvares de Azevedo; Ana C.; Poesia.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Álvares de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 23-50.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

KLINGER, Diana. Lírica. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro**: depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

O olfato como gesto

Débora S.S. Rosa
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller

No documentário dirigido por Georges Gachot, Maria Bethânia diz: "A música é uma coisa que é como perfume. É imediato, é sensorial. Música e perfume… não tem coisa que faça você, em fração de segundos: visualizar, sentir, viver, lembrar, raciocinar sobre um assunto do que uma música, um cheiro, um perfume." Se pensarmos na sinestesia como o processo que mescla, aproxima e põe em relação múltiplos sentidos do corpo, cabe considerarmos que estes estímulos também podem vir de mídias diferentes e assim, mesclam-se na forma para pôr em diálogo expressões artísticas distintas. Tomando este pensamento como ponto de partida, proponho a seguinte combinação: a arte estatuária, visual e tátil de Ernest Christophe e a poesia multisensorial produzida por Charles Baudelaire; mais especificamente o poema ecfrástico do poeta dedicado a uma das obras de Christophe e homônimo à ela, de título Danse Macabre. A proposta é pensar uma genealogia do gesto a partir da análise tanto do poema quanto da escultura em quatro movimentos – aqui o uso do termo movimentos também está situado na proposta pela sinestesia e pela multimidialidade, relacionadas ao poema sinfônico composto por Camille Saint-Saëns, também de mesmo nome. A princípio iremos adentrar na dimensão auditiva e musical do poema a partir das métricas e da versificação. Encerrada essa etapa, em um segundo momento será explorada a relação entre Baudelaire e Christophe até a elaboração da écfrase. No terceiro movimento, a partir de textos teóricos que nos amparem nas reflexões a respeito do gesto, poderemos pensar em como o gesto do corpo é interrompido ou antes, fixado na estátua e no poema para somente aí, no último movimento, refletirmos sobre o olfato como gesto que se desprende da forma estatuária e contamina o poema.

Palavras-chave: Baudelaire; gesto; poesia; sinestesia

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN,Giorgio. **Notas sobre o gesto**. Tradução. Vinícius Nicastro Honesko. Artefilosofia, Ouro Preto, n.4, p. 09 -14, jan. 2008.

AGAMBEN,Giorgio. Kommerell, ou do gesto. In: **A potência do pensamento**. Tradução: António Guerreiro, 2015.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BIGÉ, Romain. **Nota sobre o conceito de gesto**. Tradução: Paula Glenadel. 2020.

CAMÊLO, Francisco. **O avesso do bordado**: Walter Benjamin, José Leonilson e Lu Menezes. IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.22, n.2, p.118-127, jul./dez. 2018.

RABATÉ, Dominique. **Retorno à noção de gestos líricos**. Tradução: Paula Glenadel. 2013.

ROGER, Thierry. **Mímicas: notas sobre o gesto poético**. Tradução: Paula Glenadel. 2016.

O poema, máquina de produzir dissonância

Luan Sabino Siqueira
Orientadora: Profa. Drª. Anita Martins Rodrigues de Moraes

Esta comunicação propõe a leitura de alguns poemas de Edimilson de Almeida Pereira (Juiz de Fora, 1963) a partir do conceito de dissonância, considerando a proposição inicial feita por Hugo Friedrich no livro Estrutura da lírica moderna (1956) e os seus consequentes desdobramentos desde então. Enfatizando a tensão existente na obra do poeta mineiro entre forma e conteúdo, conforme figura nos volumes Livro de falas (Edição do autor, 1987), Homeless (Mazza, 2010) e E (Patuá, 2017), pretendemos analisar as estratégias formais que o autor mobiliza a fim de "subjetivar o real" (Pereira, 2023) em seus poemas. Para tanto, levaremos em consideração os textos que, de algum modo, parecem se ancorar na realidade histórico-social, mas que, ao fazer isso, acabam por produzir efeitos de subjetivação, apelando para recursos de linguagem que visam ao encobrimento do real. Nesse sentido, será importante em nossa análise demonstrar como a presença de referências sagradas, sobretudo do universo afro-brasileiro, parece ser determinante neste processo de velamento, articulando uma linguagem poética experimental que se caracteriza por sua opacidade.

Palavras-Chave: dissonância; Edimilson de Almeida Pereira; sagrado; poesia contemporânea.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Recitação da passagem**: a obra poética de Edimilson de Almeida Pereira. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

CAPILÉ, André. **Estudando a voz & outros ritmos de ouvido em Edimilson de Almeida Pereira**. In: Poéticas ao rés do real. Masé Lemos, Celia Pedrosa, Paula Glenadel (org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2025, p. 129-147.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas cidades, 1978.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Livro de falas** = Book of voices. Imagens: Antônio Sérgio Moreira; tradução: Steven White. Juiz de Fora: Funalfa; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **E**. São Paulo: Patuá, 2017.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau**: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Poesia & agora**: volume 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2025a.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Poesia & agora**: volume 2. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2025b.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **A realidade – teia para o pensamento**. Gragoatá, Niterói, v. 27, n. 57, p. 187-213, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i57.51482. Acesso em 10 set. 2024.

REZENDE, Carolina Anglada de. Forma e antiforma: a poesia em desmonte de Edimilson de Almeida Pereira. In: **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 44(2), 2022, p. 1-11. Disponível em: https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v44i2.60422. Acesso em 25 jul. 2023.

Luto, Melancolia, Memória e Loucura: uma análise poética de breve ato de descascar laranjas, de Bianca Monteiro Garcia

Thafnes Viana da Silva Diniz
Orientadora: Profª Drª Anna Faedrich Martins Lopez

A partir de uma base teórico-metodológica psicanalítica freudiana, busco, por meio deste trabalho ainda em andamento, tecer reflexões e apresentar análises poéticas do livro breve ato de descascar laranjas (2023), de Bianca Monteiro Garcia, com ênfase nas temáticas do luto, melancolia, memória e loucura. Sendo assim, como aporte teórico para essa pesquisa, recorro aos conceitos de sujeito enlutado e sujeito melancólico, definidos no texto Luto e Melancolia (2012), de Sigmund Freud, a fim de analisar a relação do eu lírico de Garcia com a morte, a memória e o luto. Freud (2012), portanto, diferencia-os a partir da maneira como reagem diante da morte: enquanto o sujeito enlutado passa pelo processo da perda do objeto amado, o sujeito melancólico interpreta-o também como a morte de si mesmo. Nesse sentido, "a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação." (Freud, 2012, p.32). Além disso, tenho como objeto de estudo a loucura, e, para fins de análise, recorro ao livro Estudos sobre a histeria (2016), de Sigmund Freud, com o objetivo de compreender as possíveis relações entre histeria e eventos traumáticos anteriores acionados pela memória, e Hospício é deus (2016), de Maura Lopes Cançado, explorando, sobretudo, as relações de intertextualidade entre Garcia e Cançado.

Palavras-chaves: Bianca Monteiro Garcia; memória; luto; melancolia; loucura.

REFERÊNCIAS:

CANÇADO, M. Lopes. **Hospício é Deus**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREUD, S. Freud. **Obras completas volume 2**: Estudos sobre a histeria. Tradução: Paulo César De Souza; Tradução: Laura Barreto. Edição Português ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 1a

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GARCIA, Bianca Monteiro. **breve ato de descascar laranjas**. Rio de Janeiro: Macabéa Edições/ 7Letras, 2023.

SESSÃO 3

As figurações do outro: uma análise de *Palestina en pedazos*, de Lina Meruane

Amanda Vieira dos Santos
Orientadora: Profª. Drª. Viviana Gelado

Este projeto propõe uma análise crítica das representações da outridade colonial na literatura latino-americana contemporânea, a partir da obra da escritora chilena Lina Meruane. A pesquisa fundamenta-se na compreensão de que a produção literária da América Latina permanece profundamente marcada pelos efeitos históricos do colonialismo, cujas heranças continuam a se manifestar, mesmo na contemporaneidade, por meio de relações de dominação, exclusão e violência. Nesse contexto, o estudo investiga como uma obra de caráter ensaístico e autobiográfico evidencia a permanência de estruturas coloniais na modernidade tardia, expressas na marginalização de determinados espaços, na precarização das condições de vida e em múltiplas formas de violência. Por meio da construção da narradora-personagem, da representação dos cenários, dos deslocamentos fronteiriços e das estratégias discursivas, a pesquisa examina o papel da literatura na constituição de subjetividades atravessadas pela experiência colonial. Além disso, destaca-se a capacidade da obra de confrontar processos históricos de silenciamento e invisibilização de sujeitos e territórios. Dessa forma, o texto não apenas representa o "outro" colonial, mas também denuncia mecanismos de opressão que reduzem indivíduos à condição de objetos, evidenciando a permanência de dinâmicas necropolíticas no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: literatura contemporânea; necropolítica; figurações do outro.

REFERÊNCIAS:

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MERUANE, Lina. **Tornar-se Palestina**. 2. ed. ampl. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2025.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos:** y una antropología por demanda. 2. ed. Barcelona: Ariel, 2021.

WEINBERG, Liliana. O ensaio em diálogo: da terra firme ao arquipélago relacional. *Remate de Males*, Campinas, v. 37, n. 2, p. 523-546, jul./dez. 2017.

A representação da morte nas literaturas da América Latina

Kathelen Dutra Goes
Orientadora: Profª. Drª. Ekaterina Vólkova Américo

O objetivo do trabalho é levantar um panorama sobre a morte nas literaturas da América Latina através de uma revisão bibliográfica, observando as significações da morte nas narrativas latino-americanas. Para tanto, pretende-se analisar as obras *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, *País sem Chapéu*, de Dany Laferrière e *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo. Busca-se, assim, realizar uma análise sociológica da morte, do sincretismo religioso presente nas obras, da confluência cultural e do mágico latino-americano inserido no cotidiano (Santos e Borges, 2018). No intuito de problematizar a concepção da morte, as reflexões de Gabriel García Márquez e Alba Acosta (2012) são fundamentais a fim de discutir o sincretismo religioso e cultural, bem como as distintas representações da morte na literatura. No seu discurso, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1982, Márquez salienta uma realidade descomunal e desaforada, que faz parte do cotidiano latino-americano, muitas vezes tida como difícil de conceber, nos fazendo refletir sobre a concepção de realismo mágico. Nesse panorama, constata-se que a manifestação da morte nas literaturas latino-americanas perpassa por diferentes momentos e objetivos, desde uma representação romântica até uma construção de uma identidade nacional, como no caso do México, principalmente após períodos ditatoriais. Há ainda a busca por uma união após momentos de conflitos e tensões, em que a literatura funciona como uma ferramenta capaz de evidenciar diferentes visões sobre a morte: como processo de encerramento de ciclo, metáfora de superação e denúncia. No final do século XIX ocorre a ocidentalização da morte (Acosta, 2012) que na literatura passa a ser abordada não apenas como um processo físico, mas também simbólico, como o adoecimento e deterioração de sistemas e referências, como metáfora e rememoração. Por fim, pode-se afirmar que a morte serve como instrumento de denúncias das condições sociais e políticas.

Palavras-chave: Literaturas latino-americanas; Morte na literatura; Realismo mágico.

REFERÊNCIAS:

ACOSTA, Alba Roxana Villarreal. **La representación de la muerte en la literatura mexicana. formas de su imaginario**. 2013. Tese (Doutorado em Falculdade de Filologia) – Universidad Complutense De Madrid, Espanha, 2012. Disponível em: https://docta.ucm.es/rest/api/core/bitstreams/c3f787ad-0481-4208-80cf-f5297e7c5894/content Acesso em: 10 Abril 2026.

LAFERRIÈRE, D. **País sem chapéu**. Tradução de Heloisa Caldeira Alves Moreira. São Paulo: Editora 34, 2011.

RULFO, Juan. **Pedro páramo**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 2023.

SANTOS, B. C. dos; BORGES, E. J. Realismo mágico e real maravilhoso: um anseio de afirmação da literatura latino-americana. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios**, n. 32, p. 20-27, 12 abr. 2018. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/16946. Acesso em: 20 abril. 2026.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. Editora Companhia das Letras, 2006.

Revisitando a transculturação narrativa: diálogos entre a literatura brasileira e a hispano-americana

Pedro Caldas Gomes Gagliano
Orientadora: Profª. Drª. Livia Reis

Este trabalho propõe uma revisão crítico-teórica do conceito de transculturação narrativa, formulado por Ángel Rama (1982), buscando tensionar suas fronteiras e operacionalidade quando colocado em diálogo direto com a tradição crítica do Regionalismo na literatura brasileira. Tomando como ponto de partida a necessidade de estabelecer pontes metodológicas mais sólidas dentro dos estudos comparados na América Latina, a apresentação discute de que maneira as formulações de Rama e os estudos críticos sobre Regionalismo no Brasil após a década de 1940 complementam-se. O objetivo é demonstrar que, longe de serem categorias isoladas por barreiras linguísticas ou geográficas, o regionalismo brasileiro e os processos transculturais hispano-americanos partilham do esforço de processar a modernidade a partir de vozes heterogêneas e periféricas. Para dar concretude ao debate dentro do limite temporal proposto, mapeia-se como essa confluência teórica manifesta-se em alguns romances latino-americanos, preparando o terreno para uma leitura comparativa que abarque a complexidade e a singularidade das narrativas da região. Desse modo, o ensaio problematiza o papel da crítica contemporânea na validação dessas zonas de contato, oferecendo um instrumental renovado que serve de base para o desenvolvimento de um capítulo expandido voltado à coletânea do seminário.

Palavras-chave: Transculturação narrativa; Regionalismo; Literatura comparada; Crítica literária latino-americana.

REFERÊNCIAS:

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2v. 8ª ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1997.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura y subdesarrollo. In: FERNANDEZ MORENO, Cesar. **América Latina en su literatura**. México: Siglo XXI / Unesco, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 1ª ed. Editora Todavia, São Paulo, 2023

COUTINHO Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). **Literatura comparada***:* textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. acadêmica.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco**. Havana: Siglo XXI Editores, 1982.

ORTIZ, Fernando. **Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana**. 41 – 58, 2006.

RAMA, Angel. **Transculturación narrativa em América Latina**. México: Siglo XXI Editores, 1982.

RAMA, Angel. Los procesos de transculturación em la narrativa latino-americana. In: **La novela latino-americana 1920-1980**. Bogotá: Instituto colombiano de Cultura, 1982.

REIS, Livia. **Conversas ao sul**. Ensaios sobre literatura e cultura latino-americana. Niterói: EdUFF, 2009.

Arlt e Walsh: escritores para além das fronteiras

Pedro Rodrigues de Luca
Orientadora**:** Profª. Drª. Viviana Gelado

A figura do escritor no século XX passou por uma série de transformações que alteraram não só os meios e formas de publicação e circulação dos textos e de interlocução com o público-leitor, como também a configuração do próprio ofício. Do literato na política (predominante no século XIX) ao escritor-jornalista do século XX, novas posições de escritura surgiram e se consolidaram a partir dessas mudanças. Roberto Arlt (1900-1942) e Rodolfo Walsh (1927-1977) foram dois escritores argentinos reconhecidos não apenas por compartilharem a centralidade do jornalismo como profissão, mas também por fazerem do conto policial uma das linhas mais importantes dentro dos seus respectivos projetos estético-literários. Tomando como base uma seleção de contos de ambos autores, esta comunicação se propõe a investigar, inicialmente, os modos como se opera um deslocamento do cânone para (re)pensar o lugar do escritor dentro da sociedade; e, logo a seguir, os modos como se inscrevem outros lugares no marco da tensão constante entre literatura, história e crítica. Desde que lugar e contra quem escrevem Arlt e Walsh? Quais os elementos de tensionamento do gênero policial em seus contos? Como estruturam uma ficção que problematiza a pobreza e a violência dentro das transformações socioeconômicas e das práticas literárias ao longo do século XX? No marco da reflexão apresentada por Piglia em *Las tres vanguardias* (1990), nos apontamentos de Mignolo (2003) sobre a relação entre sistemas de saber e sistemas de poder, e também sobre a proposição de uma lógica ainda colonial que Rama descreve em *La ciudad letrada* (1984), pretendemos propor alguns modos de trilhar um caminho comparativo entre ambos os autores que também promova articulações críticas dentro do marco da modernidade na América Latina (Ramos 2008).

Palavras-chave: Literatura Argentina; Modernidade latino-americana; Subjetividade Fronteiriça; Literatura policial

REFERÊNCIAS:

ARLT, Roberto. **Cuentos completos**. Buenos Aires: Editorial Losada, 2012.

BECHARA, Marcelo Alejandro. **Periodismo y literatura**: lo fantástico y lo policial em Walsh. Entre Ríos: Centro de Producción en Comunicación y Educación de la Facultad de Ciencias de la Educación, 1998 (tesis).

GOLDAR, Ernesto. **Proceso a Roberto Arlt**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1985.

LAFFORGUE, Jorge (org.). **Textos de y sobre Rodolfo Walsh**. Buenos Aires/Madri, Alianza, 2000.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PIGLIA, Ricardo. **Las tres vanguardias**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2016.

RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideo: Arca, 1995.

RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VIÑAS, David. **Literatura argentina y realidad política**. Buenos Aires: Jorge Álvarez Editor, 1964.

WALSH, Rodolfo. **Cuentos completos**. Madrid: Veintisiete Letras, 2010.

A literatura e o discurso onírico: a literatura latino-americana que sonha durante regimes totalitários

Pedro Pereira
Orientadora: Profª. Drª. Claudete Daflon

O projeto investiga o discurso onírico dentro de uma produção literária na América Latina que narra as experiências das ditaduras no território no final do século XX. Para isso, primeiro são apresentados os entendimentos do papel dos sonhos a partir da formação das ciências humanas na Europa até o contexto da virada linguística, da maneira como o sonho perde seu valor enquanto efeito de presságio ou de resposta a causas naturais até uma matéria possível para a investigação do passado. Para isso, foram revisitadas a leitura de Koselleck sobre o trabalho de Charlotte Beradt em "Sonhos do terceiro Reich" e a proposta Peter Burke de uma história social dos sonhos. Percebe-se que ambas as propostas, ainda que interessadas nos sonhos, ora os coloca como fonte secundária, um exercício que não fundamentaria um trabalho historiográfico – tal como seria o interesse da história tradicional pelo texto literário – ora envolve o trabalho dos sonhos em um espaço secundário para entender as experiências sociais estudadas pelos antropólogos no século XX. Em um segundo momento, o projeto considera a possibilidade de os textos literários eles mesmos serem exercícios teórico-práticos capazes de tensionar e mobilizar os relatos de sonhos em momentos nos quais o intento de abordar, entender realidades intensas e dolorosas, não consegue ser tratado pela narrativa organizada, seja pelo relato narrativo, seja por uma metodologia racional para tentar abordar uma realidade muitas vezes irracional. Para tal, é proposta a leitura de alguns romances contemporâneos que apontam para essa possibilidade narrativa: Leopoldo Brizuela (Uma mesma noite), Nona Fernández (Space Invaders), Bernardo Kucinski (Os visitantes), entre outros. O trabalho, portanto, considera pensar como o discurso onírico, e literário, oferece um contraponto ao discurso racionalizante das ciências humanas enquanto aborda passados e fantasmas específicos, localizados e comuns ao nosso espaço.

Palavras-chave: Literatura comparada; Literatura contemporânea; Estudo dos sonhos; Literatura latino-americana; Teoria da história.

REFERÊNCIAS:

BERADT, Charlotte. **Sonhos no terceiro Reich**. São Paulo: Fósforo, 2022.

BRIZUELA, Leopoldo. **Uma mesma noite**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BURKE, Peter. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERNÁNDEZ, Nona. **Space Invaders**. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

KOSELLECK, Reinhart. Posfácio. In: **Charlotte Beradt**. Sonhos no terceiro Reich. São Paulo: Fósforo, 2022.

KUCINSKI, Bernardo. **Os visitantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SESSÃO 4

Uma escrita (des)identitária: as reverberações da cultura cubana na poética de Severo Sarduy

Felipe de Britto Maiello
Orientadora: Profª. Drª Tatiana Pequeno

Este trabalho tem como objetivo investigar as reverberações da formação cultural cubana na obra do escritor neobarroco Severo Sarduy. Conforme explica Echevarría (1999), a nação cubana é central no trabalho de Sarduy e atualiza-se em sua escrita a partir da "impossibilidade de ser e de ser de ou em algum lugar" (p. 1591). Trata-se de uma escrita que, assim como a cultura cubana, rechaça a identidade fixa e se sustenta na tensão entre diversas vozes sincrônicas. Portanto, para refletir sobre essa cultura, mobiliza-se um quadro teórico que articula as noções de "transculturação", de Fernando Ortiz (1978), e de "polirritmo" caribenho, de Benítez Rojo (1998). Metodologicamente, a pesquisa adota a psicanálise como viés de investigação, o que se justifica pela centralidade que a noção lacaniana de *objeto a* tem na escrita do autor e em seu entendimento do barroco (SARDUY, 2011). Como resultado parcial desta discussão, aponta-se que a obra de Sarduy possibilita não apenas repensar o fazer literário, a cultura e o Estado-nação, mas também extrair uma concepção de identidade que tensiona a noção moderna de indivíduo e de individualidade.

Palavras-chave: Severo Sarduy; Literatura Cubana; Cultura Cubana; Identidade; Psicanálise.

REFERÊNCIAS:

ECHEVARRÍA, Roberto Gonzalez, Plumas, sí: De donde son los cantantes y Cuba. *In*: **Obra completa:** Severo Sarduy: edición crítica. 1 ed. Madrid; Barcelona; Lisboa; México, Buenos Aires; São Paulo; Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX, 1999.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1978.

SARDUY, Severo. **El barroco y el neobarroco**. con prólogo de Valetín Diaz. 1ª ed. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2011.

ROJO, Antonio Benítez. **La isla que se repite**. Barcelona: Editorial Casiopea, 1998.

O teórico em ‘formação’: análise da produção imagética acerca de Antonio Candido

Larissa Coelho
Orientadora: Profª. Drª. Anita Martins Rodrigues de Moraes

A pesquisa se propõe a analisar a construção da figura de Antonio Candido a partir de textos escritos sobre o autor. Investigaremos, como ilustrado no título, essa espécie de teórico em ‘formação’, tema que remete a um de seus livros – *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959; 2006) – a principal referência para se pensar a literatura brasileira. Formação, nesse caso, se volta à figura do estudioso que é construída nos textos teóricos e críticos acerca de sua obra. Tentaremos responder às seguintes perguntas: como a leitura de Candido tem sido propulsora de novas reflexões sobre os conceitos de “humano”, “nação”, "cultura”, “direito à literatura”, “criatividade”? E como outras produções, por meio do silêncio normalizante acerca destas ideias, têm contribuído para a manutenção de certos regimes de verdade no que diz respeito à literatura e sua recepção? Além disso, como o nome de Candido tem sido usado como dispositivo de legitimação teórica e intelectual de acadêmicos e suas produções teóricas? Qual é o papel da instituição nestes jogos discursivos? Essas perguntas serão pensadas com o aporte teórico de Michel Foucault (2000 [1969a]; 2008 [1969b]), de Antoine Compagnon (1996) e de Pierre Bourdieu (1980; 1984). Nosso objetivo será a compreensão das dinâmicas discursivas que engendram o diálogo entre Candido e seus herdeiros acadêmicos, para nos valermos da noção que Derrida constrói acerca de herança (1993), tida menos como ato passivo de recepção e mais como inquietação epistemológica e responsabilização ética acerca do que nos é deixado.

Palavras-chave: meta-análise; influência; formação; herança; capital cultural.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Florianópolis: UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Eneida Maria de Souza. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

FOUCAULT, Michel. Qu’est‑ce qu’un auteur ? Bulletin de la Société française de philosophie, Paris, v. 63, n. 3, p. 73–104, jul./sept. 1969a.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Editions Gallimard, 1969b.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

Escrita e reescrita: a voz e a vez de Capitu

Luiza Puntar Muniz Barreto
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Chiarelli

Passado mais de um século da publicação de Dom Casmurro (1899), de Machado de Assis, o enredo narrado em primeira pessoa por Bento Santiago continua sendo debatido, especialmente no que diz respeito à personagem feminina, aquela que ganha ares de protagonista, sem que nunca ganhe voz. Amplamente revisitada, Capitu continua a pairar sobre o cenário literário contemporâneo, ensejando debates, adaptações e releituras. Em meio a tantos diálogos, destacam-se, neste trabalho, duas obras escritas por mulheres: *A audácia dessa mulher* (1999), de Ana Maria Machado e *O exílio de Capitu* (2020), de Glória Vianna. Em ambos os romances, as autoras reconstituem a voz da personagem a partir do que se pode chamar de registros íntimos. No primeiro caso, baseando-se na descoberta de uma espécie de diário mantido por Capitu desde a adolescência; no segundo, são as cartas enviadas da Suíça pela mulher a Bento Santiago que servem de mote para a recuperação de sua experiência de exílio. Nesta análise, a reconstituição narrativa a partir da subjetividade feminina se entrelaça a discussões a respeito da formação e da consolidação do cânone literário, com a abordagem e a discussão de seus métodos e critérios patriarcais, passando pelo debate acerca das transformações que o mercado editorial, o discurso acadêmico e as próprias identidades vêm passando ao longo dos anos.

Palavras-chave: Escrita íntima feminina; Cânone literário; Dom Casmurro; Capitu; Releituras;

REFERÊNCIAS:

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico* dilemas da subjetividade contemporânea; tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palotti, 1997.

LEJUENE, Phillipe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet.* Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACHADO, Ana Maria. Página oficial. Disponível em: https://www.anamariamachado.com.br/. Acesso em: 19 set. 2025.

MACHADO. Ana Maria. *A audácia dessa mulher*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Escritoras Brasileiras do Século XIX. Antologia Volume II. Rio Grande de Sul: Edunisc, 2004.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

VIANNA, Gloria. *O exílio de Capitu, suas cartas e outras curiosidades*. São Paulo: Helvetia Editions, 2020.

A Literatura Comparada como Manifestação do Imperialismo em Antonio Candido e Edward Said

Pedro Henrique Dantas da Cruz Kelly
Orientadora: Profª. Drª Anita Martins Rodrigues de Moraes

A pesquisa objetiva estabelecer relações entre a crítica literária do pensador brasileiro Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) e a do pensador palestino-americano Edward Wadie Said (1935-2003). O projeto se justifica por oferecer uma comparação entre o ponto de vista de dois importantes críticos literários humanistas do século XX, que, de forma similar, compartilharam uma visão crítica à ordem cultural imperialista do Ocidente e um ponto de vista engajado na compreensão de culturas não-ocidentais. Nesse sentido, enquanto Candido se dedicou aos trabalhos etnográficos e à defesa do acesso amplo à literatura erudita, Said formou uma crítica sólida à visão simplificadora do Ocidente sobre culturas outras. No entanto, seguindo a crítica de Natali (2020), defendemos que a defesa à alteridade na teoria de Antonio Candido se mostra limitada; diferentemente de Said, que critica o fator imperialista da epistemologia europeia, aponta-se que o teórico brasileiro adere totalmente à episteme ocidental ao conceber literatura como ficção e, no bojo do seu conceito de literatura, incluir a cosmovisão e o dito "folclore" indígena (Natali, 2020). Aponta-se também que, na esteira do seu ponto de vista ocidentalizante, Candido coloca esta "literatura" indígena (ou "primitiva", em suas palavras) como de desenvolvimento estético menor em relação à literatura "desenvolvida" urbana (Candido, 2023). Desta forma, Candido adere à tradição católica de literatura comparada europeia, discutida por Said (2011, p.69), que, segundo o crítico palestino, destaca a literatura europeia em relação às demais e relega formas de expressão vindas de outros cantos do planeta. O também humanista Said, por outro lado, denuncia o conservadorismo e o etnocentrismo dessa tradição, e propõe uma "revitalização do humanismo" (Nuto, 2008, p.410) que ultrapasse os limites da ciência e da literatura do Ocidente.

Palavras-chave: Antonio Candido; Edward Said; Humanismo; Imperialismo; Epistemologia.

REFERÊNCIAS:

CÂNDIDO, A. Estímulos da criação literária. *In*: **Literatura e sociedade**. São Paulo: Todavia, 2023.

CÂNDIDO, A. **Literatura de dois gumes**. [PDF] São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: https://texsituras.files.wordpress.com/2011/08/3-literaturadedoisgumesantoniocandido.pdf. Acesso em: 3. ago. 2025.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

MORAES, A. **Resenha de Antonio Candido 100 anos**. Revista Criação & Crítica, v. 1, n.26, 182-189.

MORAES, A. A função da literatura nos trópicos. *In*: **Contornos humanos**: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido. Recife: Cepe Editora, 2022.

NATALI, M. Além da literatura. *In*: **A literatura em questão**: sobre a responsabilidade da instituição literária. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

NUTO, J. **O humanismo de Edward Said**: Novos usos sem velhos abusos. In: Revista Da Anpoll, v.1, n.25, 2008.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, E. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Cartografias dos corpos africanos: o atlântico negro

Priscilla Ferreira Flores
Orientador: Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um recorte da pesquisa que desenvolvo na minha tese de doutorado. O ocidente sempre prestigiou e contemplou a escrita como manifestação para registrar fatos e acontecimentos, por meio de museus, documentos, palimpsesto, bibliotecas etc. Por isso, eram desvalorizados pelos europeus os povos cuja tradição oral foi (e segue sendo) predominante para guardar suas memórias, histórias e lendas, contadas por griôs. Durante a travessia forçada dos escravizados à nova Terra, seus corpos eram as inscrições de suas recordações – seus corpos são uma autêntica metonímia de suas tradições. Seus corpos compõem um "corpo-tela, um corpo imagem", na conceituação de Leda Maria Martins. Em seus corpos estavam impressos seu território; assim, é como se o continente africano não tivesse ficado distante, já que gravado em seus corpos. Um corpo território na perspectiva da pensadora Beatriz Nascimento. Como afirma Martins (2021, p. 32), "a palavra oraliturizada se inscreve no corpo e em suas escansões. E produz conhecimento." Suas performances corporais, suas vozes ecoam a propagação desse conhecimento. De acordo com o teórico Paul Zumthor (2018, p.72), "o conhecimento se faz pelo corpo, mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo." Para Zumthor a voz e o corpo são instrumentos mais importantes do que a escrita, e que remete à Idade Média com os trovadores. Por fim, o corpo é a nossa experiência e a relação com o mundo do individual para o coletivo.

Palavras-chave: performance; corpo; memória; oralitura.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Trad. Cid Kniple Moreira. Rio de Janeiro: Ed 34, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza, 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africana*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*. Alex Ratts (Org). São Paulo: Editora Ubu, 2022.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: UBU Editora, 2018.

SESSÃO 5

Stalker de Andrei Tarkóvski como adaptação cinematográfica de Piquenique na Estrada, dos irmãos Strugátski

Antônio Herdy Lopes Dias
Orientadora: Profª Drª Ekaterina Volkova Américo

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca da adaptação cinematográfica do livro Piquenique na Estrada (1972), escrito pelos irmãos Arkádi e Boris Strugátski, que sob a direção de Andrei Tarkóvski gerou Stalker (1979). Nesse sentido destaca-se a importância da obra, e de seu autor, para o cinema soviético e mundial em contradição ao baixo número de pesquisas em língua portuguesa a respeito do filme e do livro ao qual se originou. No longa-metragem de Tarkóvski, o cenário não se configura apenas como um local pós-apocalíptico oriundo de uma visita extraterrestre, mas como um espaço alegórico que tensiona questões sobre a natureza humana e a real possibilidade de realização dos desejos mais íntimos, o que provoca em seus visitantes, os stalkers, a crença na origem divina daquele ambiente. Por meio da composição das cenas, com ênfase em símbolos que remetem a religiões diversas e por alterações no contexto oriundo do livro dos irmãos Strugátski, Tarkóvski transmite ao espectador ideias que são secundárias na obra fonte. Nesse contexto, as contribuições de HUTCHEON (2012) são peça chave para a realização desta análise, devido à relevância de sua pesquisa sobre a teoria da adaptação. Além dos diálogos com obras de cunho teórico e literário, que nos auxiliem na busca por interpretar as escolhas feitas pelo diretor soviético, como são os casos de CHEVALIER e GHEERBRANT (2005), que discorrem a respeito de simbologias presentes em culturas ao redor do mundo.

Palavras-chave: Adaptação; Literatura Soviética; Cinema Soviético

REFERÊNCIAS:

BO, João Linari. **Cinema para russos, cinema para soviéticos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Jose Olympio LTDA, 2005.

DELFINI, Paulo Afonso Monteiro. Stalker, De Andrei Tarkovski - As Semelhanças E Dessemelhanças Com Piquenique à Beira Da Estrada, De Arkadi E Boris Strugatski. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Orientadora: Josette Maria Alves de Souza Monzani.

HUTCHEON, Linda. **A Theory of Adaptation**. 2. ed. New York: Routledge, 2012

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de: André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

SOMA, Eduardo. **(Re)inventando o moderno**: a ressignificação da modernidade na obra dos Strugátski. 2023. 236 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Orientador: Homero Freitas de Andrade; Coorientadora: Maria de Fátima Bianchi.

STRUGÁTSKI, Arkadi; STRUGÁTSKI, Boris. **Um piquenique na estrada**. Tradução de: Tatiana Larkina. São Paulo: Editora Aleph, 2019.

TARKOVSKY, Andrei. **Diários**: 1970-1986. Tradução de Alexey Lázarev. São Paulo: É Realizações, 2012.

TARKOVSKY, Andrei. Stalker. Produção de: Mosfilm. Direção: Andrei Tarkovsky. Roteiro: Arkadi Strugatski, Boris Strugatski. União Soviética: Mosfilm, 1979. 1 filme (161 min.), son., color.

Maria Alice Barroso: apagamento autoral e revisão da historiografia literária brasileira

Giselda Maria Dutra Bandoli
Orientadora: Profª. Drª. Paula Glenadel Leal

Nascida na cidade do Rio de Janeiro, a escritora Maria Alice Barroso adotou carinhosamente Miracema, no interior do estado fluminense. A autora inclusive afirmava que era a sua cidade natal. Esse território viu crescer a autora de obras cujo valor literário pode ser comparado aos nossos grandes escritores consagrados. Além de ter recebido grandes prêmios literários, a obra de Barroso alcançou expressivas tiragens e foi traduzida para alguns países. No entanto, o nome de Maria Alice e sua obra são apagados do cânone da literatura brasileira. Assim, dada a importância do reconhecimento da literatura de Maria Alice Barroso para a historiografia e crítica literárias, esta pesquisa objetiva analisar comparativamente os romances que compõem o chamado ciclo Parada de Deus, de autoria de Barroso. O trabalho pretende estabelecer a autoridade discursiva e literária da autora, ao apresentar o caráter regionalista da ficção da autora, destacando elementos que configuram a identidade da região Noroeste Fluminense do estado do Rio de Janeiro, além de analisar aspectos considerados transgressores e inovadores de sua produção ficcional e o perfil de personagens femininas construído por Barroso. Metodologicamente, a pesquisa está ancorada tanto em autores que questionam o estabelecimento do cânone literário brasileiro, especialmente o apagamento de literatura de autoria feminina, como nos raros trabalhos sobre a escritora Maria Alice. Assim, autores como Dalcastagnè (2021), Schmidt (2019) e Figueiredo (2020), dentre outros, dão suporte metodológico a este trabalho. Deseja-se que este trabalho possa suprir uma lacuna referente aos estudos de uma escritora que é expoente da literatura de temática regionalista no Noroeste Fluminense.

Palavras-chave: Maria Alice Barroso; Literatura regionalista; Ciclo Parada de Deus; Apagamento na literatura de autoria feminina.

REFERÊNCIAS:

DALCASTAGNÈ, Regina. **O prego e o rinoceronte**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

LEÃO, Alisson; CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira. Regionalismo. In: . In: JOBIM, Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (Orgs). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 649-678.

PEDROSA, Célia. Nacionalismo. In: JOBIM, Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (Orgs). (Novas) Palavras da Crítica. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 471-494.

PRATES, Gabriela Guedes Ferreira. Maria Alice Barroso - Além do tempo e espaço. *In*: ELOI, Maria Amélia (Org.). **Escritoras brasileiras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022.

SCHMIDT, Ana Lúcia da Costa. **Maria Alice Barroso, um nome para lembrar:** a identidade regional de uma autora nacional. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?**: o corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

O cânone literário no contexto das minorias: o caso das autorias negras

Luan da Cruz
Orientadora: Profª. Drª Tatiana Pequeno da Silva

Grupos minoritários tiveram, historicamente, suas trajetórias invisibilizadas por grupos dominantes no contexto social. Na literatura, especificamente, sujeitos negros têm produzido obras, enquanto coletivos negros organizados reivindicam maior reconhecimento para essas produções no campo literário. Nesse sentido, esta pesquisa busca refletitr de que maneira se constrói a ideia de cânone literário em grupos minoritários, notadamente no âmbito da produção literária de autoria negra. Partimos da premissa de que não se sustenta a ideia de subcânone, uma vez que o termo em discussão já abarca e localiza o escritor em um cenário mais amplo de determinada literatura nacional. Assim, importa refletir, neste trabalho, sobre quais elementos desse grupo são elegíveis para que o autor figure na seara do cânone literário, em face dos valores hegemônicos. Para tanto, delimitamos os pressupostos da teoria literária negro-brasileira, proposta por Cuti (2010), e observamos e comparamos o comportamento do mercado editorial, da circulação didática e da crítica literária em relação a escritores negros, com especial atenção a Conceição Evaristo (2020) e Carolina Maria de Jesus (2014).

Palavras-chave: Literatura; Cânone literário; Minorias; Autorias Negras.

REFERÊNCIAS:

CALEGARI, Lizandro Carlos. O cânone literário e as expressões de minorias: implicações e significações históricas. **RAVEL – Revista de Estudos Literários da UMES** - ANO 3, v.2, Número 5 TEMÁTICO ISSN: 2179-4456. p. 29-44. 2012.

CRUZ, Luan da. **Vozes negras femininas no slam**: performances de poesia falada para além da literatura. DISSERTAÇÃO (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Sucknow da Fonseca, 2024. Disponível em: https://dippg.cefet-rj/pprer/attachments/article/81/248_Luan%20da%20Cruz.pdf

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Literafro.2010. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivo/artigos/teoricos-conceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf. Acesso em: 10. mar. 2024.

DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4: História, teoria, polêmica. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos conceituais/Artigoeduardo2conceitodeliteratura.pdf. Acesso em: 10. mar. 2024.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura uma introdução. 7ª.ed. São Paulo. Martins, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Dez perguntas para Conceição Evaristo**. *In:* Portal de Notícias Itaú Social. 2020. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo. Ubu Editora, 2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, [1960] 2014

JOBIM, José Luís e ACÍZELO, Roberto de Souza. Literatura. **Revista (Novas) Palavras da Crítica** [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabíl Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima,2023. p.113-145

MIBIELLI, Roberto. Cânone. **Revista (Novas) Palavras da Crítica** [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabíl Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima,2021. p.13-43.

Pacto do inconforto: uma análise de Amar um cão de Maria Gabriela Llansol e Um sopro de vida de Clarice Lispector

Luíza Klein Cherém
Orientador: Prof. Dr. Luis Claudio de Sant'Anna Maffei

Esse estudo tem origem na observação da experiência de leitura de alguns leitores e de seus relatos de se sentirem atraídos e desconcertados ao ler as obras de Maria Gabriela Llansol e Clarice Lispector. Sua origem se deu na nossa experiência de leitura e através da opinião de alguns leitores que afirmavam ao mesmo tempo serem atraídos e se sentirem desconcertados ao ler as obras das autoras. É essencial analisar por que alguns leitores aceitam o pacto do inconforto, embora outros recusem e desconstruir a noção de que os textos clariceanos e llansolianos são complexos e herméticos. Um sopro de vida e Amar um cão possuem pontos em comum e trabalham com o inconforto, por isso foram escolhidos para este estudo. As seguintes etapas serão seguidas para guiar a pesquisa: identificar quais temas e procedimentos literários aproximam Lispector e analisar como a escrita das autoras, nos textos escolhidos, afecta os leitores e tentar compreender o rótulo de complexidade atribuído às autoras. Serão fundamentais as noções de: fissura entre a linguagem e a realidade, a imagem e o não-ser (Blanchot ,1949 e 1997); devir e desterritorialização (Deleuze; Parnet, 2004), texto de fruição versus texto de prazer (Barthes,1987) e o apagamento da figura física do autor na obra (Barthes, 2004).

Palavras-chave: Lispector. Llansol. Inconforto. Devir.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT. Maurice. **La part du feu**. Paris: Gallimard. 1949.

BLANCHOT. Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: 1987.

DELEUZE; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de João Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Cantileno**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2000.

“Eu tenho uma coisa má para contar”: silêncio, trauma e impasses da linguagem diante da violência sexual em “Overbooking”, de Lídia Jorge

Myrella de Castro F. Andrade
Orientadora: Profª. Drª Tatiana Pequeno da Silva

Este trabalho investiga de que modo o conto *Overbooking*, de Lídia Jorge, mobiliza recursos narrativos para representar a experiência traumática da violência sexual vivida por mulheres, interrogando as possibilidades e os limites da linguagem diante daquilo que resiste à simbolização. Parte-se do pressuposto de que o trauma excede as formas disponíveis de representação, produzindo silenciamentos, fragmentações da memória e impasses de enunciação. A pesquisa insere-se na interlocução entre literatura e psicanálise de tradição francesa, tomando-a como perspectiva epistemológica que compreende a nomeação e a narrativa como operações fundamentais de elaboração da experiência. Sob esse viés, o trauma é entendido como aquilo que desafia sua inscrição na linguagem. A análise dialoga ainda com os estudos sobre testemunho, memória e escrita de autoria feminina, privilegiando a relação entre corpo, linguagem e subjetivação. O objetivo consiste em compreender como o conto transforma em matéria literária a tensão entre a necessidade de narrar e a impossibilidade de dizer. Em *Overbooking*, a ideia de excesso opera como um enunciado metafórico do próprio trauma: algo que ultrapassa a capacidade de elaboração do sujeito e que, justamente por isso, insiste em retornar. A narrativa confronta o leitor com a cena da violência em sua crueza, recusando estratégias de atenuação, enquanto mobiliza aspectos estilísticos para tratar do silenciamento feminino. Pretende-se demonstrar que o texto literário de autoria feminina não apenas representa a violência sexual, mas encena formalmente seus impasses simbólicos, convertendo o silêncio em elemento estruturante da experiência narrada, permitindo novas formas de enunciação do feminino. Ao reinscrever experiências corporais historicamente marginalizadas, a narrativa torna-se um lugar de testemunho e simbolização, no qual a experiência individual adquire inteligibilidade simbólica e ressonância coletiva.

Palavras-chave: Trauma; Violência sexual; Literatura de autoria feminina.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 32, n. 1, p. 137-149, 2020. DOI: 10.47250/intrell.v32i1.12872. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/12872. Acesso em: 7 jun. 2026.

FLORES, Valdir do Nascimento. Entre a testemunha e a palavra, o dever de falar: o testemunho como objeto de uma antropologia da enunciação. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 125-145, out./dez. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bak/a/mP3WRLKND5j3QCBtkv93kbT/. Acesso em: 7 jun. 2026.

JORGE, Lídia. Overbooking. In: JORGE, Lídia. **O amor em Lobito Bay**. Alfragide: Dom Quixote, 2016. p. 29-49.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. O inconsciente e a repetição. In: LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 25-70.

Onde escoa o esgoto e a água da chuva nas literaturas de sarjetas: as migrantes de Pagu e Grace Passô

Proponente: Sabrina Lobo Tito
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Chiarelli

Pagu em *Parque Industrial: romance proletário* (1932) traz a representação das imigrantes em São Paulo a partir das imagens das italianas, chinesas, baianas, portuguesas, francesas e lituanas expondo suas identidades marcadas pela sarjeta: o meio-fio onde escoa o esgoto ou a água da chuva. Ora como empregadas domésticas, ora como operárias representadas socialmente a partir da animalização "uma portuguesita come tremoços no portão" (Pagu, 2022, p.41), "uma baiana imensa ronca no degrau" (Pagu, 2022, p.41) vemos a construção das personagens a partir do ponto de vista de um narrador onisciente. Para além do estereótipo, as imigrantes, como Rosinha Lituana, também são representadas no âmbito da resistência e luta por melhores condições de vida em uma São Paulo marcada pela desigualdade social. Oitenta e seis anos após as imigrantes de Pagu, Grace Passô inaugura novas migrantes na literatura com a peça *Mata teu pai* (2018). Inscrita no gênero teatral e em primeira pessoa, vemos um contradiscurso ao mito *Medeia* de Eurípedes. Em Passô, temos uma Medeia migrante vivencia o exílio na terra hospedeira intensificado pelo abandono do marido, mantendo as mulheres no campo da sororidade e encontrando hospitalidade na união com outras imigrantes judias, sírias, haitianas, cubanas reiterando durante a maior parte do monólogo: "Toda imigrante que eu encontro pelas ruas, cumprimento." Nesse sentido, pretendo analisar como a autoinscrição em *Mata teu pai* solidifica e autoriza a inscrição da subjetividade das imigrantes em contraponto com suas representações em terceira pessoa no romance de Pagu e de que maneira tal inscrição revela a identidade das personagens nas obras como sarjetas ou fronteiriças. Discutiremos esses pontos a partir das proposições acerca da forma e conteúdo do romance em Thelma Guedes (2003) e as teorizações acerca da migração e fronteira em Marc Augé (2005) e Marielle Macé (2018) e Djaimilia de Almeida (2023).

Palavras-chave: Literatura fronteiriça; Literatura de migração; Identidade

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de (1982). *O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo:* Dois ensaios e uma conversa - 1 ed.-- São Paulo: Todavia, 2023.

AUGÉ, Marc. (2009) *Não lugares:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Miguel Serras Pereira. 90 graus Editora, Lisboa.

GALVÃO, Patrícia, *Parque Industrial*; Patrícia Galvão; prefácio Geraldo Galvão Ferraz. -1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GUEDES, Thelma. Pagu: literatura e revolução: um estudo sobre o romance Parque industrial. Ateliê Editorial, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2005.

MACÉ, Marielle. *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida.* Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2018.

PASSÔ, Grace. *Mata teu pai.* Cobogó, 2017.

SESSÃO 6

A pluriversalidade da fronteira e a mobilidade no romance desenhado *L'exil vaut le voyage* (2020) de Dany Laferrière

Christopher Rive St Vil
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vanessa Massoni da Rocha

Pensar a fronteira é um paradoxo, porque, enquanto serve para separar, ela conecta, une e cria espaços de intensa troca cultural. Trata-se do limite onde o "eu" encontra e mescla com o "outro" e questiona sua própria identidade. Sendo símbolo de poder para os Estados-nação, pode-se dizer que a fronteira é um espaço de transição, imprecisa, vaga e, por esse motivo, deveria ser um espaço em que o migrante possui a liberdade de ir e vir (Hissa, 2006; Di Cesare, 2020). Conforme salienta Joseph Handerson (2023), é necessário repensar as fronteiras, ressaltando sua pluralidade e potencialidades nas áreas natural, humana, política, cultural, linguística, religiosa, econômica e social. Nessa concepção da pluriversalidade da fronteira e da metanegritude (St Vil, 2024), discuto as experiências fronteiriças do escritor haitiano-canadense Dany Laferrière (1953 -) no romance desenhado *L'exil vaut le voyage* [O exílio vale a viagem] (2020). Ao procurar compreender a mobilidade laferriana, a maneira pela qual o alter ego do autor, Vieux Os, rompe com as barreiras estabelecidas pelas ordens estadocêntricas, pergunto-me: quem pode acessar à fronteira? Quem a nega? Quem tem poder para condicioná-la? Para entender a complexidade desse fato, recorro aos pesquisadores Cássio Eduardo Viana Hissa (2006), Michel Agier (2018), Donatella Di Cesare (2020) e Joseph Handerson (2023), cujas reflexões me permitem problematizar a mobilidade como manifestada nesta obra de Laferrière. Por fim, a mobilidade representa um desafio uma vez que ela multiplica os espaços, as situações transnacionais e o cosmopolitismo ordinário.

Palavras-chave: Dany Laferrière; *L'exil vaut le voyage*; mobilidade; fronteira.

REFERÊNCIAS:

AGIER, Michel. *L'étranger qui vient : Repenser l'hospitalité*. Paris: Éditions Seuil, 2018.

DI CESARE, Donatella. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JOSEPH, Handerson. "Prefácio: A pluriversalidade das fronteiras". In: Neto, Antonio Sabino da Silva e Sá, Leonardo Damasceno de. *Olhares sobre fronteiras: questões de pesquisa*.

Macapá: Editora da Unifap; Rio Branco: Nepan Editora, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/101465192/Pref%C3%A1cio_A_pluriversalidade_das_fronteiras_

ST VIL, Christopher Rive. *Para além da negritude caribenha, a metanegritude: um estudo sobre o percurso identitário de Dany Laferrière*. 2024. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2024.

Cozinhar, Contar, Existir: O Poder Feminino Negro nas Narrativas Caribenhas

Lucas Bompet
Orientadora: Profª. Drª. Vanessa Massoni da Rocha

Este trabalho aborda a forma como Simone Schwarz-Bart e Maryse Condé iluminam a condição da mulher negra nas sociedades caribenhas e pós-coloniais, valorizando espaços tradicionalmente marginalizados, como a cozinha e o trabalho doméstico. No mestrado, o foco recai sobre as obras *Chuva e vento sobre Télumée Milagre* e *Victoires, les saveurs et les mots*, nas quais Simone Schwarz-Bart e Maryse Condé conferem dignidade a experiências femininas invisibilizadas. Nessas narrativas, a cozinha não é apenas espaço de serviço, mas de resistência, ancestralidade e memória. Télumée e Victoire, protagonistas de histórias atravessadas pela pobreza, pelo racismo e pela solidão, encontram na comida e na oralidade um meio de reconstrução identitária. A comida é elevada à linguagem de sobrevivência e saber, revelando a potência simbólica do feminino negro. Schwarz-Bart e Condé, por sua vez, também insere personagens femininas que, mesmo relegadas a papéis subalternos, são agentes de transformação e memória coletiva. A aproximação com o conceito de "dororidade", de Vilma Piedade, destaca a solidariedade entre mulheres negras diante das dores compartilhadas pelo racismo e machismo estruturais. Assim, as autoras não apenas denunciam opressões históricas, mas ressignificam o lugar da mulher negra, valorizando seus saberes, sua fala e sua resistência. A cozinha, a oralidade e a memória coletiva emergem como formas de resistência e reconstrução, onde a literatura se torna ferramenta de afirmação e visibilidade das mulheres negras caribenhas.

Palavras-chave: Mulher negra; Literatura caribenha; Simone Schwarz-Bart; Maryse Condé; Identidade.

REFERÊNCIAS:

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la Créolité.* Paris: Gallimard, 1993.

CONDÉ Maryse. *Mets et merveilles*. Par já is: JCLattès, 2015.

_____. *Victoire, les saveurs et les mots.* Paris: Mercure de France, 2006.

RIBEIRO, Aída Maria Jorge. *Maryse Condé, relatos (auto) biográficos.* Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 217fls. 2017. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/3789/Tese%20janeiro%202017%20pronta.pd ?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 out 2022.

ROCHA, Vanessa. Posfácio. In SCHWARZ-BART, Simone. *Chuva e vento sobre Télumée Milagre.* Trad de Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2023, p. 269-283.

SCHWARZ-BART, Simone. *Chuva e vento sobre Télumée Milagre.* Trad de Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2023.

_____. « Du fond des casseroles », dans G. Pineau, F. Chalumeau, S. Schwarz-Bart, E. Pépin et D. Deblaine, *Nouvelles de Guadeloupe*. Paris: Magellan &

Cie / Desnel, coll. «Miniatures », 2009, p. 75-81.

_____. *Pluie et vent sur Télumée Miracle*. Coll. « Points ». Paris: Seuil, 1972.

_____.*Un plat de porc aux bananes vertes.* Coll. « Points ». Paris: Seuil, 2015.

Corpos em confronto: violência, gênero e masculinidade em Édouard Louis e Eddy de Pretto

Jonatan Carmo
Orientadora: Profª. Drª. Paula Glenadel Leal

Este estudo propõe uma análise comparada, de abordagem intermidiática, entre o romance autoficcional *O fim de Eddy* (2014), de Édouard Louis, e a canção *Kid* (2018), de Eddy de Pretto, com o objetivo de investigar as representações da virilidade abusiva na cultura francesa contemporânea. O ponto central reside em compreender de que maneira a exigência familiar e social de uma postura rigidamente viril atua como um dispositivo de controle que molda, vigia e violenta os corpos que escapam à norma. Para construir essa reflexão, a pesquisa busca dialogar com a sociologia de Pierre Bourdieu e Didier Eribon, além de mobilizar as teorias de performatividade de gênero de Judith Butler e as dinâmicas de masculinidade de Raewyn Connell. A hipótese de partida é que ambas as obras expõem, de forma visceral, a dor física e psicológica decorrente da não correspondência a esse padrão idealizado. Enquanto o livro de Louis reconstrói o trauma do preconceito cotidiano, do insulto e da obrigação de performar a agressividade em rituais masculinos de hostilidade, Pretto ressignifica esse mesmo sofrimento por meio de uma estética musical urbana que funde o rap à tradicional *chanson francesa*, desconstruindo a pedagogia de um discurso paterno que exige força e a rejeição completa do feminino. Pretende-se demonstrar como o encontro entre a escrita autoficcional e o rap consegue transformar a ferida da rejeição e o peso da vergonha em força artística e voz de resistência política. Espera-se, assim, evidenciar como os dois autores aproximam a vivência pessoal da crítica cultural, abrindo novas possibilidades de reflexão sobre corpo, gênero e masculinidades na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura comparada; Masculinidade hegemônica; Performatividade de gênero; Édouard Louis; Eddy de Pretto.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

DE PRETTO, Eddy. *Kid*. In: Cure. Paris: Initial Artist Services, 2018. 1 CD. Faixa 8.

ERIBON, Didier. *Retorno a Reims.* São Paulo: Âyiné, 2020.

LOUIS, Édouard. *O fim de Eddy.* São Paulo: Tusquets, 2018.

Uma "dança de sangue": a *laghia* no contexto (pós-)colonial no conto *Laghia de la mort*, de Joseph Zobel

Pedro Camacho Eccard
Orientadora: Profª. Drª. Vanessa Massoni da Rocha

Esta comunicação explora os combates físico e simbólico no conto *Laghia de la mort*, de Joseph Zobel (1915-2006), que integra o livro homônimo. A recolha de contos reúne oito narrativas curtas que são, de alguma maneira, atravessadas pela temática do embate, assim como o conjunto de publicações de Zobel. Publicada originalmente em 1946, a obra privilegia a temática da luta (seja física seja metafórica) desde o título, uma vez que *laghia* é uma dança de combate típica da Martinica (Monteiro, 2018) que, quando resulta na morte de um dos combatentes, ganha a alcunha de *laghia de la mort*. O presente trabalho investiga como a disputa dos personagens na roda de *laghia* extrapola o plano da luta entre dois indivíduos, já que o poder da tradição, do ritual e do transe representam saberes ancestrais passados de geração em geração. Tal conhecimento pode representar simbolicamente o confronto entre colono e colonizador nesse espaço (pós-)colonial. Reflexões de autores como Ina Césaire (2021[1989]), Lélia Gonzalez (2020), Patrick Chamoiseau (2025[2018]), Édouard Glissant (2005[1995]) e Frantz Fanon (2022[1961]) são mobilizadas como fortuna teórica e literária para a realização desta pesquisa.

Palavras-chave: Literatura Caribenha; Combate; *Laghia de la mort*; Joseph Zobel.

REFERÊNCIAS:

CÉSAIRE, Ina. *Contos de noite e dia nas Antilhas*. Tradução: Jéssica Pozzi e Samanta Siqueira. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2021.

CHAMOISEAU, Patrick. *Contos dos sábios crioulos*. Tradução: Raquel Camargo. São Paulo: Editora 34, 2025.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução: Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. Prefácio de Thula Rafaela de Oliveira Pires, Marcos Queiroz e Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução: Eunice do Carmo Albergaria Faria. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
MONTEIRO, Eduardo Rangel. *Ou wè'y ou pa wè'y: ladja e as máscaras do visível*. 229f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018a.

ZOBEL, Joseph. *Laghia de la mort*. Paris : Présence Africaine, 1996.

Nicole Cage e a adoção "visão interior" na Martinica : narrar a prostituição em *L'Espagnole*

Yasmin Vitorino Gomes Pessoa
Orientadora: Profª. Drª. Vanessa Massoni da Rocha

As narrativas crioulas emergem como uma resposta aos paradigmas coloniais que historicamente moldaram as sociedades caribenhas a partir de referenciais externos. Em *Éloge de la Créolité*, os autores antilhanos Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant defendem a necessidade de adotar uma "visão interior" (1993, p. 24), capaz de deslocar o olhar da exterioridade colonial para a compreensão das realidades locais da sociedade crioula. Insere-se, nesse contexto, a obra da escritora martinicana Nicole Cage com seu terceiro romance *L'Espagnole* (2002), no qual Elena, dominicana, foge de sua ilha natal e torna-se prostituta na Martinica. Partindo das reflexões da autora franco-canadense Nancy Huston acerca da relação entre identidade e narrativa, segundo a qual "um ser humano é alguém que usa uma máscara. A especificidade da nossa espécie é que ela passa a vida interpretando a própria vida" (Huston, 2008, p. 98), este trabalho busca refletir sobre a maneira como Nicole Cage costura a subjetividade da "persona" (Huston, 2008, p. 98) prostituta, deslocando-a do lugar do estereótipo e convidando o leitor a questionar os signos historicamente associados às mulheres socialmente marginalizadas. Quando pensamos na figura de uma prostituta, quais imagens surgem? Como ela se comporta, se veste e quais espaços ocupa?

Palavras-chave: prostituição feminina; violência; subjetividade; Crioulidade.

REFERÊNCIAS:

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1993.

HUSTON, Nancy. *L'espèce fabulatrice.* Arles: Actes Sud, 2008

CAGE, Nicole. *L'Espagnole*. Paris: Hatier International, 2002.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FEDERICI, Silvia. *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias. Brasília: Elefante, 2023.

FRANTZ, Fanon. *Os condenados da terra.* Trad. Lígia Fonseca Ferreira; Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MOUVEMENT DU NID. *La prostitution, une fatalité pour la littérature? Prostitution et Société* – rubrique Culture, 1 set. 2019. Disponível em: https://www.mouvementdunid.org/prostitution-societe/culture/la-prostitution-une-fatalite-pour-la-litterature/. Acesso em: 7 ago. 2025.

ROCHA, Vanessa. *Pai abusador: incesto e pedofilia contra meninas em Gisèle Pineau, Nicole Cage-Florentiny e Cinthia Kriemler.* Revista do GELNE, v. 26, n. 1, p. 35410, 2024.

Disponível em: https://www.periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/35410. Acesso em: 5 de junho de 2026.

VERGÈS, Françoise. *Le ventre des femmes : capitalisme, racialisation, féminisme.* Paris: Albin Michel, 2017.

SESSÃO 7

Arquivo em chamas: ouvir o crepitar nas cinzas do sentido

Bruna Freitas Figueiredo
Orientadora: Profª. Drª. Claudete Daflon

“Estamos em um campo em chamas” – é o que anuncia o livro-registro-desenho-documento Baaraz Ka’Aupan (2022), do artista wapichana Gustavo Caboco, diante do incêndio do Museu Nacional, em outubro de 2018. Resultado da experiência itinerante de um grupo de parentes wapichana, vinculada à 34ª Bienal de São Paulo (2019-2021), o livro faz parte de um projeto coletivo de pesquisa que levou, como nome, o recado da borduna wapichana, destruída no evento, em resposta àquele fogo: “não apagarão nossa memória”. O projeto tinha como interesse pensar a presença/ausência indígenas nos museus, assim como a emergência de uma tensão entre articulações de existências e subjetividades quando memória, arquivo e museu são confrontados com o protagonismo indígena. Na companhia desse enunciado-anúncio e de outras produções de Gustavo Caboco, propomos algumas notas em torno das relações entre fogo, museu, arquivo, território e memória. Como um pensamento sobre o fogo e seus usos elaboraria outros tipos de imaginário a respeito do que se entende como arquivo e museu, quando não se ignora, ou recalca, a agência de povos e materialidades indígenas nesses espaços? Como ressignificar a (produzir outra imagem da) violência de um evento como o de 2018 que reverbera (atualiza) o evento colonial-racial que sustenta este mundo como o conhecemos (Ferreira da Silva, 2024)? Para ensaiar caminhos de respostas frente a essas perguntas, traçamos diálogos principalmente com os trabalhos de Derrida (2001) sobre arquivo, de Povinelli a respeito de um “arquivo pós-colonial” (2011) em fricção com o que chamou de “geontopoder” (2021 [2016]) e as proposições especulativas e artísticas de Mombaça (2021; Mombaça et al., 2021).

Palavras-chave: fogo; arquivo; Gustavo Caboco.

REFERÊNCIAS:

CABOCO, Gustavo. Baaraz Ka’aupan / Campo em chamas. RJ/RR/PR: Picada, 2019-2022.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Magali de Castro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**: uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

HAESBAERT, Rogério. **Dilema de conceitos**: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008.

“Isso tudo não me diz nada” – A impermanência como ponto de encontro no arquivo histórico da Bienal de São Paulo. Conversas entre Gustavo Caboco Wapichana e Tipuici Manoki (2023). Disponível em: https://issuu.com/bienal/docs/isso-tudo-nao-me-diz-nada. Acesso em: 27 fev. 2026.

Memórias inviabilizadas (2025). **Vídeo-Críticas: Arquivos-Indígenas**. Produção de Gustavo Caboco Wapichana. Centro de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1SqwxENYlGVqmWRpylxSSiY24VFJthz2r/view?usp=sharing. Acesso em: 27 fev. 2026.

MOMBAÇA, Jota. A plantação cognitiva. *In*: **MASP Afterall**. São Paulo: MASP, 2020.

MOMBAÇA, Jota; FERREIRA DA SILVA, Denise; ANTI RIBEIRO. ‘opera infinita, chapter 0: has the fire read the stories it burnt?’. **The Contemporary Journal 3**, 2021. Disponível em: https://thecontemporaryjournal.org/strands/sonic-continuum/opera-infinita-chapter-0-has-the-fire-read-the-stories-it-burnt. Acesso em: 27 fev. 2026.

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologias**: um réquiem para o liberalismo tardio. Tradução de Mariana Ruggieri. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

POVINELLI, Elizabeth. **The Woman on the Other Side of the Wall**: Archiving the Otherwise in Postcolonial Digital Archives. differences, volume 22, issues 1, Duke University Press, 2011, p. 146–171.

A propósito da tese: uma Cartografia Social acerca do ensino de língua e literatura no ensino médio e suas interfaces com os textos imagéticos

Hugo Carvalho Villa Maior
Orientadora: Profª. Drª. Ceila Maria Ferreira

O presente trabalho trata de uma reflexão acerca do ensino de língua e literatura no ensino médio a partir de 20 anos de prática em sala de aula. Como arcabouço teórico desta investigação temos, entre outros, o filósofo coreano Buyng Chul Ham (2021), Lajolo (2020), além de Dunker e Safatle (2020) e Zizek (2024) a fim de pensar o ensino de língua e literatura na pós- modernidade e suas interfaces com o cinema por exemplo, e com o próprio campo do cotidiano escolar em si a partir de uma Cartografia Social, além do próprio Nêgo Bispo que nos brinda com reflexões a respeito da educação quilombola. Mais do que isso, procura refletir sobre esse não- lugar dos textos imagéticos no ensino de língua portuguesa como língua materna e no ensino de Literatura Brasileira na educação básica a despeito do próprio Exame Nacional do Ensino Médio que têm os gêneros discursivos imagéticos como carro-chefe em suas avaliações.

Palavras-chave : Ensino; literatura brasileira; gêneros textuais imagéticos

REFERÊNCIAS:

HAM, Buying Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**, Vozes, Petrópolis, 2021

HAM, Buying Chul, **A agonia do Eros**, Vozes, Petrópolis, 2017

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura do mundo**, Ática, São Paulo, 2000

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (organizador). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Autêntica, São Paulo, 2020.

SAFATLE, Wladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, o desamparo e o fim do indivíduo. Autêntica: São Paulo, 2016

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**, Ubu, São Paulo, 2023

ZIZEK, Slavoj. **Mais gozar: Um guia para os não perplexos**. Petrópolis, 2024

Ponte, fronteira, encruzilhada: as migrâncias na literatura de Igiaba Scego

Lívia Verena Cunha do Rosário
Orientadora: Profª. Drª Stefania Chiarelli

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar os resultados da tese intitulada "A areia do Saara sobre os automóveis de Roma: os sentidos da migrância na obra de Igiaba Scego", defendida em 2025. O objetivo do estudo foi comparar elementos abordados pela autora afro italiana Igiaba Scego em sua história pessoal e em sua ficção, respectivamente a autobiografia Minha casa é onde estou (2018 [2010]) e o romance Adua (2018 [2015]), considerando as semelhanças temáticas das obras. Dessa maneira, a tese propõe a discussão sobre os sentidos da migrância na literatura de Igiaba Scego, tendo em vista os resquícios de colonialismo que conectam Itália e Somália. Para a análise em questão, o trabalho foi organizado em três capítulos, e em cada um deles foi enfatizado um prisma da mobilidade humana: a diáspora, o nomadismo e o refúgio. Respectivamente, foram analisados então três aspectos da migrância: as encruzilhadas vividas pelas pessoas negras na Itália; o diálogo intergeracional e as relações entre luto e deslocamento. Ao privilegiar a representação literária de sujeitos diaspóricos, nômades e refugiados, Igiaba Scego constrói diversos sentidos para a migrância e elabora um projeto político-literário de combate ao apagamento do colonialismo italiano no Chifre da África e seus efeitos na Itália contemporânea.

Palavras-chave: Migrância; Itália; Somália; Minha casa é onde estou; Adua.

REFERÊNCIAS:

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes**: uma filosofia da imigração. Tradução de Cezar Tridapalli. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOSTER, Christopher Ian. **Conscripts of migration: Neoliberal Globalization, Nationalism and the Literature of New African Diasporas**. University Press of Mississippi, 2019.

HAWTHORNE, Camilla. **Contesting Race and Citizenship**: Youth Politics in the Black Mediterranean. New York: Cornell University Press, 2022.

LOMBARDI-DIOP, Cristina. Postracial/Postcolonial Italy. *In*: Lombardi-Diop, Cristina; Romeo, Caterina. **Post-colonial Italy**: challenging national homogeneity. NewYork: Palgrave Mcmillan, 2012.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.

NOUSS, Alexis. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Tradução de Ana Paula Coutinho. Porto: Edições Afrontamento, 2016.

OTELE, Olivette. **African Europeans**: An Untold History. New York: Basic Books, 2022.

SCEGO, Igiaba. **Adua**. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

SCEGO, Igiaba. **Minha casa é onde estou**. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

Imaginar futuros menores:
Seres mais que humanos nos livros-imagem de Issa Watanabe

Renata Penzani
Orientadora: Profª. Drª Célia de Moraes Rego Pedrosa

A partir da leitura dos livros-imagem Migrantes (2021) e Kintsugi (2023), de Issa Watanabe, vislumbramos como – e se – a literatura para as infâncias pode ser uma janela de observação de "futuros menores" (Horne, 2025), aqueles em que "os seres menores estão no coração do social". Neste tempo em que catástrofes civilizacionais transformam as histórias, parece substancial entrever possibilidades de variação não só de imaginários, mas também na própria forma de imaginar. Para Horne (2025), "Se até agora pensávamos que a relação com esses outros a que chamamos animais, florestas, mares e rios consistia em conhecer, dominar, domesticar ou extrair, há algo nessa relação que nos escapou de forma fugaz e que regressa de forma ameaçadora". Daí a importância de pensar junto aos mais que humanos, seres menores por natureza, em diálogo com o conceito de Deleuze e Guattari (2014), em que a linguagem é um modo revolucionário de utilizar a língua. No cultivo de outras relações, não apenas centradas no paradigma humano-humano, dialogamos com Haraway (2023) e Despret (2024; 2021). Em Haraway (2023), observamos o "devir-com espécies companheiras" diante do contemporâneo, ao pensar "a mortalidade como a maneira mais radical de pensar a finitude que compartilhamos com os animais". Em Despret (2024; 2021), buscamos associar os aprendizados derivados do convívio com os seres que coabitam o planeta. Quanto à dimensão da poética visual de Issa Watanabe, nos guiaremos na formulação da natureza ambígua das imagens, Lartitegui (2023). Destacamos ainda a escolha do termo "literatura para as infâncias", utilizada no plural, a fim de valorizar as infâncias não apenas como etapas cronológicas, mas também como estados de fabulação (Kohl, 2022). Por fim, nossa intenção é questionar se narrativas como as analisadas – que apostam em relações interespécies e no detalhamento de núcleos menores de existência – podem compor novas configurações de coexistência.

Palavras-chave: Issa Watanabe; Livro-imagem; Futuros menores; Luz Horne; Seres mais que humanos.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: Por uma literatura menor. Trad. Cíntia Vieira da Silva. São Paulo: Autêntica, 2014.

DESPRET, V.. **A casa dos animais**. Trad. Beatriz Thibe. São Paulo: Editora 34, 2024.

DESPRET, V.. **O que diriam os animais?** Trad. Leticia Mei. São Paulo: Ubu, 2021.

HARAWAY, D.. **Quando as espécies se encontram**. Trad. Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2023.

HORNE, L.. **Futuros menores**: Filosofias do tempo e arquiteturas do mundo desde o Brasil. Trad. Diana Klinger e Luciana Di Leone. São Paulo: Edições N-1, 2025.

KOHL, R.. **Infância, palavra de risco**. Rio de Janeiro: Numa/Editora PUC-Rio, 2022.

LARTITEGUI, A. G. **Páginas mudas, livros eloquentes**. Trad. Dani Gutfreund. Coleção Cadernos Hexágono. São Paulo: Livros da Matriz, 2023.

WATANABE, I.. **Migrantes**. Salvador/São Paulo: Solisluna/Selo Emília, 2021.

WATANABE, I.. **Kintsugi**. Barcelona: Libros del Zorro Rojo, 2023.

“Os doutores fazem arte”: criação ficcional como pesquisa em cursos de Pós-Graduação em Letras

Santinie Estevão
Orientadora: Profª. Drª Stefania Chiarelli

Esta comunicação parte do diálogo entre escrita ficcional e escrita acadêmica para refletir, a partir de um levantamento inicial, sobre pesquisas de pós-graduação que tiveram como resultado obras ficcionais. Busca-se analisar como esses trabalhos articularam criação literária e pesquisa acadêmica, como as autoras lidaram com essa tensão e como se deu a recepção das obras em alguns desses casos. Autoras como Adriana Lisboa, Socorro Acioli e Tatiana Salem Levy integram experiências em diferentes instituições e períodos, algumas das quais despontaram antes mesmo da existência de programas de pós-graduação voltados para a escrita criativa. A prática revela debate sobre os limites entre teoria e ficção, bem como sobre o lugar da criação artística no meio acadêmico, espaço que tradicionalmente se volta para a análise literária como sua principal forma de pesquisa. O levantamento feito integra uma investigação mais ampla vinculada a esta pesquisa, que também tem por objetivo a criação de uma obra literária a partir da escrita de contos.

Palavras-chave: escrita ficcional; pesquisa acadêmica; pós-graduação; criação literária; estudos literários.

REFERÊNCIAS:

ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**: uma experiência de escrita. 2014. 212 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BERNARDO, Gustavo. **A ficção da tese**. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2008. Prosa & Verso, p. 2.

CONDE, Miguel. **Os doutores fazem arte**: romances e livros de contos apresentados como teses provocam discussão nas universidades. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2008. Prosa & Verso, p. 1-2.

COSTA, Adriana Lisboa Fábregas da. **Um beijo de colombina**: diálogo com a poesia de Manuel Bandeira. Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 153–155, 2018. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/35514. Acesso em: 14 jun. 2026.

COSTA, Adriana Lisboa Fábregas da. **Rakushisha, a cabana dos caquis caídos**: releitura de um diário de Matsuo Bashō. 2007. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FIGUEREDO, Gabriella Juvenal. **A chave, as casas e as portas**: a escrita ficcional em programas de pós-graduação em Letras. Relatório de Iniciação Científica (PIBIC). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2018/relatorios_pdf/ccs/HIS/HIS-Gabriella%20Juvenal%20Figueredo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

GARCÍA, Flavio; HAUER, Lena. Entrevista com Flávio Carneiro. **Abusões**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 268-295, 2019. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/45146/31205. Acesso em: 14 jun. 2026.

JOBIM, José Luís. **Pós-graduação para escritores?. Debate**: Contos e romances valem como tese? O Globo, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2008. Prosa & Verso, p. 3.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave de casa**: experimentos com a herança familiar e literária. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

NETO, Godofredo de Oliveira. Vinagre. Debate: Contos e romances valem como tese? O Globo, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2008. Prosa & Verso, p. 3.

SESSÃO 8

Escrever o desejo de escrever: vozes femininas da autoficção contemporânea

Letícia da Silva Lima
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anna Faedrich

O trabalho faz uma investigação do desejo de escrita na autoficção contemporânea de autoria feminina, procurando compreendê-lo como um movimento subjetivo atravessado por experiências coletivas, especialmente marcadas pelas questões de gênero. A partir da leitura das obras *A escrita como faca*, de Annie Ernaux (França), *Coisas que não quero saber*, de Deborah Levy (África do Sul/Inglaterra), e *Melhor não contar*, de Tatiana Salem Levy (Brasil), busca-se compreender como as autoras articulam a escrita de si como resistência simbólica, produzindo uma reflexão sobre o desejo de narrar diante de contextos de exclusão, silenciamento e violência. O trabalho tem como embasamento teórico a discussão de Anna Faedrich sobre as escritas de si. Para a autora, a autoficção "não busca totalizar a experiência, mas dar forma à sua impossibilidade" (FAEDRICH, 2025, p. 164). O objetivo é mostrar como as obras passam de experiências individuais, de enfrentamentos pessoais, do desejo e do trauma subjetivos, e respondem a questões sociais coletivas, como o silenciamento historicamente imposto às mulheres, transformando, assim, a escrita autoficcional em uma forma de resistência simbólica.

Palavras-chave: autoficção; escritas de si; crítica feminista; violência de gênero; silenciamento.

REFERÊNCIAS:

AGUERRE, Gabriela *et al*. *Eu escreve:* dilemas das escritas de si. Rio de Janeiro: Record, 2025.

Júlia Lopes de Almeida e suas contemporâneas: redes de sociabilidade feminina na belle époque carioca

Maria Eduarda Vasconcelos
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anna Faedrich

Esta pesquisa tem por objetivo resgatar as contribuições de Júlia Lopes de Almeida à imprensa carioca das décadas finais do século XIX às iniciais do século XX. Por meio da Hemeroteca Digital, ferramenta disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional, foi possível reunir e compilar crônicas, contos e outros textos publicados pela autora, que demonstram sua participação ativa nos círculos intelectuais e literários de sua época. Com foco no diálogo com seus pares – principalmente com as escritoras mulheres –, essa investigação concentra-se na identificação das relações de sociabilidade construídas por Júlia Lopes de Almeida. Em uma entrevista concedida ao Almanach do jornal *O Paiz*, quando perguntada sobre suas referências literárias, Júlia menciona apenas escritores e poetas homens. Por outro lado, promove eventos para homenagear suas contemporâneas e suas obras, defendendo o direito das mulheres de escrever. Diante dessa aparente contradição, a pesquisa busca compreender quais escritoras compunham seu círculo de diálogos intelectuais e como essas receberam criticamente suas obras, ampliando o foco para além da crítica literária produzida por homens. Essa perspectiva permite mapear a rede de escritoras que participaram ativamente do cenário cultural da Belle Époque, mas que foram posteriormente apagadas da historiografia literária. Ao recuperar essas trajetórias, a pesquisa contribui para a reavaliação do papel de Júlia Lopes de Almeida no meio cultural de sua época e também para a valorização de outras mulheres que dividiram esse espaço de produção. Embora não se declarasse feminista, Júlia atuou em defesa da emancipação e dos direitos das mulheres. Sua obra ficcional e jornalística problematizou os limites impostos ao papel social feminino e questionou as convicções que desmereceram a escrita feminina. Nesse sentido, sua atuação contribuiu fortemente para a construção da presença feminina no cenário intelectual do período.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; escritoras silenciadas; redes de sociabilidade literária; crítica feminista.

REFERÊNCIAS:

FAEDRICH, Anna (Org.). *Júlia do Rio: crônicas da Belle Époque carioca*. 1ªed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024

FAEDRICH, Anna. *Escritoras Silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022

GROSFOGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=html&lang=pt#:~:text=A%20estrutura%20do%20conhecimento%20nas%20universidades%20ocidentalizadas%3A%20racismo/sexismo%20epist%C3%AAmico%20e%20os%20quatro%20genoc%C3%ADdios/

epistemic%C3%ADdios%20do%20longo%20s%C3%A9culo%20XVI. Acesso em: 18 abr. 2026.

A mocinha infatigável: mecanismos de desvalorização da autoria feminina em textos críticos e jornalísticos sobre Alina Paim e sua obra

Andressa Marques Camargo
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anna Faedrich

O trabalho em questão se propõe a apresentar um recorte dos resultados de uma investigação realizada a partir de textos críticos e jornalísticos centrados na autora Alina Paim (1919–2011) e em sua obra. Investigação por meio da qual foi possível identificar, para além de elogios, ressalvas ou comentários negativos, manifestações, muitas vezes sutis e disfarçadas, tanto de uma desvalorização da figura da mulher escritora quanto de uma hostilidade em relação à produção literária de autoria feminina. No todo, a amostra, vale dizer, reuniu resenhas, notícias, perfis e outros textos veiculados na imprensa brasileira, além de orelhas das primeiras edições dos romances paiminianos. Nossa pesquisa, por meio da qual pretendemos contribuir com os estudos sobre Alina Paim e com as discussões acerca dos mecanismos que colaboram para a exclusão das mulheres de nossa memória literária, nos coloca em um diálogo direto com as análises de Anna Faedrich (2018); Milena Richter e Anna Faedrich (2024); Elaine Showalter (2009); Pierre Bourdieu (2016) e Constância Lima Duarte (1997). Para uma compreensão mais ampla da trajetória de Paim, serão fundamentais as pesquisas realizadas por Ana Maria Leal Cardoso (2009; 2010), além de consultas a entrevistas concedidas pela própria escritora.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; recepção crítica; imprensa brasileira; autoria feminina; Alina Paim.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. 3ª ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

CARDOSO, Ana Maria Leal. Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. *Aletria*, [s. l.], v. 20, n. 2, mai./ago. 2010, p. 125–132.

_____. A obra de Alina Paim. *Interdisciplinar* – Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão, v. 8, 2009, p. 35–45.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas*: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997, p. 85–94.

FAEDRICH, Anna. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, n. especial (supl.1), set. 2018, p. 164–177. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/30477/17321. Acesso em: 05 jun. 2026.

RICHTER, Milena Lima; FAEDRICH, Anna. A hostilidade como mecanismo de exclusão da literatura de autoria feminina na Belle Époque. In: DA ROCHA, Vanessa Massoni (org.). *Literatura em movimento*, v. 16. Campinas; Rio de Janeiro: Pangeia Editorial, EdUFF, 2024, p. 296–311.

SHOWALTER, Elaine. The Double Critical Standard and the Feminine Novel. In: _____. *A Literature of Their Own*: British Women Writers, from Charlotte Brontë to Doris Lessing. Londres: Virago, 2009. Edição revista e ampliada. Cap. 3, p. 61–81.

Se a mão que embala o berço governasse o mundo: representações da maternidade em Júlia Lopes de Almeida

Roberta Pimentel
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anna Faedrich

A presente proposta investiga as representações da maternidade na obra de Júlia Lopes de Almeida, articulando o discurso presente em *Maternidade* (1925) às configurações ficcionais dos romances *A Viúva Simões* (1897), *Memórias de Marta* (1899) e *A Falência* (1901). Considerando o debate proposto por Elisabeth Badinter (1985), que compreende o instinto e o amor maternos como construção histórica e cultural, este trabalho analisa as tensões entre idealização e experiência da maternidade na virada do século XIX para o XX. Em *Maternidade*, a autora elabora um discurso que exalta o amor materno e a abnegação feminina, atribuindo à mulher um papel fundamental na formação moral dos indivíduos. A maternidade é marcada por sacrifício, cuidado contínuo e responsabilidade emocional que se estende por toda a vida dos filhos, ao mesmo tempo em que é apresentada como uma vocação natural e sublime. Em *A Viúva Simões*, *Memórias de Marta* e *A Falência,* as narrativas evidenciam as contradições desse ideal: as personagens Ernestina, Marta e Camila representam figuras maternas distintas em suas relações com os filhos e com a sociedade que as cercam. Em um contexto histórico em que o papel de mãe era visto como parte da natureza feminina, busca-se identificar nos textos de Júlia Lopes de Almeida um registro das expectativas sociais, morais e ideológicas embutidos na mulher da época e que revele os possíveis conflitos entre seus deveres, seus desejos e sua própria identidade dentro de uma sociedade notoriamente patriarcal.

Palavras-chave: Maternidade; Literatura de autoria feminina; Gênero; Júlia Lopes de Almeida.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Maternidade*. (obra pacifista). Rio de Janeiro: Olívia Herdy e Cabral Peixoto, 1925. {publicada originalmente no Jornal do Comércio/Rio de Janeiro, entre agosto de 1924 a agosto de 1925}.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Falência*. Rio de Janeiro: Janela Amarela Editora, 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2024.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Viúva Simões*. Rio de Janeiro: Janela Amarela Editora, 2024.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DONATH, Orna. *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FAEDRICH, Anna. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Berta e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

IACONELLI, Vera. *Manifesto Antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Rememoração e luto em Annie Ernaux e Adriana Lisboa

Jaqueline Brito Fernandes
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Tatiana Pequeno da Silva

O presente estudo busca analisar as experiências de luto narradas por duas vozes fundamentais da literatura contemporânea: Annie Ernaux, nas obras *O lugar* (2021) e *Uma mulher* (2024) e Adriana Lisboa, em *Todo tempo que existe* (2022). Narrativas que têm em comum a rememoração da perda dos pais e a reflexão do impacto dessas perdas na vida dos familiares, em especial dos filhos. No cenário literário atual, o ato de narrar memórias transcende o registro biográfico, consolidando-se como um fenômeno de luta contra o esquecimento. A escrita torna-se, assim, um espaço de resistência onde a morte privada é processada e ressignificada. Sobre essa morte privada, de um familiar próximo, Eurídice Figueiredo afirma em *A nebulosa do (auto)biográfico* (2022): "Escrever é tentar exorcizar a morte, o impasse em que se encontra diante do vazio criado pela ausência da pessoa amada." (FIGUEIREDO, 2022, p 69). Dessa forma, a literatura desempenha um papel vital como instrumento para o encadeamento dos lutos, funcionando como um mecanismo de mediação que conecta a dor individual à experiência coletiva da perda. Ao transformar o silêncio da ausência em palavras, essas autoras não apenas preservam a memória de seus entes queridos, mas também oferecem ao leitor um caminho para a compreensão da própria finitude e dos laços que permanecem após a partida.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Luto; Rememoração.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *Diário de luto.* Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ERNAUX, Annie. *O lugar*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

_____. *A escrita como faca e outros textos.* Tradução Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.

_____. *Uma mulher.* Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2024.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A nebulosa do (auto)biográfico*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2022.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia.* Tradução de Marilene Carone. Apresentação e notas da tradutora. Apresentação de Maria Rita Kehl. Posfácio de Urania Tourinho Peres. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LISBOA, Adriana. *Todo o tempo que existe.* Belo Horizonte: Relicário, 2022.

O que não é espelho: pesos e contrapesos da amizade feminina na Tetralogia Napolitana, de Elena Ferrante

Giovanna Liberato Intellicato
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Stefania Chiarelli

Em "O amigo", Giorgio Agamben disserta sobre o caráter indefinível da amizade: como construir o conceito de algo que, de tão próximo, é difícil de ver? Se somos seres sociais, o amigo é necessário. Simultaneamente, por não ser "eu mesmo", e sim "o outro", o amigo é ameaçador, já que dá notícias de alteridade, de um mundo externo. Ao longo da história da literatura e da crítica literária, a amizade feminina foi comumente descrita como uma rivalidade. Na Tetralogia Napolitana, de Elena Ferrante, a relação de amizade entre as protagonistas Lila e Lenu é o que motiva a narrativa: nascidas em um bairro miserável de Nápoles no final da Segunda Guerra Mundial, as meninas passam a vida ligadas por um jogo de ausência e presença; o fio que liga suas histórias se tensiona e se afrouxa ao longo de mais de seis décadas. A complexa relação entre as duas personagens ilustra a dificuldade da definição expressa por Agamben: não se pode dizer que entre Lila e Lenu haja apenas lealdade, parceria e encorajamento. Concomitantemente, não é possível dizer que predomina a falsidade e competição. O outro, para as duas amigas, está tão próximo que quase não é possível vê-lo. No entanto, não é possível nomeá-lo como si e, por isso, os sentimentos de competição e de inspiração são indissociáveis.

Palavras-chave: Amizade feminina; crítica feminista; Elena Ferrante; Tetralogia Napolitana.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *O amigo.* Tradução de Bernardo Romagnoli Bethonico. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2012. (Caderno de Leituras, n. 10). Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad10.pdf

ANGELOTTI, Ana Lectícia. ART O Fio Vermelho que une Lenu e Lila: A Amizade na Tetralogia Napolitana, de Elena Ferrante. *Imagem*: Revista de História da Arte, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 2, p. 287–315, 2024. DOI: 10.34024/imagem.v3i2.16259. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/img/article/view/16259. Acesso em: 13 set. 2025.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

FERRANTE, Elena. *A amiga genial.* Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.
_____. *História do novo sobrenome.* Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

_____. *Frantumaglia: os caminhos de uma escritora.* Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017.

_____. *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever.* Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance.* Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São

Paulo: Editora 34, 2000.

PEDROSA, Camille Pessoa. O Bildungsroman feminino de Elena Ferrante e Lygia Fagundes Telles: um estudo comparativo entre *A Amiga Genial* e *Verão no Aquário*. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

SECCHES, Fabiane. *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência.* São Paulo: Claraboia, 2020.

SESSÃO 9

Horizonte da paisagem: construção do sujeito poético em Amargo como os frutos, de Paula Tavares

Pâmela Ferreira Silva
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Tatiana Pequeno da Silva

A paisagem, na poesia de Paula Tavares, deixa de ocupar a função descritiva para operar enquanto horizonte, tornando-se ilimitada ao passo que limita, configurando uma instância fundamental para a constituição do sujeito poético. Partindo desta hipótese, este trabalho analisa a obra *Amargo como os frutos,* investigando de que modo a paisagem literária articula-se com a formação do sujeito. A escolha do corpus justifica-se pela presença de fortes elementos paisagísticos e pela forma com que sua composição envolve questões políticas e identitárias que ressituam a literatura angolana no período pós-colonial. Ainda que a obra de Paula Tavares venha sendo analisada sob as instâncias da memória, do pertencimento e do corpo, permanece pouco explorada a relevância da paisagem, sob o viés fenomenológico, para a constituição do sujeito poético dentro do espaço literário. Como forma contribuir para essa discussão, este trabalho se propõe a realizar a análise crítica dos poemas que compõem a obra *Amargo como os frutos* (2011), sustentado nas contribuições de Michel Collot diante da noção de horizonte da paisagem e das análises críticas de Carmen Lucia Tindó Secco sobre a poesia angolana. Conclui-se que a paisagem, enquanto horizonte, contribui para a construção do sujeito poético, configurando como um horizonte para a subjetividade poética pós-colonial de Angola.

Palavras-chave: literatura africana em língua portuguesa; paisagem; identidade; memória; Paula Tavares.

REFERÊNCIAS:

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; Lemos, Masé; ALVES, Ida (org.). *Literatura e paisagem em diálogo.* Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11–28.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução: Ida Alves ... [et al.]— 1. Ed. – Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In*:* ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel (org.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010, p. 191-218.

SAMPAIO, Fernanda. Poesia, experiência e memória: apontamentos sobre a ficcionalização do "eu-lírico" na obra de Ana Paula Tavares. São Paulo: *Revista Crioula*, USP, 2022. p.70-81.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. *De veias, sangue, terra e água:* a escrita pulsante de Paula Tavares. Porto: Tempo espanto, 2025, p. 137-157.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *In*: Jornal O Angolense. Luanda: Suplemento Cultura, 2001, p. 16- 18.

Pensar e medir: o lógos como prática na poética de Sophia de Mello Breyner Andresen

Lorraina Almeida Serrão de Souza
Orientador: Prof. Dr. Luis Maffei

Este trabalho investiga a relação entre pensamento, medida e palavra na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, propondo que sua busca pela clareza não deve ser compreendida como transparência imediata ou ideal meramente estético, mas como uma exigência ética do dizer. A partir da noção de justeza desenvolvida por Manuel Gusmão e do diálogo com o pensamento de Heráclito, busca-se compreender de que modo a palavra poética, em Sophia, constitui-se como resposta a uma ordem que a antecede, e não como criação arbitrária do sujeito. A análise dos poemas "Homero" e "A Forma Justa" evidencia uma concepção de escrita marcada pela atenção ao real, na qual a forma não representa imposição ou artifício, mas exercício contínuo de fidelidade ao vivido. Nesse percurso, o *lógos* heraclítico é aproximado da poética andreseniana não como categoria exterior aplicada à obra, mas como possibilidade de compreender a união entre pensar, medir e dizer. A poesia revela-se, assim, como prática de escuta e reconstrução: uma tentativa sempre renovada de encontrar a palavra capaz de preservar a relação justa entre o homem e o mundo. Desse modo, pretende-se demonstrar que a obra de Sophia apresenta uma ética da linguagem na qual a precisão formal é inseparável de uma responsabilidade diante do real.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyner Andresen; Lógos; Justeza; Heráclito; Ética da linguagem.

REFERÊNCIAS:

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética Sophia de Mello Breyner Andresen.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2018.

COSTA, Alexandre. *Heráclito: fragmentos contextualizados.* Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

GUSMÃO, Manuel. "Da evidência poética: justeza e justiça na poesia de Sophia." Em *Tatuagem & Palimpsesto: da poesia em alguns poetas e poemas*, por Manuel Gusmão, 37-48. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

Montar o mar ou uma cartografia das edições do projeto *Mulher ao Mar*

Adriele Lima de Figueiredo
Orientador: Prof. Dr. Luís Maffei

Esta comunicação tem por objetivo apresentar os resultados iniciais da pesquisa desenvolvida durante o estágio de doutorado-sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), dedicado ao estudo do projeto poético *Mulher ao mar*, de Margarida Vale de Gato. Durante as consultas realizadas em bibliotecas portuguesas, no contato direto com as obras, foi possível reunir materiais e realizar as primeiras análises do projeto em progresso da poeta. Em conversa com a proposta temática desta edição do SAPPIL, *pondo as palavras em diálogo*, buscaremos mapear, a partir de uma leitura comparativa, algumas das especificidades de *Mulher ao mar*; os diferentes volumes em suas materialidades; os poemas que compõem as publicações bem como as suas relações paratextuais. Como espinha da presente pesquisa, tomamos como hipótese a compreensão do projeto como um trabalho em montagem, e, por quê não, um trabalho de *montagem crítica*, e, para tanto, mobilizaremos as provocações e contribuições teórico-metodológicas de Jean-Luc Godard, Márcia Arbex, Franklin Alves Dassie, entre outros.

Palavras-chave: Margarida Vale de Gato; *Mulher ao mar*; montagem; paratextos; literatura comparada. Poesia contemporânea portuguesa.

REFERÊNCIAS:

ARBEX, Márcia. “Mesa de montagem”. In: *Sobrevivências da imagem na escrita: Michel Butor e as artes*. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DASSIE, Franklin Alves. *Expedientes verbais, procedimentos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.

DIDI-HUBERMAN. *Passados citados por Jean-Luc Godard*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

GATO, Margarida Vale de. *Mulher ao Mar*. 1a ed. Lisboa: Mariposa Azual, 2010.

GATO, Margarida Vale de. *Mulher ao Mar Retorna.* Lisboa: Mariposa Azual, 2013.

GATO, Margarida Vale de. *Mulher ao Mar e Grinalda*. Lisboa: Mariposa Azual, 2018.

GATO, Margarida Vale de. *Mulher ao Mar: Brasil*. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

GATO, Margarida Vale de. *Mulher ao Mar e Corsárias*. Lisboa: Mariposa Azual, 2023.

MARTELO, Rosa Maria. Qualquer poema é um filme?. In: *O Cinema da Poesia.* Lisboa: Documenta, 2012.

Capacidade negativa: uma dimensão ética na descida aos infernos portugueses

Marcos Vinícius Rodrigues de Azevedo
Orientador: Prof. Dr. Luis Maffei

Em seu livro *Camões poeta, herói n'Os Lusíadas*, a professora e escritora portuguesa Helena Carvalhão Buescu recupera de John Keats o conceito *negative capability*, atribuído pelo poeta inglês aos grandes escritores — entre os quais destacava William Shakespeare — capazes de habitar incertezas, mistérios e dúvidas sem a necessidade de resolvê-los por meio de fatos ou explicações racionais. Segundo Buescu, lendo Keats, a *Capacidade Negativa*, corresponde à "visão de uma beleza estética capaz de se enraizar, não na construção lógica e sistemática, mas na capacidade de se mover (...) na vida de contingências potencialmente contraditórias e até em boa medida irresolúveis" (BUESCU, 2026, p. 16). Buescu enxerga essa característica na obra poética de Luís de Camões, particularmente nas intervenções subjetivadas que o poeta "ele-mesmo" faz n'*Os Lusíadas*, lançando indagações éticas "com claros efeitos lírico-meditativos" (BUESCU, 2026, p. 24), que produzem a constante oscilação temática entre as armas e as letras. Partindo dessa concepção, a presente comunicação propõe investigar, a partir da poética de *Inferno* (2021), de Pedro Eiras, em diálogo com a poesia de Camões e Dante Alighieri, e o conceito de "inferno do igual", formulado por Byung-Chul Han, a dimensão ética da descida aos infernos (catábase), sobretudo no contexto do século XXI. Mais do que um percurso de conhecimento ou revelação, a catábase será compreendida como um gesto de alteridade, no qual a figura do poeta se abre, em sua capacidade negativa, à escuta das vozes dos condenados. Não para explicar, resolver ou superar a condenação, mas para tornar audíveis vozes desconcertadas em meio à repetição do mesmo.

Palavras-chave: Catábase; Capacidade negativa; Alteridade; Luís de Camões; Pedro Eiras.

REFERÊNCIAS:

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*; integralmente traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1979.

BUESCU, Helena Carvalhão. *Camões poeta, herói n'Os Lusíadas*. Lisboa: Tinta da China , 2026.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* – 1ª ed. Edição, apresentação e notas: Luis Maffei & Paulo Braz. Curitiba: Kotter editorial, 2024. ISBN 978-65-5361-370-6.

EIRAS, Pedro. *Inferno*. São Paulo: Assírio & Alvim Brasil, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa*; A dor hoje. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2021.

Pensar com os indesejáveis: ecologia, alteridade e poesia

Matheus Cezar Ferreira

O presente trabalho propõe a leitura de um conjunto de poemas da produção luso-brasileira publicados a partir da década de 1970, a produção de Ana Luísa Amaral, Joaquim Cardozo, Leonardo Gandolfi, Paula Glenadel). A aproximação entre os autores selecionados não decorre de relações diretas de filiação estética ou geracional, mas da hipótese de que suas obras elaboram experiências poéticas atravessadas por uma sensibilidade ecológica radical, em consonância com as reflexões de Michel Deguy em *Ecologia e poesia*. Busca-se observar como cada poeta, por meio de seu trabalho com a linguagem, produz formas de alteridade vinculadas à partilha do *oikos* (morada), configurando modos de coexistência que deslocam a centralidade do humano e reinscrevem formas de vida não humanas no campo do valor, da atenção e do cuidado. Nessa perspectiva, a poesia opera como espaço de resistência às racionalidades que hierarquizam os viventes e legitimam regimes de exclusão, tornando visíveis presenças frequentemente marginalizadas ou consideradas residuais. Interessa ainda investigar de que maneira essas poéticas se articulam a diferentes figurações da crise, não apenas enquanto tematização da catástrofe ecológica, mas como questionamento dos modos modernos de habitar o mundo. Nesse sentido, o trabalho dialoga com as formulações de Marcos Siscar acerca da crise como operador constitutivo da poesia moderna e contemporânea, buscando compreender de que forma a emergência dos indesejáveis do Antropoceno reconfigura, simultaneamente, as experiências de linguagem, de comunidade e de mundo.

Palavras-chave: Poesia; alteridade; ecologia.

REFERÊNCIAS:

CARDOZO, Joaquim. Poemas. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

DEGUY, Michel. Ecologia e poesia. Tradução de Marcos Siscar. *Matraga: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 27, p. 113-121, jul./dez. 2010.

GANDOLFI, Leonardo. *Pote de mel e outros poemas*. São Paulo: Editora 34, 2025.

LIMA, Manoel Ricardo de. *A forma-formante: ensaios com Joaquim Cardozo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Velho “do Restelo”: uma voz que ecoa em Portugal e no Brasil de 1974

Susanna Dias de Faria
Orientador**:** Prof. Dr. Luis Maffei

O trabalho proposto busca observar aspectos em comum na poesia da portuguesa Fiama Hasse Pais Brandão e da brasileira Hilda Hilst publicadas em 1974 a partir de ecos do Velho “do Restelo” do épico camoniano. Os poemas contemporâneos analisados nessa proposta, a saber “Fulcro sepulcro” e o poema II dos “Poemas aos homens do nosso tempo” de Júbilo, memória, noviciado da paixão, foram escritos durante períodos ditatoriais em Portugal e Brasil, e ecoam críticas já feitas no século XVI por Luís de Camões através da fala do Velho no Canto IV d’Os Lusíadas. A análise será feita a partir dos poemas mencionados, utilizando textos teóricos sobre os poetas e poemas para compreender melhor os textos lidos aqui, e, quando necessário, outros poemas também serão lidos, embora não sejam os protagonistas do trabalho proposto. Além disso, o contexto histórico será considerado na leitura, visto que os poemas e versos analisados nessa comunicação se relacionam com a situação sociopolítica da época em que foram escritos. Apesar da diferença temporal e/ou geográfica, é possível observar aspectos semelhantes entre as obras, o que aponta para o diálogo das contemporâneas com a tradição e com o seu tempo, além de indicar que governos com aspectos comuns provocam reações semelhantes na sociedade e, consequentemente, na arte literária, independentemente da distância geográfica.

Palavras-chave: Fiama Hasse Pais Brandão; Hilda Hilst; Luís de Camões; Os Lusíadas; poesia.

Referências:

BERARDINELLI, Cleonice. Os excursus do poeta n'Os Lusíadas. **Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://catedravieira-ic.letras.puc-rio.br/detalhe/18/os-excursos-do-poeta-nos-lusiadas. Acesso em: 4 jun. 2026.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. **Obra breve**: poesia reunida. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. 1. ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2024.

COELHO, Eduardo Prado. Fiama Hasse Pais Brandão: poesia e escassez. In: _____. **O reino flutuante**. Lisboa: Edições 70, 1972. p. 217-224.

D'ONOFRIO, Salvatore. O Velho do Restelo e a consciência crítica de Camões. **Revista de História**, São Paulo, n. 76, p. 75-89, 1968. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128942. Acesso em: 7 jun. 2026.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; PEREIRA, Francisco Jadir Lima; ALMEIDA, Magno da Guarda. O labirinto poético de Hilda Hilst em Júbilo, memória, noviciado da paixão:

percurso lírico pelo corpo, tradição em odes descontínuas. **Texto Poético**, v. 16, n. 30, p. 101-120, fev./maio 2020. DOI: 10.25094/rtp.2020n30a700.

SESSÃO 10

A espetacularização da vida: uma análise das obras *O beijo no asfalto* (1960), de Nelson Rodrigues, e *O pagador de promessas* (1959), de Dias Gomes.

Daniel Reis Pessanha
Orientador: Prof. Dr. André Dias

O presente trabalho tem como objetivo analisar as peças O beijo no asfalto (1960), de Nelson Rodrigues, e O pagador de promessas (1959), de Dias Gomes, sob a perspectiva da espetacularização da vida. Levando em consideração a destruição das vidas de Arandir e Zé-do-Burro, personagens centrais de cada uma das peças, busca-se compreender os mecanismos sociais que promovem e sustentam o espetáculo social. Em outras palavras, visa-se entender os motivos que transformaram o beijo de Arandir e a promessa de Zé-do-burro em verdadeiros espetáculos sociais, que culminaram em suas mortes. Tendo como base os livros A Sociedade do espetáculo (2000), de Guy Debord, e A civilização do espetáculo (2013), de Mario Vargas Llosa, discute-se ainda a relação das questões apresentadas nas peças com a sociedade contemporânea, investigando, dessa forma, o papel do entretenimento e do esvaziamento do senso crítico para a espetacularização da vida. Dessa maneira, propõe um estudo comparativo das peças com o tempo presente. Por fim, o presenta trabalho propõe ainda refletir sobre os extremismos e divisões causados pela sociedade do espetáculo.

Palavras-chave: Teatro; Sociedade Espetáculo; Nelson Rodrigues; Dias Gomes.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Carla Cristina Costa. Nelson Rodrigues e a Reportagem Policial: realidade x ficção. Monografia de Graduação em Comunicação Social. Rio de Janeiro, UERJ, 2001.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

GOMES, Dias. *Os heróis vencidos vol.* 1 (Coleção Dias Gomes). Editora Bertrand Brasil, 1989.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MAGALDI, Sábato. *Prefácio – A peça que a vida prega.* In: RODRIGUES, Nelson. Teatro completo. 1ª edição, 1993, p. 11-131.

RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo Nelson Rodrigues:* tragédias cariocas. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SIBILA, Paula. *O Show do Eu – subjetividade nos gêneros confessionais da internet.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2007.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro.* São Paulo: Perspectiva, 2005.

A institucionalização da família: *Álbum de Família* (1945), *Os Sete Gatinhos* (1958) e o reflexo indesejável no espelho da sociedade brasileira

Vanessa da Costa Lamas
Orientador: Prof. Dr André Dias

Ao analisarmos as obras teatrais Álbum de Família (1945) e Os Sete Gatinhos (1958), do dramaturgo pernambucano Nelson Rodrigues, observamos que a temática das relações familiares é vista por uma perspectiva totalmente diversa da que é costumeiramente atribuída ao modelo social vigente, por meio de convenções naturalizadas especialmente a partir de aspectos arraigados à influência da religiosidade e à organização dos grupos constituídos de acordo com as classes sociais e econômicas das quais fazem parte. A família compreendida como a ideal pelas sociedades ocidentais até o século XX - pois no século em que nos encontramos (XXI) o entendimento sobre a diversidade dos modelos familiares não só se ampliou como se estabeleceu - corresponde ao padrão heterocisnormativo determinado pela figura do marido, da mulher e dos seus descendendentes (filhos), legitimada pelo Cristianismo por meio da sua principal instituição (a Igreja). Um dos comportamentos mais esperados de uma família adequada à estrutura corrente é a necessidade de uma apresentação que mescla felicidade e êxito, especialmente o de ordem material. Seja por uma questão estética ou, até emocional, uma família realizada representa o triunfo e a afirmação de que determinado modelo social é o que deve ser conservado. Entretanto, ao nos aproximarmos das personagens próprias dos textos de Nelson Rodrigues, constatamos que não existem ambientes felizes tampouco adequados àquilo que é considerado socialmente aceitável. O que encontramos, sem dúvida alguma, são indivíduos marcados por seus traços comportamentais particulares, tendo de estabelecer convivência num mesmo espaço e que, costumeiramente, vivenciam diversas contendas e peculiaridades.

Palavras-chave: Família; Teatro; Nelson Rodrigues.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland et al. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa.* Rio de Janeiro: Vozes. 1976.

BAKHTIN. Mikhail. *Estética da criação verbal.* Trad. Paulo Bezerra, São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade.* São Paulo: Editora Nacional, 1980.

DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes.* Niterói: Editora da UFF, 2012.

DIAS, Ângela Maria. *A forma da emoção: Nelson Rodrigues e o melodrama.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MAGALDI, Sábato. *Nelson Rodrigues: dramaturgias e encenações.* São Paulo: Perspectiva, 1992.

RODRIGUES, Nelson. *Os Sete Gatinhos.* Teatro Completo Vol.2: tragédias cariocas. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2020.

RODRIGUES, Nelson. *Álbum de família.* Teatro Completo Vol.1: peças míticas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *As flores da escrivaninha.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Apontamentos para a conceituação da distopia no campo literário (brasileiro)

Juliana Nascimento Berlim Amorim
Orientador: Prof. Dr. Franklin Alves Dassie

A palavra *distopia* ganhou significativo recrudescimento de seu uso cotidiano devido ao inflame das relações sócio-políticas no alvorecer do século XXI. O vocábulo se associa, na maior parte dos casos, ao campo político, com emprego bastante frequente do binômio *utopia*/*distopia*, sendo a *distopia* a reversão do ideal de sociedade projetado sobre a ideia de *utopia* (o "não lugar" em termos etimológicos), a qual será povoada pelos desejos sociais de equidade, como se apresenta em seu paradigma literário moderno, a obra *Utopia* de Thomas More. Esta comunicação investiga a possibilidade de uma definição independente de *distopia*, dissociada da *utopia*, entendendo o distópico, em particular o romance distópico, como um subgênero da ficção científica, a qual, no estudo clássico de Darko Suvin (1979, ainda inédito no Brasil|), é um gênero literário por conta própria. A *distopia*, ainda que projete em seu conteúdo romanesco um mundo futurista, apresenta, no geral, diálogo direto com o tempo histórico dentro do qual a obra é produzida, oferecendo respostas ou (maiores) indagações sobre a época em questão, vide dois exemplos canônicos: *1984* de George Orwell e *Não verás país nenhum* de Ignácio de Loyola Brandão, ambas as obras relacionadas a tempos históricos marcados pela prevalência de regimes totalitários. Além disso, no mundo do tecnocapitalismo de hipervigilância social, no qual a desconexão entre humano e máquina diminui a passos largos (vide a interdependência moderna das populações mundiais dos aparelhos celulares e das redes sociais), uma atualização do grande dilema de dissociação social da distopia parece ser a questão ambiental, pois é o bem-estar de Gaia que viabiliza a sobrevivência do gênero humano e sua jornada ainda bastante antropocêntrica, embora, como se diz há décadas, "a vida sobreviverá a nós" (CULP, 2020), e para o planeta a existência humana não é relevante, sendo na verdade indiferente.

Palavras-chave: distopia; utopia; ficção científica; gênero literário; capitalismo.

REFERÊNCIAS:

CULP, Andrew. *Dark Deleuze:* Pela morte deste mundo. Tradução de Camila de Moura. São Paulo: GLAC Edições, 2020.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira:* Mitos culturais e nacionalidade no país do futuro. São Paulo: Devir, 2005.

JAMESON, Fredric. *Arqueologias do futuro:* O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Tradução de Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. *Fantástico brasileiro:* O insólito literário do Romantismo ao Fantasismo. Curitiba: Arte e Letra, 2018.

SUKIN, Darko. *Metamorphoses of science fiction*: On the poetics and history of a literary genre. New Haven; London: Yale University Press, 1979.

O único monólogo: Nelson Rodrigues e Gabriel García Márquez e os caminhos através do drama

Vanessa Leal Nunes Vieira
Orientador: Prof. Dr. André Dias

O presente trabalho busca compreender quais teorias teatrais estavam no horizonte de Nelson Rodrigues e Gabriel García Márquez ao escreverem, respectivamente, *Valsa nº6* e *Diatribe de Amor Contra Um Homem Sentado* (ambos os únicos monólogos dos dois autores). É necessário, portanto, traçar um panorama da cena teatral de meados do século XX, no Brasil e na Colômbia, bem como entender caminhos relevantes percorridos pelo drama até então. Enquanto Márquez transitou de forma intensa entre a Colômbia, Chile, Argentina, México e até mesmo Paris e Nova York, onde também morou, Rodrigues nasceu no Recife, e viveu a maior parte da vida no Rio de Janeiro, sendo testemunha ativa das diferentes fases da cidade, inclusive quando esta era capital do Brasil. Através de algumas aproximações culturais e das observações acerca do percurso literário dos dois autores, podemos incluí-los na grande tradição teatral, identificando diferentes correntes estéticas abordadas em *Poética do Drama Moderno*, de Jean-Pierre Sarrazac, que teoriza sobre a modernização do teatro. O texto de Anatol Rosenfeld sobre *Brecht e o Teatro Épico* também se faz necessário, já que o teatro colombiano se desenvolve a partir desse marco estético e Márquez o faz repercutir em sua peça. Percorrendo, pois, as correntes estéticas que podem ter participação no desenvolvimento literário desses dois autores, e que culminam nas duas obras em questão, podemos mergulhar na questão do monólogo, já que aqui, analiso dois monólogos de personagens femininas, que se valem de técnicas diferentes para evitar cair no tom monótono, reflexivo ou humorístico, comumente associados a este tipo de gênero teatral. Para ir a fundo na análise, voltaremos a Sarrazac quando este percorre autores como O'Neill, com o monólogo interior, ou o expressionismo de Strindberg, na "dramaturgia do eu" e da situação de confinamento.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Gabriel García Márquez; Teatro; Monólogo; Drama.

REFERÊNCIAS:

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Diatribe de amor contra um homem sentado.* Tradução de Ivone Benedetti. Record, Rio de Janeiro, 2022.

RODRIGUES, Nelson. *Valsa nº6.* Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal.* Martins Fontes, São Paulo, 2020.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues.* Companhia das Letras, São Paulo, 2020.

LLOSA, Mario Vargas. *García Márquez: História de um deicídio.* Tradução de Ivone Benedetti. Record, Rio de Janeiro, 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar.* Tradução de Eric Nepomuceno. Record, Rio de Janeiro, 2023.

ROSENFELD, Anatol. *Brecht e o Teatro Épico*. São Paulo, Perspectiva, 2012.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *Poética do drama moderno:de Ibsen a Koltés*. Tradução de Newton Cunha, J. Guinsburg, Sonia Azevedo. São Paulo, Perspectiva, 2017.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno*. [1880-1950]. Tradução Luiz Sérgio Rêpa. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

A construção do eixo familiar em *Se deus me chamar não vou* e a *Árvore mais sozinha do mundo* de Mariana Salomão Carrara

Amanda Oliveira da Silva
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Claudete Daflon dos Santos

Este trabalho propõe uma análise crítica dos romances *Se deus me chamar não vou* (2019) e *A árvore mais sozinha do mundo* (2024), ambos de autoria de Mariana Salomão Carrara, situando-os no contexto da literatura brasileira contemporânea, com especial atenção à produção escrita por mulheres. Em um primeiro momento, será apresentada uma breve visão geral sobre a inserção de Carrara no cenário literário atual. Na sequência, a pesquisa se dedicará ao exame das dinâmicas familiares retratadas nas duas obras, observando como a imagem da família idealizada, modelo familiar considerado perfeito ou desejável, geralmente composta por pai, mãe e filhos vivendo em harmonia, estabilidade emocional e financeira, é gradualmente desconstruída, revelando contradições, silêncios e pressões sociais que fragilizam os vínculos afetivos. Dessa forma, a análise das obras visa contribuir para os estudos da ficção brasileira contemporânea produzida por mulheres, ampliando as discussões sobre as múltiplas configurações familiares e suas representações na literatura do século XXI.

Palavras-chave: Ficção brasileira contemporânea; família; narrativa; Mariana Salomão Carrara.

REFERÊNCIAS:

CARRARA, Mariana Salomão. *A árvore mais sozinha do mundo.* São Paulo: Todavia, 2024.

CARRARA, Mariana Salomão. *Se Deus me chamar não vou.* São Paulo: Editora Nós, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea:* um território contestado. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

_____. *Espaço de cumplicidade:* a representação da figura materna na literatura brasileira contemporânea. Cerrados, Brasília, v. 24, n. 39, p. 108-126, 2015.

_____. O lugar das coisas, ou de como os objetos compõem o espaço narrativo. In: DIAS, Ângela Maria; CHIARELLI, Stefania (Org.). *Atores em cena:* O público e o privado na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Oficina Raquel, 2017.

FREIRE, Pollianna de Fátima Santos. *Afetos possíveis : a representação de diferentes tipos de arranjos familiares na literatura brasileira contemporânea.* 2020. 296 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) — Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2020.

MATA, Anderson Luis Nunes da. Infância na literatura brasileira contemporânea: tema, conceito, poética. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 46, p. 13-20, jul./dez. 2015.

Fraturas no corpo-instituição: estratégias narrativas na construção da masculinidade em "Sargento Garcia" de Caio Fernando Abreu

Bruna Cristina Duarte Menezes Mafra Milani
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Stefania Chiarelli

Este trabalho propõe analisar e refletir sobre a construção da masculinidade no conto "Sargento Garcia" (1982) de Caio Fernando Abreu. O conto se insere em um contexto histórico de ditadura militar compreendida aqui como um regime "cis-hétero-militar" (Afonso-Rocha, 2021), no qual o sujeito militar é forjado como um "corpo-instituição" pautado na virilidade e disciplina (Grisoski; Nardi, 2025). O objetivo é compreender como o autor, a partir das palavras, consegue construir e desconstruir a masculinidade diante da urgência pungente do desejo homoerótico, um fator fraturante da rigidez militar. A análise intenta debruçar-se sobre o texto para demonstrar as contradições da postura do soldado frente ao seu íntimo, em ambientes diferentes e diante das outras personagens, sugerindo que a subjetividade dissidente atuaria como um elemento fraturante da rigidez militar. Para tanto, se entende necessário partir dos conceitos apresentados por Lugones, Sedgwick e Souza Júnior, para explorar as questões do domínio do sistema colonial e a questão da heterossexualidade, o conceito de "pânico homossexual" e o entendimento específico dos dêiticos, respectivamente, bem como os autores supracitados.

Palavras-chave: Literatura brasileira; masculinidade militar; Caio Fernando Abreu.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AFONSO-ROCHA, Rick. E havia uma ditadura cis-hétero-militar? *Periódicus*, Salvador, n. 16, v. 2, p. 17-42, set./dez. 2021.

GIGANTE, Matteo. *Eros e Ares nos Trópicos: como uma certa Literatura Brasileira decidiu desarmar lógicas de arregimentação bélicas e dessacralizar mitos de masculinidade.* Tese (Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022.

GRISOSKI, Daniela Cecilia; NARDI, Henrique Caetano. Espírito militar, virilidade e a manifestação de sujeitos dissidentes: diálogos possíveis. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 33, n. 2, e99521, 2025.

LUGONES, María. Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 186-209, 2007.

QUIROGA, José. *Tropics of Desire:* Interventions from Queer Latino America. New York: New York University Press, 2000.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet.* Berkeley: University of California Press, 1990.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. As paralelas que se encontram: elucubrações acerca da leitura de “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 197-231, jul./dez. 2010.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. Sem patente nem comenda: “Sargento Garcia”, de Caio Fernando Abreu. *Jangada*, Colatina/Chicago, n. 7, p. 4-38, jan./jun. 2016

SESSÃO 11

Aspectos formais e políticos nos contos “O diário de mistress Joan Martyn” (1906) e “O legado” (1940), de Virginia Woolf

Vitoria da Camara Villar
Orientador: Prof. Dr. Vitor Alevato do Amaral

Esta pesquisa se propõe a discutir os aspectos formais e políticos nos contos “O diário de mistress Joan Martyn” (1906) e “O legado” (1940), de Virginia Woolf. A partir do entrelaçamento entre *genre* e *gender*, a aproximação entre o conto e o diário permite à autora problematizar questões ligadas à forma, à tradição literária, à autoria feminina e à posição social e política das mulheres. Presentes na trajetória da autora antes mesmo da publicação de seu primeiro romance, em 1915, o conto e o diário ocupam posição marginal dentro do cânone literário e se aproximam por compartilhar um caráter liminar, flexível, resistente a definições rígidas e por acolher experiências cotidianas e personagens historicamente marginalizadas. Em “O diário de mistress Joan Martyn” (1906) e “O legado” (1940), esses gêneros se mesclam, dado que o diário é fio condutor dos contos e funciona como ferramenta de articulação da subjetividade das protagonistas. Através dos diários de Joan Martyn e Angela Clandon, os contos discutem as imposições sociais relacionadas ao casamento, o confinamento das mulheres ao espaço doméstico, o estigma em torno da escrita diarística e a desvalorização das experiências íntimas femininas na história. Separados por mais de três décadas, “O diário de mistress Joan Martyn” e “O legado” reiteram o duradouro interesse de Woolf nesses dois gêneros, assim como sua preocupação acerca das condições enfrentadas pelas mulheres. Em “O diário de mistress Joan Martyn” e “O legado”, Woolf centraliza a vida de mulheres e transgride a perspectiva purista dos gêneros literários, evidenciando a afinidade e a relevância do conto e do diário na literatura woolfiana.

Palavras-chave: Virginia Woolf; conto; diário.

REFERÊNCIAS:

BENZEL, Kathryn N.; HOBERMAN, Ruth (Org). *Trespassing Boundaries*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004.

BUNKERS, Suzanne L.; HUFF, Cynthia A. (Org). *Inscribing the Daily: Critical Essays on Women’s Diaries.* Amherst: University of Massachusetts Press, 1996.

DREWERY, Claire. *Modernist short fiction by women: the liminal in Katherine Mansfield, Dorothy Richardson, May Sinclair and Virginia Woolf*. Farnham: Ashgate, 2011.

HOGAN, Rebecca. Engendered Autobiographies: The Diary as a Feminine Form. In: NEUMAN, Shirley (Org). *Autobiography and Questions of Gender*. Routledge, 2016.

LEJEUNE, Philippe. *On Diary.* Tradução: Katherine Durnin. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.

MAY, Charles E. (Org). *Short Story Theories.* Ohio University Press, 1976.

MESQUITA, Ana Carolina de C. *O diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca pela literatura.* Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Universidade de São Paulo, 2018.

REYNIER, Christine. *Virginia Woolf's Ethics of the Short Story*. Nova Iorque: Palgrave, 2010.

SKRBIC, Nena. *Wild Outbursts of Freedom: Reading Virginia Woolf's Short Fiction.* Londres: Praeger Publishers, 2004.

WOOLF, Virginia. *Contos Completos*. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Editora 34, 2023.

O *Romance Novel* e a questão da emancipação feminina

Thayná Caldas Moreira
Orientador: Prof. Dr. André Cabral de Almeida Cardoso

O presente trabalho tem como objetivo analisar como as discussões sobre emancipação feminina permeiam a construção dos romances heterossexuais no *romance genre*. Para tal, é necessário refletir sobre as representações masculina e feminina, e como os dois se relacionam. Por se tratar de um gênero literário cujo enredo se destina à concretização de uma união romântica, é perceptível que herói e heroína desses romances são traçados de forma a cumprir papéis socialmente determinados por uma lógica patriarcal. Ainda assim, em resposta às teorias e críticas feministas, o gênero literário passou a adotar como discurso a ideia de "escolha" – ou seja, de que as heroínas de suas obras não são mais obrigadas a se casar, mas, em vez disso, estão escolhendo viver um grande amor, e que isso é também um símbolo de libertação. O trabalho analisa essa premissa e ainda discute como essa afirmação se tornou possível, tendo em mente as diversas vertentes do movimento feminista. Para as reflexões propostas, nos valemos principalmente dos estudos de Maya Rodale (2015), Cristen Hamilton (2013) e Laura Vivanco e Kyra Krammer (2010) sobre o *romance genre*, e os estudos sobre o Feminismo por bell hooks (2025), Koa Beck (2021) e Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019).

Palavras-chave: Estudos de gênero; Representação feminina; *Romance novel*.

REFERÊNCIAS:

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%:* um manifesto. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BECK, Koa. *Feminismo Branco:* das sufragistas às influenciadoras e quem elas deixam para trás. Trad. Bruna Barros. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.

HAMILTON, Cristen. Vindicating the Historical Romance. *Plaza: Dialogues in Language and Literature,* [S.l.], v. 3, n. 2, p. 140-156, jun. 2013. Disponível em: <https://plaza-ojs-uh.tdl.org/plaza/article/view/7021>. Acessado em 10 mar. 2026.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo:* políticas arrebatadoras. Trad. Bhuvi Libanio. 27ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2025.

RADWAY, Janice A. Women Read the Romance: The Interaction of Text and Context. *Feminist Studies,* vol. 9, n. 1, 1983, p. 53-78. Disponível em <http://jstor.org/stable/3177683>. Acessado em 10 mar. 2026.

RADWAY, Janice A. The Failed Romance: Too Close to the Problems of Patriarchy. In: RADWAY, Janice. *Reading the Romance:* Women, Patriarchy, and Popular Literature. Chapel Hill: The U of North Carolina P, 1991. E-book.

REGIS, Pamela. *A Natural History of the Romance Novel.* Philadelphia: University of Philadelphia Press, 2003. E-book.

RODALE, Maya. *Dangerous Books for Girls:* The Bad Reputation of Romance Novels Explained. [S.l]: [S.n], 2015. E-book.

VIVANCO, Laura; KRAMMER, Kyra. There Are Six Bodies in This Relationship: An Anthropological Approach to the Romance Genre. *Journal of Popular Romance Studies*, n. 1, 2010, p. 1-35. Disponível em <https://www.jprstudies.org/2010/08/there-are-six-bodies-in-this-relationship-an-anthropological-approach-to-the-romance-genre-by-laura-vivanco-and-kyra-kramer/>. Acessado em 10 mar. 2026.

A presença feminina no teatro irlandês: a voz de Mary Manning através de James Joyce em *The Voice of Shem*

Milena Lima Richter
Orientador: Prof. Dr. Vitor Alevato do Amaral

Diante de um cenário de escassez de reconhecimento, estudo e tradução da dramaturgia feminina de origem irlandesa, a presente comunicação tem como objetivo a investigação de *The Voice of Shem,* adaptação teatral da obra *Finnegans Wake*, de James Joyce, feita por Mary Manning (1906-1999). Atriz, dramaturga, diretora e crítica teatral de Dublin, Manning deixou um legado expressivo nos Estados Unidos como uma das fundadoras do *Poet's Theatre*, grupo teatral de Cambridge com enfoque no drama em verso de caráter experimental. A adaptação foi encenada pela companhia primeiramente em 1955*,* sob direção e dramaturgia da autora. Apesar da escolha de adaptar um livro como *Finnegans Wake* ter sido considerada um risco, como aborda Denis Johnston na versão publicada da peça, a dramaturga demonstrou profundo conhecimento a respeito da obra e, principalmente, capacidade criativa de ressignificação de um texto pré-estabelecido. Portanto, além de abordar brevemente fatos biográficos sobre Mary Manning e as informações principais a respeito de sua adaptação de *Finnegans Wake,* serão investigadas duas das escolhas realizadas por ela na organização textual da peça: a colagem de trechos diversos da obra e as estratégias de distribuição de frases do romance em falas de personagens. Essas decisões criativas colaboraram para tornar o texto mais teatralmente inteligível ao público da época. Dessa forma, ao permitir que sua voz, silenciada no cânone irlandês, seja amplificada através de um clássico joyciano, busca-se resgatar para a contemporaneidade uma figura feminina importante no cenário teatral do século XX e analisar aspectos de um de seus trabalhos mais notáveis.

Palavras-chave: Teatro; Adaptação; Dramaturgia Feminina; James Joyce.

REFERÊNCIAS:

CAMPBELL, Joseph and Henry Morton Robinson. *A Skeleton Key to* Finnegans Wake. New York: Harcourt, Brace & Co, 1944.

CASELLA, Donna. "Mary Manning." In: Jane Gaines, Radha Vatsal, and Monica Dall'Asta, eds. *Women Film Pioneers Project.* New York, NY: Columbia University Libraries, 2015.

HANSEN, João Adolfo. Fragmentos de/sobre Samuel Beckett. *Opiniães*, n. 14, p. 318-338, 2019.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies.* Oxford: Oxford University Press, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação.* Tradução de André Cechinel. 2ª ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

JOYCE, James. *Finnegans Wake.* Penguin Books, 1999.

MANNING, Mary. *The Voice of Shem:* Passages from *Finnegans Wake* Freely Adapted for the Theatre. London: Faber & Faber, 1958.

MCALINDEN, Gavin. *Mary Manning: A Life in Stages.* 2022. Tese de Doutorado. The University of Liverpool (United Kingdom).

REYNOLDS, Paige. The Avant-Garde Doyenne: Mary Manning, the Poets' Theatre, and the Staging of *Finnegans Wake*. *The Canadian Journal of Irish Studies*, p. 108-133, 2016.

Formas de narrar na modernidade: Joyce, Godard e a crise da representação

Samira Carvalho Silva Vieira
Orientador: Prof. Dr. Vitor Alevato do Amaral

Esta comunicação tem por objetivo comparar o livro *Dublinenses* (1914), do escritor irlandês James Joyce (1882-1941), e o primeiro longa-metragem do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard (1930-2022), *Acossado* (1961). Parte-se da hipótese de que ambos demonstram um impulso experimental e, exploram as potencialidades e os limites de suas mídias de maneira inovadora e, em diversos aspectos, convergentes. No caso do texto literário de Joyce, investiga-se como sua escrita, em seus contos, incorpora aspectos visuais, aproximando-se de uma lógica imagética e de dispositivos pré-cinematográficos. Desse modo, os contos recriam cenas que remetem aos brinquedos visuais deste período (Williams, 2020). Por outro lado, o texto fílmico de Godard faz o trajeto inverso ao se apropriar de elementos típicos da literatura. A intertextualidade em *Acossado* é um elemento estruturante do filme, que incorpora citações e referências fílmicas, pictóricas e literárias enquanto rompe com a linearidade da narrativa convencional ao retomar técnicas como *jump-cuts*, típicas do cinema primitivo (Marie, 2011). Essa abordagem evidencia um cinema que não apenas conta uma história, mas preocupa-se com sua linguagem ao mesmo tempo que funciona como forma de pensamento. A análise busca demonstrar como Joyce e Godard operam em um campo de trocas dinâmicas entre mídias no qual cinema e literatura se influenciam mutuamente. As experiências empregadas nessas produções antecipam o radicalismo formal utilizado por ambos em suas obras tardias — *Finnegans Wake* (1939) e *Histoire(s) du cinéma* (1989-1998). Para tanto, mobiliza-se o conceito de intermidialidade de Rajewsky (2011), que permite compreender as relações intermidiais. Além disso, essa perspectiva é ampliada pelas reflexões de Benjamin (1987) acerca da arte moderna e da crise do narrar, entendidas como resultado das transformações técnicas, culturais e sociais do mundo. Nesse contexto, tanto Joyce como Godard podem ser vistos como autores que respondem a essa crise e reinventam formas de narrar na modernidade.

Palavras-chave: Intermidialidade; James Joyce; Jean-Luc Godard; *Acossado*; *Dublinenses*.

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987 p. 197-221.

MARIE, Michel. *A Nouvelle Vague e Godard.* Trad. Eloisa A. Ribeiro e Juliana Araújo. Campinas, SP: Papirus, 2011.

ACOSSADO. Direção de Jean-Luc Godard. França: 1961. (90min)

JOYCE, James. *Dublinenses.* Trad. Caetano W. Galindo. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

RAJEWSKY, Irina O. Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality. *Intermédialités / Intermediality*, número 6, 2005, p. 43–64. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1005505ar>. Acesso em: 15, maio, 2026.

As fronteiras de Sebastian Barry

Discente: Maria Clara de Araujo Laeber
Orientador: Prof. Dr. Vitor Alevato do Amaral

O presente trabalho analisa o gênero romance histórico na literatura irlandesa contemporânea, examinando como narrativas de contextos históricos podem abordar questões atuais, amplificar vozes marginalizadas e preencher lacunas na memória nacional. Baseando-se em uma revisão teórica do gênero, o estudo foca na obra *Days Without End* (2016), do escritor irlandês Sebastian Barry (1955-). A pesquisa destaca como Barry utiliza o contexto histórico empregando uma perspectiva crítica sobre o passado e explorando as transformações literárias para situar sua obra nesse gênero, conforme abordado por Linda Hutcheon (1988) e György Lukács (2000), demonstrando como a obra de Barry explora as questões de pertencimento, memória e identidade. O estudo investiga o papel da memória e da subjetividade na narrativa, assim como os elementos de metaficção e autorreflexividade (Gasparini, 2008), examinando memórias fragmentadas e relatos biográficos familiares, bem como o papel da subjetividade na trama. A análise revela que, além de tratar de fatos históricos relevantes para a Irlanda, a obra também enfatiza questões individuais, trazendo à tona memórias e vozes esquecidas. Essa abordagem permite a Barry explorar não apenas questões nacionais, mas também a subjetividade do narrador-personagem, demonstrando como esses temas são essenciais para a construção da memória nacional coletiva e da memória individual, por meio da literatura. O trabalho conclui que o romance histórico contemporâneo traz uma perspectiva crítica de eventos históricos e desempenha um papel crucial ao dar visibilidade às histórias individuais, especialmente as de grupos marginalizados pelas narrativas oficiais. Em um contexto de crescente hibridismo nas narrativas literárias, em que diversos gêneros se mesclam na mesma obra, o gênero se mantém relevante, por oferecer um espaço de discussão, reconstrução e reverberação de memórias pessoais e coletivas, reafirmando sua contribuição para o debate acerca de uma suposta identidade cultural irlandesa, que hoje se entende como multifacetada.

Palavras-chave: Romance histórico contemporâneo; Memória e Subjetividade; Narrativas Marginalizadas.

REFERÊNCIAS:

ABRANTES, Elisa Lima. *Quem de fato faz a História? A Irlanda sob o olhar de Sebastian Barry.* 2014. Pesquisa de pós-doutorado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza.* San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BARRY, Sebastian. *Days without end.* London: Faber & Faber, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador: EDUFBA, 2008.

GASPARINI, Philippe. *Autofiction: une aventure du langage.* Paris: Seuil, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito.* Tradução de A. N. A. J. de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

KIBERD, Declan. *Inventing Ireland: the literature of the modern nation.* Cambridge: Harvard University Press, 1995.

LUKÁCS, György. *O romance histórico.* Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.* Tradução de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

WHELAN, Kevin. *The Great Irish Famine: a history in documents.* Oxford: Oxford University Press, 2004.

SESSÃO 12

Raízes africanas: recepção crítica do mito de Andrômeda em Ovídio.

Licya dos Santos Rios
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Renata Cazarini de Freitas

Esta pesquisa propõe uma leitura crítica do mito de Andrômeda, mais conhecida pela constelação que leva seu nome do que como princesa etíope cuja representação literária e iconográfica oscila entre mulher negra e branca. No complexo mitológico acerca da figura do *herói* Perseu, a bela Andrômeda aparece como jovem "marmórea" resgatada de um monstro marinho (Ov. *Met*. IV.675), contudo isso não quer dizer que o poeta romano Ovídio a retratasse como branca, mas *fusca* (Ov. *Ars* III.191), em contraste com parte significativa da recepção do mito. A origem da personagem não é suficiente para dirimir a questão já que o imaginário sobre a Etiópia também oscilava entre o mítico e o histórico. No entanto, o mito de Andrômeda tem sido reapropriado para discutir o apagamento racial e a presença da África no processo civilizatório do Ocidente. Sendo assim, a fim de investigar o que significa o movimento pendular das representações de Andrômeda, adotam-se os Estudos Críticos de Recepção dos Clássicos, que reconhece as violências estruturais promovidas pela Antiguidade Clássica e sua subsequente recepção, tradução e crítica. Constitui interesse particular dessa pesquisa entender quando a concorrência de representações se torna apagamento racial. Sendo assim, analisa-se, sobretudo, a recepção do mito na atual Etiópia através do coletivo artístico Yatreda ያጥሬዳ (2022), que resgata a herança africana no mito de Andrômeda.

Palavras-chave: Estudos de Recepção; Ovídio; Andrômeda; África; Alteridade.

REFERÊNCIAS:

HANINK, Johanna. "It's Time to Embrace Critical Classical Reception". *Eidolon*. 01/05/2017. Disponível em: https://eidolon.pub/its-time-to-embrace-critical-classical-reception-d3491a40eec3

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Greece & Rome: New Surveys in the Classics, n. 49 Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

MCGRATH, E., The Black Andromeda, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 55, 1992, 1-18.

OVÍDIO. *Amores & Arte de amar.* Tradução, introduções e notas de Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices de Peter Green. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

_____. *Metamorfoses*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

SNOWDEN JR., Frank M. *Blacks in antiquity:* Ethiopians in the Greco-Roman experience. Cambridge: Harvard University Press, 1970.

YATREDA ያጥሬዳ. *ANDROMEDA OF AETHIOPIA.* Disponível em: https://yatreda.com/andromeda-of-aethiopia

Pasolini e suas feras: caminhos de leitura para *Edipo Re* (1967)

Julianna de Carvalho Paes
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Renata Cazarini de Freitas

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a recepção crítica do filme *Edipo Re* (1967), de Pier Paolo Pasolini, a partir de três eixos que atravessam sua obra: marxismo, mística e psicanálise. Entendidas como "feras" metafóricas, em diálogo com as figuras de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, esses conceitos oferecem uma possibilidade de leitura dos impasses intelectuais, estéticos e existenciais presentes no universo pasoliniano. Como proposta inicial, busca-se investigar o que acontece com as feras quando deslocadas para o presente. A proposta insere-se no âmbito dos Estudos de Recepção (Hardwick), considerando os contextos político e cultural da obra e a linguagem cinematográfica. Prolífico ensaísta, Pasolini contribui enormemente com sua visão sobre o cenário cultural da época e com o enfoque dado ao cinema como registro poético da realidade. A pesquisa toma *A Divina Mimesis* (2026) de Pasolini como eixo privilegiado, por sua leitura do modelo dantesco para tratar do reconhecimento e afirmação da identidade pessoal, caminho que parece se adequar também à leitura crítica do mito de Édipo. A análise considera ainda a natureza fragmentária e lacunar tanto de *A Divina Mimesis*, quanto do cinema pasoliniano. Partindo da ideia de que, para Pasolini, o marxismo, a mística e a psicanálise constituíam linguagens decisivas para compreender a experiência humana, busca-se refletir sobre como essas referências são recebidas e interpretadas na contemporaneidade. Trata-se, portanto, de examinar em que medida essas categorias ainda preservam sua força interpretativa na recepção contemporânea de *Edipo Re.*

Palavras-chave: Pasolini; Édipo; Marxismo; Mística; Psicanálise.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental.* Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno.* Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.

ARISTÓTELES. *Poética.* Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

DUPONT, Florence. *Aristóteles ou o vampiro do teatro ocidental.* Tradução de Joseane Prezutto et al. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

]HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, nº 49 - Cambridge University Press, 2025.

PASOLINI, Pier Paolo. *A Divina Mimesis.* Tradução e posfácio de Cláudia Tavares Alves. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2026.

PASOLINI, Pier Paolo. *Escritos Corsários.* Tradução, apresentação e notas de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Editora 34, 2020.

PASOLINI, Pier Paolo. *Oedipus Rex: a film.* London: Lorrimer Publishing, 1984.

SÓFOCLES. *Édipo Tirano*. Tradução de Leonardo Antunes. Introdução de Breno Battistin Sebastiani. Pósfacio de Maria Homem. São Paulo: Todavia, 2018.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Dona leitora, a culpa é do vosso sexo: o gênero na primeira tradução de Dom Casmurro

Victoria Braz Souza
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Renata Cazarini de Freitas

A primeira tradução em inglês de Dom Casmurro (1899), de Machado de Assis, é publicada em 1953, com tradução de Helen Caldwell. A tradutora, apoiada também pelo seu ensaio The Brazilian Othello of Machado de Assis (1960), é comumente creditada por inaugurar a leitura que desconfia da narração de Bentinho (GUIMARÃES, 2024; SCHWARZ, 2006), ao defender que Capitu não teria cometido adultério. Nesse contexto, o objetivo desta apresentação é analisar a construção de gênero na tradução de Caldwell, tomando como exemplo as diversas opções utilizadas pela tradutora ao converter a palavra "amiga" para o inglês, bem como a opção por reproduzir ou não a marcação de gênero nas referências do narrador ao leitor ou leitora. Para fins de análise, recorre-se também à comparação com as escolhas linguísticas de traduções que a sucederam, sendo estas a tradução de 1997 de John Gledson e a de 2023, da dupla Margaret Jull Costa e Robin Patterson. As escolhas de Helen Caldwell podem ser reflexo da leitura empreendida pela tradutora, que é destrinchada mais tarde no ensaio de 1960, e impacta na recepção inicial do romance entre o público estadunidense, cujo ponto de partida difere do ocorrido entre o público brasileiro no início do século XX. De imediato, na Introdução que acompanha a primeira edição da tradução, Waldo Frank declara a culpa ou inocência de Capitu como a ambiguidade central do romance, o que ecoa na resenha do The New York Times, a qual descreve Capitu como "a faithful, quite as possibly a faithless, wife".

Palavras-chave: Dom Casmurro; Machado de Assis; tradução.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Tradução de Helen Caldwell. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1971.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro.* São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Tradução de John Gledson. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1997.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Tradução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson. [s.l.]: Liveright Publising, 2023.

CALDWELL, Helen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis:* um estudo de Dom Casmurro. Tradução de Fábio Cordeiro de Melo. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

FRANK, Waldo. Introduction. In: ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Tradução de Helen Caldwell. Nova York: Noonday Press, 1953.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Helen Caldwell, Cecil Hemley e os julgamentos de Dom Casmurro. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 12, n. 27, p. 113-141, agosto 2019.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* São Paulo: Todavia, 2024. p. 7-17.

SCHWARZ, Roberto. *Leituras em competição.* Novos Estudos, [s.l], p. 61-79, julho/2006

WEBSTER, Harvey Curtis. *The Essential Ambiguities in Us All.* The New York Times, [s.l.], 24 maio 1953. Disponível em: https://www.nytimes.com/1953/05/24/archives/the-essential-ambiguities-in-us-all-dom-casmurro-by-machado-de.html. Acesso em 28 jan. 2026.

Poesia erótica escrita por mulheres: denúncia e resistência antipatriarcal

Milena Martins Moura
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anna Faedrich

Como recorte da pesquisa maior "Resistência antipatriarcal nas antologias de poesia erótica de mulheres: dessacralização, denúncia e o gozo com a palavra", esta apresentação se propõe analisar a temática da denúncia do tratamento oferecido à mulher pelo tecido social sob o patriarcado. As autoras estudadas, retiradas de quatro antologias eróticas compostas apenas por mulheres, se utilizam de imagens relativas à sexualidade humana e, em especial, feminina, como instrumento de denúncia do posicionamento das mulheres na sociedade patriarcal do nosso tempo, dando voz em seus poemas a corpos femininos que representam algumas das principais questões atuais sobre o existir mulher. Analisaremos, assim, alguns desses pontos, por meio de um aparato sociológico e de crítica feminista que parte da noção do corpo feminino como um território colonizado, buscando comparações entre práticas de dominação, tais como a colonial e a patriarcal, e daí desdobrando aspectos diversos que derivam dos marcadores de subalternidade que nossas poetas acessam em sua escrita.

Palavras-chave: patriarcado; denúncia; poesia erótica; feminismo; subalternidade.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mika. (org.). *O olho de Lilith:* antologia erótica de poetas cearenses. São Paulo: Pólen/Ferina, 2019.

ANGEL, Katherine. *Amanhã o sexo será bom novamente*: mulheres e desejo na era do consentimento. Tradução: Rita Paschoalin. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

CARMO, Adrielle do; WAINER, Daniela. (orgs.). *Erótica*. Versos lésbicos. Salvador: Tucum, 2022.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2023.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *In:* HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje*: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-83.

MENEZES, Raquel. *69 poemas e alguns ensaios*. Rio de Janeiro: Oficinal Raquel, 2020.

OLIVEIRA, Juliana Goldfarb. O erotismo como resistência na poesia em língua portuguesa de autoria feminina. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO,* 11., 2017. Florianópolis. Anais Eletrônicos [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017, p. 1-12. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500251935_ARQUIVO_Oerotismocomoresistencianapoesiaemlinguaportuguesadeautoriafeminina.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. Cuestiones y horizontes*: de la Dependencia Histórico-estructural a la Colonialidad/Descolonialidad del Poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014. p. 201-245.

PRADO, Juliana (org.) *ErøtikAs*: coletânea. Rio de Janeiro: A Parideira, 2024.

Luanda entre o antes e o depois: as representações de cidade e infância na literatura angolana

Stephany Ricardo Gonçalves
Orientadora: Profª. Drª Renata Flavia da Silva

O presente trabalho integra as investigações do projeto "Representações da cidade e da infância na literatura angolana", desenvolvido no âmbito do PPG em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, o qual objetiva entender de que maneira a representação literária de cidade se entrelaça com a infância para construção de críticas sociais a partir da obra *Se o passado não tivesse asas* (2017), de Pepetela.

Em relação ao objeto central da pesquisa, faz-se necessário um aprofundamento voltado à representação de cidade, tanto na literatura quanto na sua construção ao longo da história. Para isso, o texto "Luanda, cidade e literatura" (Macêdo, 2008) nos encaminha ao entendimento do papel de representação da cidade de Luanda e como a cidade se tornou emblema de um projeto de nação e literatura. Além disso, para entendermos melhor a história de Angola, utilizamos as obras *História de Angola* (Wheeler; Pélissier, 2013) e *Condenados da Terra* (Fanon, 2005) para compreender a dinâmica do colonialismo e os caminhos de libertação de um povo oprimido. Já para o entendimento da representação de infância, baseamo-nos no texto "A representação de infância na literatura infantojuvenil" (Coelho, 2020).

Espera-se que este trabalho sirva como instrumento de valorização da literatura angolana e que sirva também para mostrar como a literatura pode se articular com outros aspectos, sendo eles, a história, a memória e a política de um país.

Palavras-chave: Literatura Angolana; Ficção; História; Cidade; Infância.

REFERÊNCIA:

CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. **Portanto...Pepetela.** São Paulo: Ateliê Editoral, 2010.

COELHO, Isabel. **A Representação da criança na literatura infantojuvenil**. [s.l.] Editora Perspectiva S/A, 2020.

FANON, Fratz. **Os condenados da terra**. Tradução Elnice Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora:Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. e revisão técnica Arthur Ituassu; trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; Apicuri, 2016.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura.** Luanda: Nzila/ São Paulo: Editora UNESP, 2008.

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária.** São Paulo. Editora Kapulana, 2015.

RIBEIRO, António de Sousa (Org.). Representações da violência. Coimbra: Almedina, 2013.

PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas.** Alfragide: Dom Quixote, 2016.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola.** Lisboa: Tinta da China, 2013.

SESSÃO 13

Pela formação de uma kalunga literária através de narrativas guardiãs de memória

Débora Cristina da Silva Nogueira
Orientadora: Profª. Drª. Anita Martins Rodrigues de Moraes

No campo dos estudos de literatura, a análise do cânone ocidental tem sido dominada porvisões eurocêntricas. No entanto, há uma crescente investigação acerca de como narrativas periféricas se relacionam com esses estabelecimentos e redefinem essa tradição. Neste trabalho, através do termo Bantu kalunga e dois de seus significados — o primeiro significado, que define Kaluunga enquanto energia superior e força vital que habita todas as coisas no universo (Fu-Kiau apud Guimarães, 2022, p. 76-77); e o segundo significado, que se funda na tradição religiosa afro-brasileira, que se dá a partir do tráfico transatlântico, definindo kalunga enquanto Mar e Cemitério (Ferreira, 2025, p. 2) —, propõe-se um espaço comum que abriga narrativas que se contrapõem ao cânone ocidental ao priorizarem temas que se desenvolvem a partir de dinâmicas de raça, gênero e classe. Esse espaço, nomeado kalunga literária, seria formado por narrativas que figuram como guardiãs da memória de povos silenciados. O objetivo é estudar parâmetros determinantes que integrariam uma obra a este conjunto. A ideia de uma kalunga literária se definiria, em um primeiro momento, como um espaço comum que confere presença de um conjunto de obras e narrativas que exploram dinâmicas de poder e propõem uma forma subversiva frente a essas disputas. Incluir-se-iam, então, obras que se dão a partir dos diálogos produzidos à partir de categorias de opressão apontadas anteriormente que interferem nas construções literárias. A associação a ser feita é o da grandeza da narrativa por si só. Composta por aspectos que, além de justificarem sua presença na kalunga literária, é a narrativa enquanto cristal (Fu-Kiau, 1991, p. 2). O elemento sacro é a memória coletiva que essas narrativas mobilizam. Através da narrativa vemos a grandeza da memória; podemos pensar em uma presença zeladora. A narrativa figura como guardiã de memórias da subalternidade.

Palavras-chave: Kalunga; Literatura; Memória; afro-brasileiro; Teoria da Literatura.

REFERÊNCIAS:

FERREIRA, Vivian Carla Garcia. Memórias de Kalunga: tempo, corpo e passagem. **Revista ClimaCom:** Manifesto das águas, ano 12, n. 28, 2025.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. African **Cosmology of the Bantu-Kongo:** Tying the Spiritual Knot, Principles of Life & Living. New York: Athelia Henrietta Press, 2001.

_____. **A visão bântu-kôngo da sacralidade do mundo natural.** Tradução de Valdina O. Pinto. 1991. Disponível em: https://www.saberestradicionais.org/publicacoes-de-mestras-e-mestres-texto-de-fu-kiau-traduzido-por-makota-valdina/ . Acesso em: 10 ago. 2025.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 43, p. 26-44, nov. 1995.

GUIMARÃES, Agnes Lima de Oliveira. A operacionalidade do conceito de kalunga para uma revisão crítica das epistemologias negras. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 227, p. 23-32, 6 mar. 2021.

_____. **“Kalunga guarda muito de nossa memória”**: semânticas transculturais de Kalunga em contexto diaspórico. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro Orientais, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2006.

Formação do leitor literário crítico: um olhar sobre representatividade feminina e ancestralidade nas obras de Jarid Arraes e Ana Fátima

Ana Letícia Monteiro Barbosa da Costa
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Flávia Vieira da Silva do Amparo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as obras Os dengos na moringa de Voinha (2023), de Ana Fátima, e Cordéis para crianças incríveis (2024), de Jarid Arraes, com ênfase nas representações femininas presentes nessas produções literárias. Dessa forma, a análise das obras tem como propósito examinar as abordagens temáticas como inclusão, diversidade, empoderamento feminino, ancestralidade e identidade, a fim de compreender como esses elementos se articulam nos enredos. Ademais, será observado e discutido a relevância das obras e como as articulações realizadas pelas autoras contribuem para a formação do leitor literário crítico. Diante disso, as autoras desenvolvem as narrativas explorando essas temáticas de maneira clara, significativa e lúdica, ressaltando sua relevância para o processo e construção de uma leitura reflexiva. Dessa maneira, os eixos temáticos das obras exploram aspectos e problemas sociais relacionados à realidade cotidiana, estimulando os leitores a refletirem sobre suas atitudes e comportamentos presentes no dia a dia. Como objeto deste estudo, apresentam-se análises e pesquisas tendo como fundamentação teórica e temática a valorização e fortalecimento da equidade e inclusão entre as crianças e os jovens. Portanto, o referencial teórico apresentará análises a respeito das perspectivas dos jovens com a leitura, além de detectarem possíveis resistências e adversidades na construção do letramento literário crítico. Assim, a partir das observações e ponderações de Paulo Freire (2018), Michèle Petit (2009 e 2010), Sardinha (2018) e Eurídice Figueiredo (2020) a pesquisa apresentará as perspectivas dos jovens com a leitura e detectará possíveis resistências e adversidades através dos estudos desses autores, relacionando com as obras literárias analisadas.

Palavras-chave: letramento literário crítico; representações femininas; inclusão; diversidade; ancestralidade.

REFERÊNCIAS:

ARRAES, Jarid. **Cordéis para crianças incríveis.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2024.

FÁTIMA, Ana. **Os dengos na moringa de Voinha.** São Paulo: Brinque-Book, 2023.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** São Paulo: Editora 34, 2010.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros. **Letramento Crítico:** Uma Abordagem Crítico Social Dos Textos. V.20. Rio de Janeiro, 2018.

GERALDI, João Wanderley. **A leitura em momentos de crise social.** São Paulo: Mercado das letras, 2009.

GERALDI, João Wanderley. **Políticas de inclusão em estruturas de exclusão.** São Paulo: Mercado das letras, 2009.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista:** leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre, RS: Zouk,

Da literatura aos palcos: Brokeback Mountain e a solidão

Fabricio Gomes Paiva
Orientador: Prof. Dr. Vitor Alevato do Amaral

Esta comunicação refere-se ao estudo em andamento sobre a peça Brokeback Mountain (Robinson, 2023). Foco aqui no personagem principal Ennis Del Mar, em que suas memórias o acompanham após trinta anos do falecimento de seu amado, Jack Twist, e as consequências que este acontecimento o causou. Como objetivo principal, este trabalho investiga como a solidão entre indivíduos LGBTQIA+ é (re)apresentada através da adaptação dramática e, consequentemente, da subjetividade do referido personagem. Através de uma análise de corpus (Aluísio; Almeida, 2006), ilustro os momentos em que Ennis Del Mar demonstra sua solidão, como este reage ao sentimento e como a dramaturgia constrói sua subjetividade. Para tal, identifico a solidão de Ennis Del Mar como solidão ética (Stauffer, 2015; Mattocks, 2024), sendo um tipo de isolamento experenciado por aqueles que não conseguem tampouco podem ser ouvidos, pois são reprimidos desde muito cedo em suas vidas. Este estudo demonstra sua relevância ao usar a dramaturgia como espaço de adaptação (Hutcheon, O'Flynn, 2013; Laera, 2014) para denunciar uma violência que ainda assombra indivíduos LGBTQIA+. Como resultado, entendo que a dramaturgia reescreve a solidão ética, ao denunciar suas consequências sobre suas vítimas.

Palavras-chave: Brokeback Mountain; solidão ética; adaptação.

REFERÊNCIAS:

ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. Calidoscópio. vol. 4, n. 3, p. 156-178, 2006. Acesso em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/391802/mod_resource/content/1/Corpus_o%20que%20%C3%A9.pdf>. Acesso em: 13/06/2026.

HUTCHEON, Linda; O'FLYNN, Siobhan. **A Theory of Adaptation.** 2ª Edição. Nova Iorque: Routledge, 2013.

LAERA, Margherita. Introduction - Return, Rewrite, Repeat: The Theatricality of Adaptation. In: LAERA, Margherita (Ed). Theatre and Adaptation: return, rewrite, repeat. Londres: Bloomsbury, 2014. pp. 1-17.

MATTOCKS, Jackson. Settler Alienation in the American West: Alienation, Loneliness, and Colonial Masculinity in Ang Lee's Brokeback Mountain and Cormac McCarthy's Blood Meridian. Cairo Studies in English, v. 2024, n. 2, p. 195-214, 2024. Disponível em: <https://cse.journals.ekb.eg/article_400845.html>. Acesso em: 13/06/2026.

ROBINSON, Ashley. **Brokeback Mountain.** 1ª Edição. Londres: Nick Hern Books, 2023.

STAUFFER, Jill. **Ethical Loneliness:** the injustice of not being heard. Nova Iorque: Columbia University Press, 2015.

A pele como primeira vestimenta em Ânsia Eterna de Júlia Lopes de Almeida

Bárbara Paim
Orientadora: Profª. Drª. Anna Faedrich

A produção literária de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), apesar de sua relevância para a literatura brasileira, ainda oferece caminhos de leitura pouco explorados pela crítica. Entre eles, destaca-se a representação do corpo em sua materialidade física, isto é, em seus traços visíveis, como cabelos, olhos, pele, marcas, verrugas e demais aspectos que compõem a aparência das personagens. Em seus contos, esses elementos ultrapassam a função meramente descritiva e passam a atuar como índices de valores sociais, morais e estéticos. Partindo dessa perspectiva, esta comunicação propõe uma análise de contos da coletânea Ânsia Eterna, publicada em 1903, com o objetivo de investigar como os corpos das personagens são construídos a partir das tensões entre beleza, feiura, normalidade e desvio. A pesquisa parte da compreensão de que o belo e o feio não são categorias naturais ou fixas, mas construções atravessadas pelo tempo, pela cultura e pelas formas de organização social. Para isso, serão mobilizadas as reflexões de Umberto Eco em História da beleza (2004) e História da feiura (2007), obras nas quais essas categorias são compreendidas em sua instabilidade histórica e simbólica. A partir desse aporte, busca-se observar de que maneira os traços físicos descritos por Júlia Lopes de Almeida revelam padrões de aparência, marcas de exclusão, julgamentos sociais e possíveis formas de transgressão. Assim, pretende-se demonstrar que, em Ânsia Eterna, o corpo físico pode funcionar como espaço de conflito entre o que é socialmente desejado e aquilo que escapa aos modelos normativos, isto é, como materialização de opressão ou resistência. Ao analisar essas representações, a comunicação busca contribuir para a ampliação das leituras críticas sobre a autora e para a compreensão da aparência corporal como elemento central na construção estética e social de seus contos.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Moda; Feminismo; Júlia Lopes de Almeida; Ânsia Eterna.

REFERÊNCIAS:

ACOM, Ana Carolina. **O ser e a moda:** a metafísica do vestir. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna* [1903]. 2. ed. rev. Brasília: Senado Federal, 2020.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In.: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 85-95

ECO, Umberto (org.). **História da beleza.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ECO, Umberto (org.). **História da feiúra.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher.** 2 ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2009.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto.** Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.

SESSÃO 14

A fome ancestral de Conceição Evaristo

Susana Cristina Ferreira Fernandes
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Chiarelli

O presente trabalho propõe um estudo sobre a escrita de Conceição Evaristo a partir do livro Ponciá Vicêncio (2003), mais precisamente sobre como o conceito de Escrevivência, criado pela escritora, dialoga com sua primeira obra publicada. Além disso, explora os elementos da cultura afro-brasileira e afro-diaspórica presentes na obra e constitutivos do conceito. A fome simbólica, que se manifesta no desejo de encontro com a ancestralidade, pode ser vista na trajetória da protagonista Ponciá, que apresenta as problematizações referentes à sua origem e ao seu lugar na sociedade. Para o embasamento teórico, foram utilizados os estudos de Eduardo de Assis Duarte, Ynaê Lopes dos Santos e Nei Lopes. A pesquisa constatou que a autora explora o conceito de Escrevivência na construção da personagem Ponciá, que, além de não se identificar com seu nome, atrai para si a miséria e a desesperança ao se afastar de suas origens e de sua herança ancestral. Nesse contexto, a fome ancestral configura-se com um projeto político e estético que articula memória e coletividade.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio; Escrevivência; Fome; Ancestralidade.

REFERÊNCIAS:

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DIONÍSIO, Dejair. **Ancestralidade Bantu na Literatura Afro-brasileira:** reflexões sobre o romance “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. In: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (Org.). **Escrevivência:** a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência:** a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. África: âncora dos navios de nossa memória. In: **Via Atlântica.** São Paulo, v. 13, n. 2, p. 159–166, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51689> Acesso em: 10 set. 2025.

FONSECA. Maria Nazareth S. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima et al. **Escrevivência:** identidades, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Constância Lima Duarte et al. Rio Janeiro: Malê, 2023.

LOPES, Nei. **Kitábu:** o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Malê, 2024.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau:** análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fosforo, 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro:** uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

AS AMBIVALÊNCIAS DA MATERNIDADE NO ROMANCE 40 DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Tina Lilian Silva Azevedo
Orientadora: Profª. Drª. Ekaterina Volkova Américo

Quarenta Dias, de Maria Valéria Rezende, narra a história de uma mulher idosa que se vê pressionada a deixar a cidade onde viveu a maior parte de sua vida e onde se construiu como "ser", para ir viver na cidade onde mora sua filha, sob o pretexto de se tornar uma "avó profissional". A temática da maternidade narrada no romance expõe formas de controle da mulher, uma vez que os corpos femininos encontram-se situados no interior de uma rede de poderes que lhes impõe limitações, proibições e obrigações – tal qual exposto por Elisabeth Badinter (1985) e Silvia Federici (2017). A insistência num modelo anacrônico de cuidado, baseado na inteira responsabilização das mulheres, é o discurso pelo qual a sociedade justifica e reitera o lugar feminino, qual seja, viver o mito do amor materno em todas as fases de sua vida. Em cotejo com Saladini (2024) e Marçal (2022), constata-se que a imposição social da maternidade, bem como o cuidado dos netos pelas avós, é fonte direta da pobreza feminina. Iaconelli (2023) afirma que estes conflitos são embates políticos, e constituem o que denomina de políticas de reprodução. Este trabalho, pretende demonstrar as origens da imposição da maternidade como objetivo central na existência das mulheres e como o mito do amor materno entra em confronto com o modo de viver destas na contemporaneidade e nas imposições que lhe afetam oriundas do capitalismo tardio. E, ainda, como a atuação da violência simbólica sobre o corpo feminino em fase de envelhecimento é naturalizada e sistematicamente reproduzida.

Palavras-chave: feminismo; mito do amor materno; patriarcado; misoginia estrutural; pobreza feminina.

BIBLIOGRAFIA

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

CARROL, Lewis. Aventuras de Alice no país das maravilhas & através do espelho. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Clássicos Zahar, 2013.

FEDERECI, Silvia. Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERECI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

IACONELLI, Vera. Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MARÇAL, Katrine. O lado invisível da economia: uma visão feminista do capitalismo. São Paulo: Alaúde, 2022.

PORTER, Eleanor H. Pollyanna. Tradução de Márcia Soares Guimarães. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

REZENDE, Maria Valéria. Quarenta Dias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. SALADINI, Ana Paula

SALADINI, Ana Paula Sefrin. O trabalho invisível de cuidado. Brasília: Venturoli, 2024.

Entre Letras e Direitos: A Escrita Feminina na Luta pela Cidadania e pelo Sufrágio.

Tahiná da S. S. Moreira
Orientadora: Profª. Drª. Anna Faedrich

Entre palavras, ideias e reivindicações, a escrita feminina consolidou-se como um poderoso instrumento de resistência. Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma parte da pesquisa desenvolvida para a construção da tese intitulada O resgate de Josephina Álvares de Azevedo: literatura, política e resistência na peça teatral O Voto Feminino. Busca-se evidenciar como a produção de escritoras, como Josephina, contribuiu para a conquista de direitos e para a ampliação da participação das mulheres na vida pública. Ao contrário do que se acreditava até poucas décadas atrás, muitas mulheres utilizaram sua intelectualidade para refletir e demonstrar à sociedade que possuíam o direito à educação, ao voto e à participação nos espaços públicos, assim como os homens. O folhetim A Família, pertencente e dirigido por Josephina Álvares de Azevedo, reunia textos de colaboradoras e escritoras como Anália Franco, Júlia Lopes de Almeida, Mariana Barroso da Silveira e Maria Zalina Rolim, entre outras. Em sua maioria, essas autoras publicavam textos em defesa dos direitos das mulheres, contribuindo para a luta contra as desigualdades de gênero e demonstrando que as mulheres possuíam capacidade intelectual para pensar, argumentar e expressar suas próprias opiniões. Durante muito tempo, suas produções foram submetidas a um processo de apagamento sistemático. Atualmente, entretanto, essas escritoras vêm sendo resgatadas, analisadas e republicadas por pesquisadores e pesquisadoras, uma vez que suas obras evidenciam a significativa contribuição feminina para a conquista de direitos, como o voto e a participação das mulheres na sociedade. Desse modo, este trabalho percorre a trajetória da luta pelos direitos de cidadania e de participação política das mulheres, tomando a escrita feminina como importante ferramenta de reivindicação e resistência, até a efetiva conquista do sufrágio feminino e o reconhecimento da mulher como cidadã.

Palavras-chaves: Escrita Feminina; Josephina Álvares de Azevedo; Sufrágio Feminino; Resistência.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Josefina Álvares de, 1851-1913. A mulher moderna: trabalhos de propaganda / Josefina Álvares de Azevedo; apresentação e notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares ; introdução à coleção Ilana Trombka, posfácio e cronologia Valéria Andrade. – 3. ed. rev. e aum. – Brasília: Senado Federal, 2021.185 p. – (Coleção escritoras do Brasil ; v. 1)

DUARTE, Constância Lima. Memorial do Memoricídio: escritoras esquecidas pela história. Vol. I/ Organização: Constância Lima Duarte. Belo Horizonte: editora Luas, 2022.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Vida de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890- 1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FAEDRICH, Anna. Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa; Fundação Biblioteca Nacional, 2022.

KARAWEJCZYK, Mônica. As filhas de Eva querem votar : dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c. 1850-1932). 2013. 398f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2013.

Travessia: rompimento com o apagamento feminino em obras sobre a ditadura militar a partir da perspectiva do cronotopo

Tamiris Matias Vieira
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Ekaterina Vólkova Américo

Ao longo da história, as obras de autoria feminina têm sido alvo de apagamento, o que se estende às publicações que versam sobre a ditadura militar brasileira. Nessas produções literárias, emergem temáticas invisibilizadas pelos romancistas homens, dentre as quais pode-se destacar o trauma sexual. Evidencia-se, portanto, uma intersecção entre gênero e ideologia, que reflete a ordem patriarcal da sociedade. Desse modo, este estudo objetiva analisar o romance Travessia, publicado pela primeira vez em 1982 pela editora Record, tencionando investigar como ele constrói críticas a esse regime de exceção por meio da relaçã tempo-espaço. Assim, a discussão será guiada a partir do conceito de cronotopo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin em Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo (2018 [1930]). Como metodologia, adota-se, na primeira parte do trabalho, a pesquisa bibliográfica, a fim de apresentar a conjuntura política durante o regime militar. Em seguida, será empreendida a análise qualitativa da obra que constitui o corpus desta pesquisa, visando a demonstrar como tempo e espaço relacionam-se ativamente na trama, permitindo que denúncias muitas vezes apagadas recebam visibilidade. Como resultado, revela-se que o romance abre espaço para que vozes historicamente marginalizadas venham à tona, já que o contexto espaço-tempo cria um cenário em que os múltiplos discursos podem ser articulados.

Palavras-chave: Ditadura militar; Escrita feminina; Travessia; Cronotopo.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. Teoria do romance III: O romance como gênero literário. 1. Ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 3, 2019.

FIGUEIREDO, Eurídice. Mulheres contra a ditadura: escrever é (também) uma forma de resistência. Porto Alegre: Zouk, 2024.

FIGUEIREDO, Eurídice. A literatura como arquivo da ditadura brasileira. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FISCHER, Carmen. Travessia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. In: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. O que resta da ditadura: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

BEMONG, Nele. et al (Org.). Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas. Tradução de Ozíris Borges Filho et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

NETTO, José Paulo. Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985). São Paulo: Cortez, 2014.

Zero, de Ignácio de Loyola Brandão: uma manifestação de estéticas artísticas da década de 70

Bruna Matiello Rosa Nascimento
Orientadora: Profª. Drª. Flávia Vieira da Silva do Amparo

O cenário de repressão e censura do período da ditadura militar no Brasil fez com que se intensificasse a urgência por uma arte que não fosse apenas objeto de contemplação, mas sobretudo uma forma de reação e denúncia diante da violência que se mascarava como ordem estatal. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar, em Zero (1975), de Ignácio de Loyola Brandão, as maneiras pelas quais a estrutura fragmentada da narrativa, além de romper com as estruturas narrativas herdadas da tradição literária brasileira, funciona como aproximação e reprodução da realidade, e, além disso, investigar de que formas as estéticas artísticas que marcaram a década de 70 se manifestam nas escolhas realizadas por Ignácio de Loyola Brandão na composição do romance. Como aporte teórico, a pesquisa utiliza o manifesto da Estética da Fome (1965), de Glauber Rocha, a fim de compreender de que modo a fome se torna um motor propulsor que opera sobre os sujeitos, as estruturas e a lógica, bem como os textos críticos de Bosi (2015) e Süssekind (2004) acerca da produção literária em época de ditadura. Posto isso, os resultados parciais que este trabalho visa expor apontam que é através do excesso e da fragmentação que Ignácio de Loyola Brandão anestesia seus personagens e transforma a dor no estado comum do ser, reproduzindo, efetivamente, a experiência da desordem causada pela violência exercida em nome da "ordem".

Palavras-chave: Ignácio de Loyola Brandão; literatura brasileira; ditadura militar; estética da fome; contracultura.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Zero. São Paulo: Global, 2019.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2015.

ROCHA, Glauber. Estética da Fome 65. In: ROCHA, Glauber. Revolução do Cinema Novo. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2004. p. 63-67.

SÜSSEKIND, Flora. Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SESSÃO 15

Lourenço Mutarelli e uma análise melancólica sobre o Agente em O Natimorto

Victor Machado de Assis Guerra
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Rota Chiarelli

Este trabalho visa explorar a melancolia na obra O Natimorto (2004), um dos romances escritos pelo autor brasileiro Lourenço Mutarelli. Essa obra tem como personagem principal o Agente, homem em crise consigo por causa de traumas e medos criados ao longo de sua vida. Outra personagem principal da história é a Voz, uma jovem mulher cuja bela voz tão é inaudível. A história dos dois personagens se desenvolve em uma linha entre loucura e sanidade: loucura por parte do Agente, e sanidade por parte da Voz, visto que o Agente tenta se blindar do mundo exterior se prendendo em um quarto de hotel e tenta levar a Voz para o mesmo caminho. Visando aprofundar o conhecimento sobre a melancolia que vive o personagem Agente, o principal embasamento teórico a ser utilizado é o ensaio Luto e Melancolia (1915), de Sigmund Freud, em que o pensador austríaco compara a melancolia ao processo de luto que passamos ao perder algo ou alguém.

Palavras-chave: Lourenço Mutarelli; O Natimorto; Literatura Brasileira; Melancolia;

REFERÊNCIAS:

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia:** procedido por "Abordagens à investigação e ao tratamento psicanalíticos da insanidade maníaco-depressiva e de estados relacionados" [1912] de Karl Abraham/Sigmund Freud; organização e tradução Paulo Sérgio de Souza Jr. – São Paulo: Blucher, 2025.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LIMA, Luiz Costa. **Melancolia:** Literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MUTARELLI, Lourenço. **O Natimorto:** um musical silencioso. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STAROBINSKI, Jean. **A tinta da melancolia:** uma história cultural da tristeza; São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

Os afetos como método historiográfico em Agustina Bessa-Luís.

Gustavo Capetini Sant'Anna
Orientador: Prof. Dr. Sílvio Renato Jorge

Neste trabalho, que antecipa questões que darão corpo ao primeiro capítulo da minha dissertação, nos encarregaremos de esboçar algumas considerações sobre a leitura da História na obra de Agustina Bessa-Luís. A produção literária da escritora portuguesa estabelece, sobretudo a partir de O mosteiro (1980), variadas articulações entre a escrita ficcional e o campo historiográfico, algo já bastante notado pela crítica. O que interessa aqui é, entretanto, pensar em que medida a recuperação histórica feita por Agustina pode ser entendida como um gesto de leitura em que se evidencia as diferentes modalidades dos afetos na construção do conhecimento. O método de análise parte fundamentalmente da leitura dos romances agustinianos, uma vez que consideramos que esta literatura se coloca, desde A sibila (1954), como pensamento. O corpus literário que Agustina Bessa-Luís produziu na década de 1980, começando em O mosteiro e terminando em Eugénia e Silvina (1989), fornece rico material para a nossa proposta de reflexão, sem que haja qualquer pretensão de empreendermos análises detidas sobre cada uma das obras, mas sim de atentarmos para as pistas que nelas podemos colher sobre uma poética em construção. Para enquadramento teórico-crítico, serão convocados pensadores que conceituam o campo dos afetos, tais como Baruch Spinoza e Friedrich Nietzsche, além da bibliografia crítica sobre Agustina Bessa- Luís, destacadamente os estudos feitos por Silvina Rodrigues Lopes.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís; História; afetos; literatura portuguesa.

REFERÊNCIAS:

BESSA-LUÍS, Agustina. **O mosteiro.** Lisboa: Guimarães Editora, 1980.

BESSA-LUÍS, Agustina. **Um bicho da terra.** Lisboa: Guimarães Editora, 1984.

BESSA-LUÍS, Agustina. **Eugénia e Silvina.** Lisboa: Guimarães Editora, 1989.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Luandino Vieira e a cidade dos sonhos: pode a criança angolana criar?

Talita Oliveira da Silva
Orientadora: Profª. Drª. Renata Flavia da Silva

A pesquisa pretende explorar as dimensões psíquicas, espaciais e temporais do sonho e do devaneio na obra No antigamente, na vida (1974), do escritor angolano Luandino Vieira, articulando-as à representação da infância. Neste trabalho, o foco recai sobre a espacialidade sob a perspectiva fanoniana em Os condenados da terra (1962), no qual o autor vê o sujeito confinado a partir do signo central, cindido, que é o espaço. A partir desse referencial teórico, o espaço deixa de ser entendido exclusivamente como cenário das narrativas e passa a ser concebido como construção histórica e social atravessada por relações de poder, disputas simbólicas e práticas cotidianas, neste caso, a cidade de Luanda. Dessa forma, buscamos compreender como os espaços representados na obra não atuam apenas como pano de fundo narrativo, mas também como instâncias que participam ativamente da formação das subjetividades infantis e da construção de imaginários que tensionam a lógica espacial imposta pelo colonialismo nos musseques, espaços fundamentais na literatura angolana.

Palavras-chave: sonho; espacialidade; colonialismo; corpo.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** São Paulo: Paz e Terra, 2022.

_____. **Peles negras, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008b.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura.** São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

RIBEIRO, António de Sousa (Org.). **Representações da violência.** Coimbra: Almedina, 2013.

VIEIRA, José Luandino. **No antigamente, na vida.** Lisboa: Edições 70, 1973.

O trauma fundador: o abuso sexual como experiência formadora dajuventude feminina em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei

Maíra Protasio Dias de Oliveira
Orientadora: Profª. Drª. Flávia Vieira da Silva do Amparo

A presente comunicação busca trabalhar de que modo o estupro sofrido pela protagonista do romance O peso do pássaro morto (2017), de Aline Bei, pode ser lido como um trauma que define o seu processo de formação, criando uma fratura da personagem em relação à sua vida e ao seu corpo a partir dessa violência. Dialogando com questões da atualidade relacionadas à violência contra a mulher, que vem se expandindo no mundo todo nos últimos anos, é interessante compreender como essa personagem sem nome de Bei representa, de alguma forma, todas as jovens que sofreram esse mesmo tipo de trauma. Partindo do entendimento de que O peso do pássaro morto pode ser lido como um Romance de Formação, considerando o que definem Franco Moretti (2020) e Mazzari (2020), têm-se como objetivo analisar os processos de negação da personagem a partir do trauma do estupro, e identificar como esse tipo de violência está profundamente ligado a estruturas que buscam punir não apenas uma, mas todas as mulheres (SEGATO, 2025). Ademais, será estabelecido que o trauma do abuso sexual está ligado diretamente a uma estrutura de opressão de gênero (BOURDIEU, 2002), a qual se apresenta como um aspecto que diferencia essencialmente a formação masculina e a formação feminina, sempre tão marcada pela sombra do abuso (Despentes, 2016). Nesse contexto, apresentam-se, aqui, resultados parciais de uma pesquisa ainda em curso dentro do projeto de doutorado JUVENTUDE FEMININA EM FORMAÇÃO, iniciado em 2026/1.

Palavras-chave: o peso do pássaro morto; Romance de formação; Abuso sexual; Trauma;

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1980.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto.** São Paulo: Editora Nós, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** Trad. de Márcia Bechara. 3a ed. São Paulo: n-1 edições, 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista.** Porto Alegre: Zouk, 2020.

MAZZARI, Marcus Vinicius; MARKS, Maria Cecília (org.). **Romance de formação:** caminhos e descaminhos do herói. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

MORETTI, Franco. **O Romance de Formação.** Tradução de Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020

SEGATO, Rita. **As estruturas elementares da violência.** Trad. de Danú Gontijo, Lívia Vitenti e Marianna Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2025.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução de Vanessa Barbara. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

Diagnóstico: autor – A loucura como procedimento literário em algumas obras de autores brasileiros

Laiane Marchon Ferreira
Orientador: Prof. Dr. Franklin Alves Dassie

Este trabalho propõe a leitura de algumas obras de autores brasileiros para elaborar acerca da loucura como procedimento e/ou artifício literário. Maura Lopes Cançado (1929-1993), Stella do Patrocínio (1941-1992), Torquato Neto (1944-1972) e Rodrigo de Souza Leão (1965-2009) foram autores que tiveram suas obras marcadas pela presença da loucura e da experiência de diagnóstico e internações psiquiátricas de formas diversas. Aqui, buscaremos refletir como se deu essa espécie de influência, pensando em como interferiu de maneira profunda (ou não) nos processos que levaram à produção poética e literária em formato de livros. Levaremos em conta os contextos em que se situa a publicação das obras, mas partiremos principalmente das próprias obras para refletir sobre o trabalho de criação e montagem literário, levantando algumas questões, como o processo de elaboração literária como parte "visível" na obra, a própria relação com aquilo que foi categorizado como loucura se demonstra no texto e se e como pode ser caracterizado como artifício literário.

Palavras-chave: Literatura e loucura; Maura Lopes Cançado; Rodrigo de Souza Leão; Stella do Patrocínio; Torquato Neto.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Laura de Oliveira Santos. **Autoficção e loucura em Todos os cachorros são azuis, de Rodrigo de Souza Leão.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Bahia, 2019.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus - Diário 1.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CLÉMENT, Catherine; KAKAR, Sudhir. **A louca e o Santo.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura:** Na Idade Clássica. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019

NETO, Torquato. **Os Últimos Dias de Paupéria.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda.** Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PATROCÍNIO, Stella do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome.** Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

ZACHARIAS, Ana Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio:** Da internação involuntária à poesia brasileira. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Campinas, 2020.

SESSÃO 16

O cimento partido: Memória, fragmentação identitária e a dor coletiva das mulheres em *Memórias de Marta*, *A Imaginária* e *A Asa Esquerda de um Anjo*

Mariana Oliveira Brito
Orientadora: Profª. Drª. Anna Faedrich Martins Lopez

A crítica literária brasileira sempre foi influenciada por um sistema patriarcal, o qual historicamente não acolheu bem a escrita de autoria feminina. Para que suas obras fossem aceitas, as autoras precisavam recorrer a estratégias, ao mesmo tempo em que expressavam seu ponto de vista crítico sobre a realidade das mulheres. Neste estudo, busca-se analisar, de forma comparativa, como Júlia Lopes de Almeida, Adalgisa Nery e Lya Luft reconstroem em suas obras *Memórias de Marta* (1899), *A Imaginária* (1939) e *A Asa Esquerda de um Anjo* (1981), respectivamente, a subjetividade feminina por meio da memória. A partir dos conceitos de quadros sociais (Halbwachs) e crise de identidade (Candau), o trabalho busca demonstrar que o sofrimento das protagonistas deixa de ser uma patologia isolada para se tornar um testemunho sociológico da condição das mulheres em diferentes contextos históricos e patriarcais. Nessa abordagem, a literatura é concebida como um constructo cultural cuja força reside na representação do espaço e da voz dos grupos historicamente subjugados, possibilitando a formação de novas subjetividades nos modos de ser e sentir. Essa investigação tem como base, além de Halbwachs (2013) e Candau (2023), o viés histórico do sistema patriarcal, tomando como referência a socióloga britânica Sylvia Walby (1990) e importantes reflexões de Figueiredo (2013), Faedrich (2022), Branco (1991) e Mary del Priore (2020).

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Memória coletiva. Identidade narrativa. Patriarcado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta.** São Paulo: Penguin- Companhia das Letras, 2024.

BRANCO. Lucia Castello. **O que é escrita feminina.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história [1940]. In: BENJAMIN, **Walter. Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. (Obras Escolhidas, v. 1)

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed., 7. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

FAEDRICH, Anna. **Escritoras silenciadas:** Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres. Rio de Janeiro: Macabéa; Fundação Biblioteca Nacional, 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista:** leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2. ed. [s.l.]: Clube de Autores, 2024. 146 p. (Série Memória e Sociedade: Maurice Halbwachs).

LUFT, Lya. **A asa esquerda de um anjo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NERY, Adalgisa. **A imaginária.** Curadoria e organização de Ramon Nunes Mello. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

WALBY, Silvia. **Theorizing patriarchy.** Oxford: Basil Blackwell, 1990.

Corpos femininos à margem: resistência e memória em Também guardamos pedras aqui, de Luiza Romão.

Thamyris Lopes de Carvalho
Orientadora: Profª. Drª. Claudete Daflon

Propõe-se discutir os caminhos de pesquisa no mestrado de Literatura Brasileira, na subárea de Literatura Brasileira e Teoria Literária com vistas à discussão em torno do livro Também guardamos pedras aqui, da autora Luiza Romão. Neste trajeto literário, busca-se compreender através de um viés crítico como Romão apresenta o corpo feminino marginalizado e de que maneira, a escritora ressignifica a narrativa atribuída a Homero (Ilíada), utilizando a experiência da mulher periférica. O presente estudo, ainda em sua fase inicial, pretende investigar a forma como a poética de Romão converte o corpo feminino em território simbólico de resistência individual e coletiva em prol de uma memória social amplamente transformadora. Nesta perspectiva, a autora ainda articula dimensões históricas, sociais e políticas de forma a oferecer um diálogo com as teorias feministas decoloniais. Além disso, a pesquisa abordará a dimensão perfomática da obra e sua inserção no movimento do slam poetry, compreendido como espaço de denúncia e expressão de vozes historicamente silenciadas. Assim, a investigação deste projeto busca contribuir diretamente para o debate sobre literatura, gênero e sociedade, trazendo a potência da palavra poética enquanto ferramente crítica, revolucionária e que conversa com o seminário deste ano: História, crítica e transculturalidade.

Palavras-chave: corpo feminino; resistência; memória; Luiza Romão; slam poetry.

REFERÊNCIAS:

ALCALDE, Emerson. **O que é slam de poesia.** São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista:** conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

DAFLON, Claudete. **Meu país é um corpo que dói.** Belo Horizonte: Relicário, 2021.

HOMERO. **Ilíada.** Traduzido por Odorico Mendes. São Paulo: Príncipis, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

ROMÃO, Luiza. **Também guardamos pedras aqui.** São Paulo: Editora Nós, 2021.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad.** lª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

KREISCHER, Bárbara Cecília. **O feminino como herói lusíada:** figurações clássicas e medievais no épico camoniano. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura – Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

NEVES, Cynthia Agra de Brito; SANTOS, Sóstenes Renan de Jesus Carvalho. Luiza Romão

e “sua poema” de resistência decolonial: slam das Minas, presente! **Revista terceira margem.** v. 27, n. 51, p. 96-118, jan./abr. 2023.

PEREIRA, Jorge Miguel Arcanju; ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. (De)colonialidade em Troia: uma leitura de Luiza Romão. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, v. 38, n. 1, p. 99–113, 2023.

Quem mora atrás do afro? Representações de África e da pessoa negra na aula de artes

Taiana de Araujo Machado
Orientador: Prof. Dr. Silvio Renato Jorge

Sou professora do componente curricular de Artes há quinze anos e autora de livros didáticos há dez anos. Durante minha experiência notei uma representação distorcida do continente africano. Ora reproduzindo estereótipos coloniais, ora apoiada na romantização de um passado ancestral, ambas as representações desarticulam as potências da arte e cultura africana em sua complexidade contemporânea. A presente comunicação expõe parcialmente a tese Vou lá aprender a olhar: Ruy Duarte de Carvalho e a arte contemporânea em Luanda como dispositivos de leitura, defendida em março de 2026 no programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da UFF. O recorte selecionado para essa comunicação focaliza as representações do continente africano e dos debates raciais no contexto da Educação Artística no Brasil, tomando como partida a análise de livros didáticos e planos de aula. O objetivo da pesquisa foi apontar o encontro com as artes contemporâneas em Angola como meio para ampliar os debates sobre a Educação Étnico-racial no Brasil, devolvendo o protagonismo ao continente no que concerne à temas contemporâneos sobre identidade.

Palavras-chaves: Educação artística; Lei 10.639; Educação para as relações étnico-raciais; Arte contemporânea em Angola.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo**? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDERSON, Benedict. Raízes culturais. In: _____. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 26–70.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 19 fev. 2024.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**, v. 13, p. 678–686, 2020. DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo:** diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

DOKOLO, Sindika; UANGA, 01. Catálogo de exposição. Luanda: Fundação Sindika Dokolo, 2010.

FERNANDES, Yrama Siqueira; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, diferenças e educação: desafios para o cotidiano escolar. Momento: Diálogos em Educação, v. 31, n. 1, p. 40–56, 2022. DOI: https://doi.org/10.14295/momento.v31i01.13436

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

Literatura e a absurda condição pós-colonial

Ayrton César Nascimento da Silva
Orientador: Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca

A pesquisa investiga o conceito de "absurdo" para além de sua formulação filosófica feita por Albert Camus (2014), propondo uma dupla via: analisar como o sentimento do absurdo se manifesta através da literatura; e demonstrar que este – através do romance Luanda, Lisboa, Paraíso (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida – é algo que não se encerra em uma questão existencial decorrente do estado de ser vivente, mas é também imposto historicamente como fruto da colonização, do racismo e da xenofobia, exigindo assim uma leitura transcultural e crítica. Sendo este segundo eixo aquele abordado no SAPPIL. Partindo de Camus (2014) para definir o absurdo como divórcio entre ser e mundo; e discutindo a dimensão transcultural e pós-colonial, mobilizando Fanon (2008), Mbembe (2008), Kilomba (2019) e Augé (2009). A metodologia é analítico-interpretativa, combinando a leitura de poemas e narrativas com categorias filosóficas e históricas. Tais como as encontradas na obra de Almeida (2019), onde o absurdo assume um caráter coletivo e histórico onde as personagens vivem um "divórcio" entre a promessa de pertencimento e a realidade da exclusão. A análise dos não-lugares e da construção de um lugar antropológico (Augé, 2009) mostra que a resposta ao absurdo, aqui, exige reconhecimento comunitário e memória. Conclui-se que o absurdo não é apenas categoria universal, mas ferramenta epistemológica para compreender feridas históricas. Assim como a literatura, ao encarnar essas experiências, mostra-se crítica para um pensamento histórico transcultural.

Palavras-chave: Absurdo; Filosofia; Camus; Pós-colonialidade.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **Luanda, Lisboa, Paraíso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Graus editora, 2009.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2014.

CID DE GARCIA, Gabriel. **A eloquência do mundo:** Fernando Pessoa entre a literatura e a filosofia. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 1997.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações.** São Paulo: N-1 Edições, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: n-1 edições, 2008

Meridiana: memória, raça e o entre-lugar

Giuliana Ribeiro Pacini Pena
Orientadora: Profª. Drª. Ceila Maria Ferreira

Este projeto propõe uma análise do romance Meridiana (2025), de Eliana Alves Cruz, a partir das articulações entre memória, raça e pertencimento na experiência de mobilidade social negra no Brasil contemporâneo. A narrativa, estruturada a partir de diferentes pontos de vista no núcleo familiar, acompanha a mudança da favela do Matadouro (Campos dos Goytacazes/RJ para um condomínio de classe média no centro comercial da cidade, evidenciando os conflitos produzidos pela ocupação de espaços historicamente atravessados pela desigualdade racial. Nesse processo, o lar torna-se um espaço de disputa simbólica, entre o desejo de esquecer um passado de precariedade e a necessidade de revisitar as origens como forma de reconstrução identitária. Em diálogo com autores como Lélia Gonzalez, Achile Mbembe e bell hooks, o presente trabalho busca compreender como a obra problematiza os mecanismos de racialização e as violências simbólicas que atravessam sujeitos negros em contextos de ascensão social. Ao problematizar o "pacto narcísico da branquitude" e as violências raciais sofridas pelos personagens, o romance oferece uma reflexão sobre a identidade negra, memória familiar e pertencimento, revelando a complexidade da experiência racial em contextos de ascensão social no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: entre-lugar; racismo estrutural; memória; racismo.

REFERÊNCIAS :

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CRUZ, Eliana Alves. **Meridiana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

WOODSON, Carter G. **A des-educação do negro**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2021.

SESSÃO 17

No *vestígio* da História afro-diaspórica em Portugal: fabulação crítica em *Debaixo da nossa pele*, de Joaquim Arena

Ewerton Cardoso Morais.
Orientador: Prof. Dr. Silvio Renato Jorge

No romance intitulado “Debaixo da Nossa Pele”, o escritor cabo-verdiano Joaquim Arena desenvolve uma busca pela história afro-diaspórica em Portugal, em especial da história de pessoas negras, escravizadas ou não, que vieram de Cabo Verde. Para fazer isso, o livro desenvolve uma narrativa de viagem em que a voz narrativa decide visitar os lugares em que essas pessoas teriam andado e encontrar ali algum *vestígio* da presença negra em um país que sustenta uma imagem de raça branca pura. Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa consiste em relacionar essa desejo de encontrar pistas de um passado negro com o conceito de *Fabulação Crítica*, da teórica Saidiya Hartman, uma vez que o autor reescreve, por meio de elementos da literatura, a vida de personalidades negras, supostamente, para além daquilo que é descrito nos documentos historiográficos. Os objetivos específicos são: analisar o processo de pesquisa documental elaborado pelo autor Joaquim Arena para a composição literária da obra, identificar recursos de ficcionalização nas histórias apresentadas por Arena no livro e comparar o processo de escrita literária de Arena e a teoria da *Fabulação Crítica* de Hartman. Para a pesquisa, utilizo como referencial teórico Saidiya Hartman, Christina Sharpe, Édouard Glissant e Stuart Hall.

Palavras-Chave: Fabulação Crítica. Literatura Cabo-verdiana. Literatura Africana de Língua Portuguesa Contemporânea.

REFERÊNCIAS:

ARENA, Joaquim. **Debaixo da nossa pele**. Rio de Janeiro: Grifos, 2025.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: Uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SHARP, Christina. **No Vestígio**: Negritude e existência. São Paulo: Ubu, 2023.

Circulação literária e cultura em *Urihi: nossa terra, nossa floresta*, de Devair Fiorotti e *Weiyamy: mulheres que fazem o sol*, de Sony Ferseck

Suênia Kdidija de Araújo Feitosa
Orientador: Prof. Dr. José Luís Jobim de Salles Fonseca

Este trabalho, de natureza exploratória e interpretativa, é uma análise da produção literária de dois escritores radicados em Boa Vista, RR: Devair Antônio Fiorotti e Sony Ferseck, especialmente a partir dos livros Urihi: nossa terra, nossa floresta (2017), de Devair e Jaider Esbell e Weiyamî: mulheres que fazem sol (2022), de Sony e Kaiwino Wiz (Georgina Sarmento). Nossa caminhada delimitou-se na busca por indícios que nos revelassem os elementos de trocas, transferências e circulações literárias e culturais a partir da poesia destes que versam sobre a cultura indígena e a cor local. Nos dois escritores, encontramos temáticas extremamente importantes relacionadas a povos indígenas existentes em nosso estado, sobretudo o povo Makuxi e o Yanomami. Os poetas abordam em seus textos aspectos culturais e identitários, ancestralidade, pertencimento, alteridade e memória. As obras de Sony e Devair podem ser concebidas enquanto repletas de relevância política, pedagógica e intercultural, dessa maneira, precisam ser estudadas e difundidas. Os estudos sobre circulações literárias e culturais de Bourdieu (2002), Sapiro (2021), Jobim (2020) e Longxi (2017) contribuíram de forma bastante produtiva para o escopo teórico desta tese. Partindo dessa perspectiva e levando em conta o desenvolvimento recente e fecundo das literaturas indígena e indigenista em Roraima, um dos principais objetivos deste trabalho foi analisar as transferências e circulações literárias em textos indígenas e indigenistas que têm o estado de Roraima como pano de fundo, especificamente as produções de Sony Ferseck, escritora indígena, da etnia makuxi, e Devair Fiorotti, escritor indigenista.

Palavras-chave: Circulações; Sony Ferseck; Devair Fiorotti; Roraima.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **As condições sociais da circulação internacional das idéias**. Ttradução de Fernanda Abreu. Revista Eletrônica Enfoques, Rio de Janeiro, 2002.

FERSECK, Sony. **Weiyamî:** mulheres que fazem sol. Boa Vista, Wei Editora, 2022.

FIOROTTI, Devair Antônio. Taren, eren e panton: poetnicidade oral Macuxi. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 53, p. 101-127, jan./abr. 2018.

FIOROTTI, Devair Antônio. Urihi: nossa terra, nossa floresta. São Paulo: Patuá, 2017.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil. Belo Horizonte, Mazza, 2013.

JOBIM, José Luís. O original e o próprio, o derivado e o impróprio: Mário de Andrade e as teorizações sobre trocas e transferências literárias e culturais. In NITRINI, Sandra. Tessituras, interações, convergências. São Paulo: Hucitec: Abralic, 2011.

JOBIM, José Luís. Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações [livro eletrônico] - Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista, RJ: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

LONGXI, Zhang. The Yet Unknown World Literature. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 32, 2017.

SAPIRO, Gisèle. O Campo Literário Transnacional Entre O (Inter)- Nacionalismo E Cosmopolitismo. Revista Mulembo. Rio de Janeiro: UFRJ,

Poesia Oracular: Diálogos Epistêmicos entre a obra de Jarid Arraes e o Tarot de Yala

Barbara Rufina de Sousa
Orientadora: Profª. Drª. Claudete Daflon

A partir da obra *Um buraco com meu nome (2018)*, da escritora Jarid Arraes, busca-se, por um viés teórico decolonial, discutir a construção da palavra poética como forma de pensar magicamente a vida. Ao explorar a materialidade do signo poético e sua relação com o imaginário, pretende-se evidenciar como a escrita de Arraes reflete o caráter simbólico enquanto ato de insurgência epistêmica. Nesse sentido, propõe-se uma aproximação entre os elementos presentes em seus versos e a iconografia do Tarot, compreendido neste estudo como um dispositivo de leitura das circunstâncias, estruturado por arquétipos e metáforas. Do ponto de vista metodológico, foi escolhido o baralho brasileiro Tarot de Yala (2021), criado pelos artistas Mariana Pio e Rafael Trabasso para a realização das leituras críticas. Com isso, objetiva-se refletir de que maneira esse encontro instaura um desvio da ótica linear, apática e fragmentada instituída pela cultura ocidental capitalista, ao recuperar uma lógica do encantamento, da circularidade e do indizível, características fundamentais tanto da tradição poética quanto das práticas oraculares.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea; Tarot; Jarid Arraes; Encantamento.

REFERÊNCIAS:

ARRAES, Jarid. **Um buraco com meu nome**. 1. ed. São Paulo: Ferina, 2018. 160 p.

ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios.** Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021.

COUSTÉ, Alberto. **Tarô ou a máquina de imaginar**. São Paulo: Global Editora, 1983.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1. ed. [*s. l.*]: Elefante, 2019. Disponível em: http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Tradução: Coletivo Sycorax. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror**: An Essay on Abjection. Tradução de Leon S. Roudiez. New York: Columbia University Press, 1982.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rasa, n. 9, p. 73-101, 2008. Disponível em: scielo.org.com. Acesso em: 16 mar. 2025.

NADOLNY, Isabelle. **História do Tarô**: um Estudo Completo Sobre Suas Origens, Iconografia e Simbolismo. 1. ed. São Paulo, Editora Pensamento, 2022.

SIMAS, L. A., & RUFINO, L. (2020). **Encantamento**: sobre política de vida. Mórula Editorial.

.

Lendas em Nheengatu e em Português: edição crítica e comentada da obra de Brandão de Amorim

Amanda da Silva de Melo Faria
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller

A coletânea *Lendas em Nheêngatu e em Portuguez*, de Antonio Brandão de Amorim, foi publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1928, dois anos após o falecimento de seu autor. Desde então, a antologia de mitos indígenas amazônicos, que registra e preserva dezenas de narrativas de diferentes povos da Região do Alto Rio Negro em nheengatu e em português, permanece restrita à sua edição centenária, o que restringe sua circulação e dificulta a difusão desse material de modo mais abrangente. Os textos da literatura ameríndia traduzidos para o português, responsáveis por influenciar diversos autores do Modernismo brasileiro (entre eles, Raul Bopp, que credita a Amorim a ideia germinal para a composição de *Cobra Norato*), carecem de exposição. Além disso, aspectos fundamentais do trabalho de tradução de Amorim passam despercebidos pelos que acessam a obra digitalizada do IHGB, pela ausência de material complementar que os detalhe. Desse modo, este trabalho defende a necessidade de uma edição crítica e comentada da coletânea *Lendas em Nheêngatu e em Portuguez*, a fim de que se possa lançar luz sobre a obra, sobre o trabalho de Amorim como etnógrafo e tradutor e sobre os aspectos dessa antologia que mudaram o curso da literatura nacional.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Literatura amazônica; Cosmologias indígenas; Tradução ameríndia.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Antonio Brandão de. *Lendas em nheengatu e em português*. Manaus: Fundo editorial-ACA, 1987[1928] (Coleção Hiléia Amazônica, v.6).

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. In: QUEIROZ, Sônia (org.). *O que é um autor?, de Michel Foucault*. Duas traduções para o português. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011, pp. 51-80.

MÜLLER, Adalberto. Falar em línguas: a tradução entre parentes(es). In: NODARI, Alexandre; MÜLLER, Adalberto (org). *Literatura, tradução e cosmologias indígenas*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024.

SÁ, Lúcia. *Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. ISBN 978-85-7511-442-1. Disponível em: https://eduerj.com/produto/literaturas-da-floresta-textos-amazonicos-e-cultura-latino-americana/. Acesso em: 18 mai. 2026

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Antropologia Perspectivista e o método da equivocação controlada. Tradução de Marcelo Giacomazzi Camargo e Rodrigo Amaro. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 5 (10), pp. 247-264, agosto a dezembro de 2018. ISSN: 2358-5587

Língua Brasileira e Mar Paraguayo: a inscrição tupi-guarani na literatura brasileira

Ana Clara Demier Gonçalves Silva
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller Jr.

Buscamos aqui circunscrever as relações das cosmologias tupi-guarani com a literatura no contexto do Antropoceno. Os textos literários que analisamos são o álbum musical *Língua Brasileira* (2022), de Tom Zé, e a novela *Mar Paraguayo* (1992), de Wilson Bueno. Procuramos desenvolver a análise das obras utilizando uma bibliografia teórica composta por textos etnográficos e antropológicos como *A fala sagrada*, de Pierre Clastres (1991), *Terra sem Mal*, de Hélène Clastres (1978), *As lendas de criação e destruição do mundo* de Curt Nimuendaju ([1914]1987) e Ayvu Rapyta: a cosmopoética guarani-mbyá, de Adalberto Müller (2026), a fim de apontar para a presença dos textos mítico-cosmológicos tupi-guarani na composição do disco e da novela. Entendemos que a presença destes saberes ancestrais na literatura contemporânea faz surgir uma brecha na qual a metafísica Ocidental é confrontada a outras concepções cosmológicas reprimidas no processo de colonização. Assim, veremos que o álbum *Língua Brasileira* é entretecido com canções que apresentam cosmologias indígenas e afrobrasileiras. Um exemplo é a faixa "Gênesis Guarani", que usa elementos das cosmologias tupi-guarani, que já estavam presentes no *Mar Paraguayo*. Essas duas obras compõem, portanto, um pequeno cânone de literaturas entretecidas pelo originário, o que se torna mais evidente quando se estabelece um diálogo interdisciplinar entre literatura e antropologia.

Palavras-chave: Cosmologias Indígenas; Tupi-Guarani; Tom Zé; Wilson Bueno; Literatura e Antropologia.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson. **Mar Paraguayo**. 2. ed. São Paulo, SP: Iluminuras, 2022.

CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. 1.ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem Mal**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1978.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas de criação e destruição do mundo**. São Paulo, SP: Editora da USP/Hucitec, 1987.

TOM ZÉ. In: Tom Zé: **Língua Brasileira**. São Paulo, SP: SESC, 2022.

SESSÃO 18

Revelar então dizer: gestos de composição documental e a ênfase da repetição na poesia contemporânea

João Marinho Reis
Orientador: Prof. Dr. Franklin Alves Dassie

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma breve leitura da pesquisa "A experiência perceptiva em Marília Garcia: imagem e arquivo", dissertação de mestrado, defendida em março do ano de 2026, que trata da obra da poeta Marília Garcia, tomando como ponto de reflexão suas práticas de escrita, sobretudo no que diz respeito à construção de um arquivo – pela relação entre escrita e imagem – e da abertura para a memória como procedimento literário. Para isso, consideramos como a intersecção entre as formas, localizadas na poesia contemporânea, indica caminhos para ler e pensar a poética de Garcia, visto que seu projeto é marcado por desdobramentos multidirecionais, presentes nos diálogos com práticas de outros campos artísticos, como a fotografia e o cinema, e no questionamento das categorias tradicionalmente estabelecidas em relação ao literário. Com esses direcionamentos, aspectos como a repetição de uma prática documental e o registro continuado e investigativo – a partir do uso dos mapas, da listagem, e da fotografia, como gestos de trabalho com a palavra e com a imagem – indicam um fazer de poetas produtores que propõem uma escrita em amplo diálogo com a narratividade e a montagem dos processos de construção literária. Além disso, nos aproximando das provocações e do pensamento crítico reflexivo elaborado por figuras como Jean-Luc Godard, Gilles Deleuze, Gertrude Stein, entre outros, investigamos os diálogos propostos por Garcia, e por seus pares contemporâneos, que nos permitem repensar o estatuto da imagem e o exercício do olhar na contemporaneidade, em contraponto à velocidade e a uma espécie de sobrecarga – ou poluição – informacional que pode rasurar, na ordem da subjetividade, a experiência perceptiva.

Palavras-chave: Marília Garcia; poesia contemporânea; imagem; arquivo; experiência perceptiva.

REFERÊNCIAS:

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

CAMPOS, Augusto de. "Gertrude Stein: sim e não". In: **Poesia da recusa**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DASSIE, Franklin Alves. **JLG**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Marília. **Câmera lenta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARTELO, Rosa Maria. "Qualquer poema é um filme?". In: **O Cinema da Poesia**. Lisboa: Documenta, 2012.

MIGUELOTE, Carla. **Palavra e imagem contemporânea**: usos do vídeo e do arquivo. 1ª ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2025.

RAMOS, Nuno. **Junco**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ROUBAUD, Jacques. **Algo: preto**. Trad. Inês Oseki-Dépré. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STEIN, Gertrude. “Portraits and Repetition”. In: **Stein**: Writings 1932-1946. New York: Penguin Group USA, 2001.

Poema e Pintura: perspectivas sobre a imagem nas relações interartísticas

Isabela Barreto Mendonça Rodrigues
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Rota Chiarelli

A experiência visual e a produção literária são distintas, mas ambas se relacionam em diversas obras artísticas. O presente artigo se propõe a analisar a relação harmônica e as tensões entre texto literário e pintura. A pesquisa busca entender as diferenças entre imagem poética e pictórica; compreender de que maneira a palavra e a imagem visual constroem processos distintos, embora complementares, de representação, imaginação e produção de sentido. Para tal, o estudo mobiliza as contribuições de Alfredo Bosi (1977), especialmente no que concerne à noção de imagem poética como elaboração simbólica e imaginativa mediada pela linguagem; de Gaston Bachelard (1997), refletindo acerca das imaginações material e formal; e de Ana Maria de Mello (2002), partindo das discussões sobre intermidialidade e diálogos entre literatura e artes visuais. Assim, o estudo pretende evidenciar como as relações entre pintura e poesia ultrapassam a simples tradução entre códigos, configurando um campo de trocas estéticas, perceptivas e interpretativas.

Palavras-chave: Interartes; Imaginação; Poema; Lessing; Alfredo Bosi.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia.** São Paulo: Cultrix, 1977.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

LESSING, G. E. **Laocoonte:** ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia. Tradução, introdução e notas: Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2024.

PRAZ, Mário. **Literatura e artes visuais.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1982.

Quando o verbo pega delírio: Manoel de Barros e as ignorãças

Nathália Petriz
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller

Este trabalho propõe uma análise crítico-textual de O livro das ignorãças (1993), de Manoel de Barros, a partir do estudo comparativo de suas diferentes edições publicadas entre 1993 e 2016. Reconhecida como uma das obras centrais do poeta, a publicação reúne procedimentos característicos de sua escrita, como o delírio verbal, os neologismos, a valorização do ínfimo e a busca pelas origens da linguagem. Partindo dos pressupostos da Crítica Textual Moderna, a pesquisa investiga os processos de produção, transmissão e recepção da obra, observando de que modo alterações editoriais, paratextuais e gráficas interferem na construção de sentidos e na imagem pública do autor. O corpus reúne seis edições da obra, incluindo versões comerciais, especiais e de colecionador. A análise contempla variantes textuais, elementos paratextuais — como capas, orelhas, prefácios e posfácios — e aspectos materiais do livro, buscando compreender como diferentes projetos editoriais contribuíram para a circulação e interpretação da poesia de Manoel de Barros ao longo de mais de duas décadas. Desse modo, a pesquisa pretende contribuir para os estudos manoelinos ao evidenciar que a materialidade do livro e suas diferentes formas de publicação constituem elementos fundamentais para a compreensão da obra, revelando transformações na sua recepção e na construção da figura autoral de Manoel de Barros no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Crítica textual; O livro das ignorãças; Poesia brasileira.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças**. Gráfica Pancrom, 1993.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças**. Civilização Brasileira, 1993.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças**. Editora Record, 1998.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças.** Record/Altaya, 1998.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças.** Leya, 2013.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorãças.** Alfaguara, 2016.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MÜLLER, Adalberto (Org.). **Manoel de Barros:** Encontros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

O voo na poesia de Paulo Colina: cidade e liberdade

Fernando de Lima Rodrigues
Orientadora: Profª. Drª. Claudete Daflon dos Santos

Esta comunicação propõe analisar a noção de voo na poesia de Paulo Colina, compreendida como expressão do desejo de mobilidade subjetiva e da imaginação da liberdade em um espaço urbano marcado pela permanência de estruturas raciais herdadas da escravidão. Essa concepção atravessa os livros *Plano de voo* (1984), *A noite não pede licença* (1987) e *Todo fogo da luta* (1989), reunidos pela Contínuo Editorial em 2020. Para tanto, o trabalho adota uma perspectiva comparativa, colocando a obra de Colina em diálogo com formulações literárias e teóricas acerca do voo, da permanência dos efeitos da escravidão na experiência urbana e da autodeterminação. A análise mobiliza autores como Florestan Fernandes ([1964] 2025), Saidiya Hartman (2021; 2022), Denise Ferreira da Silva (2022; 2024), Gaston Bachelard (2001), Edimilson de Almeida Pereira (2022) e Achille Mbembe (2014). O objetivo dessa articulação é tensionar a criação literária de Paulo Colina com as reflexões desses autores para compreender a experiência do homem negro na cidade de São Paulo na segunda metade do século XX e as formas de liberdade individual e coletiva imaginadas por sua poesia. Nesse sentido, a noção de "ângulo de visão dos excluídos", formulada por Edimilson de Almeida Pereira, permite compreender a posição enunciativa a partir da qual Colina constrói sua escrita. Situada em uma margem simultaneamente existencial, textual e urbana, sua poesia registra os efeitos persistentes da escravidão na contemporaneidade e elabora a metáfora do voo como figura de autocriação. Assim, a escrita aparece como prática de emancipação e de produção de si, articulando experiência urbana, imaginação poética e desejo de autodeterminação.

Palavras-chave: Voo; Paulo Colina; Literatura afro-brasileira; São Paulo

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos:** imagens sobre a imaginação do movimento. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

COLINA, Paulo. **Poesia reunida.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2020.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar** , v. 10, n. 3, set.- dez. 2020, pp. 927-948.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe:** uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução: José Luiz Pereira da Costa. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Lisboa: Antígona, 2014.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homus Modernus:** Para uma ideia global de raça. Tradução Jess Oliveira, Pedro Daher. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impágavel:** uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

A casa, a rua e o sono em *The topeka school,* de Ben Lerner

Laura Miranda Khoury
Orientadora: Profª. Drª. Diana Klinger

Em seu texto "Modernização dos sentidos" Hans Ulrich Gumbrecht (1998) identifica uma mudança na nossa maneira de experienciar o tempo, estabelecendo o fim do cronótopo histórico e decretando um regime temporal de um presente expandido. Neste contexto, a literatura contemporânea se situa num processo de ilustração da multiplicidade dos modos de vida, visando a apresentar mundos para os seus leitores. No entanto, diferentemente do realismo do século XIX, não há uma preocupação de dignificar através dos status de representação esses mundos literários, medindo a literatura produzida em relação ao possível referente. Sob essa luz esta apresentação irá se debruçar sobre de que maneira esse movimento de apresentação de mundos toma forma no romance Topeka school (2019) de Ben Lerner. A narrativa, uma autoficção que situa o leitor na Topeka da adolescência de Lerner, mescla o autobiográfico com o puramente ficcional: Os personagens são inspirados na vivência de Lerner e seus pais, mas retém certas singularidades. A análise se dará em três eixos: A casa, a rua, o sono. É importante pontuar que os três eixos se mesclam e se borram: A rua é construída por uma retórica generificada, uma série de atos de fala que divide a sociedade em marcadores de gênero, classe e raça- marcadores estes que, por sua vez, atravessam e se atualizam no espaço da casa. A casa, lugar da vida doméstica, não deixa de ser colonizada pelos embates sociais, e mesmo o sono, considerado por Crary (2016) a última fronteira que o capitalismo não pôde dominar, se vê no limiar desses poderes.

Palavras-chave: Ben Lerner. Contemporaneidade. Casa. Rua. Sono.

REFERÊNCIAS

CRARY, Jonathan. **24/7:** capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos.** São Paulo: Editora 34, 1998.

LERNER, Ben. **The Topeka School.** New York: Farrar, Straus and Giroux, 2019.

SESSÃO 19

“Tenho demasiada história, sofro de um excesso de passado” ou as verdades possíveis da guerra de libertação moçambicana n’o mapeador de ausências

Christiane Gonçalves dos Reis
Orientadora: Profª. Drª. Renata Flavia da Silva

O presente trabalho visa investigar as zonas de fricção entre literatura, história e memória, tomando como eixo analítico o romance *O mapeador de ausências* (2021), de Mia Couto, obra que se situa entre a memória pessoal e a história de Moçambique. Tal narrativa de filiação se dá a partir de idas e vindas aos anos de 1973 e 2019, tendo como foco, pela voz do narrador Diogo Santiago, o massacre de Inhaminga (1973) e outros episódios do período colonial, os quais são revisitados por meio da articulação de documentos fictícios e fragmentos narrativos. Para a análise do texto romanesco conjugaremos, entre outros, a teoria de Júlio Pimentel Pinto em *Sobre literatura e história* (2024) — onde se argumenta que ficção e história constituem formas narrativas complementares e irredutíveis uma à outra, igualmente necessárias para interpretar o passado, pensar sobre o presente e construir futuros, sem que a literatura surja como ilustração de um argumento histórico e sem que a história componha um mero pano de fundo para a escrita ficcional — à de Ligia Gonçalves Diniz em *Por uma impossível fenomenologia dos afeto***s** (2016), tese em que a autora sustenta que o ato da leitura não se restringe ao plano formal ou interpretativo, mas mobiliza o corpo e os afetos, produzindo efeitos de presença. A imaginação, nesse horizonte, não opera somente como estrutura cognitiva, mas como presença encarnada que reconfigura a percepção do mundo sociocultural representado. Assim, o preenchimento das lacunas textuais deixa de ser exclusivamente um gesto interpretativo e se afirma como experiência afetiva, intensificando a participação do leitor na construção do sentido.

Palavras-Chave: literatura; história; memória; Mia Couto; Moçambique

REFERÊNCIAS:

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

COUTO, Mia. **O Mapeador de ausências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DINIZ, Ligia Gonçalves. **Por uma impossível fenomenologia dos afetos**: imaginação e presença na experiência literária. 2016. Tese (Doutorado em Literatura) – Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad: Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUerj, 2013.

PINTO, Júlio Pimentel. **Do fingimento à imaginação moral**: diálogos entre história e literatura. Tempo, Niterói, v. 26, n. 1, p. 25-42, jan./abr. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXKdKpqc/?lang=pt . Acesso em: 12 mar. 2026.

PINTO, Julio Pimentel. **Sobre literatura e história**: Como a ficção constrói a experiência. São Paulo, Companhia das Letras, 2024.

“Nós, as emancipadas do capitalismo, da família e da previdência social”: laços familiares e laços maternos no mundo travesti de Camila Sosa Villada

Laura Cabral Tôrres
Orientadora Profª. Drª. Tatiana Pequeno da Silva

As instituições sociais são não só reguladoras como também controladoras das subjetividades (FOUCAULT, 2014). Igreja, família, medicina, sistema jurídico, regulam os corpos a partir de diferentes sistemas, sendo o sistema sexo-gênero um dos mais profícuos e normativos. Apesar do seu grau de normatividade, corpos dissidentes encontram formas de subverter essas normas, e se expressar de diferentes formas, além dos binários heterossexual / homossexual, feminino / masculino (BUTLER, 2010). Nesse âmbito localizam-se as travestis, que têm no espaço familiar um dos primeiros locais de incompreensão e violência sobre sua identidade de gênero. Expulsas do seio familiar, elas irão buscar amparo e conforto em outros lugares igualmente marginalizados socialmente. No romance *As malditas* observamos a organização e rede de cuidado que se dá entre um grupo de travestis e a figura materna de Tia Encarna. Tal organização muda de dinâmica quando um recém-nascido abandonado é encontrado na praça onde trabalham e é acolhido por ela. Em *Tese sobre uma domesticação*, a vida de uma atriz ganha outros contornos quando ela se casa e adota um filho. Interessa-nos debater de forma comparativa entre essas obras a relação entre a subjetividade trans e o papel social da maternidade, assim como a quebra de expectativa de uma constituição familiar hetero-patriarcal. Para que possamos desenvolver nossa análise, recorreremos também, além dos autores já citados, a Paul B. Preciado e Monique Wittig, a princípio, para discorrermos sobre os sujeitos dissidentes do sistema sexo-gênero. Igualmente importantes serão os estudos acerca da maternidade, a que recorreremos, a princípio, com Elizabeth Badinter e Sheila Kitzinger. Nossa hipótese é a de que o maternar nessas obras constitui-se parte da paródia da feminilidade e da subversão de padrões institucionais heteronormativos, assim como um anseio de afeto e encontro, inerente ao sujeito.

Palavras-chave: maternar; travesti; dissidências; gênero.

REFERÊNCIAS:

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. – 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KITZINGER, Sheila. **Mães**: Um estudo antropológico da maternidade. Editora Campus, 1996.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. – 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SOSA VILLADA, Camila. **Tese sobre uma domesticação**. Trad. Silvia Massimini Felix. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SOSA VILLADA, Camila. **As malditas**. Trad. Joca Reiners Terron. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

“Um otimismo irritante” — Budjurra como sujeito fanoniano em *Um preto muito português* (2024)

Bárbara Chaves Cardoso
Orientador: Prof. Dr. Silvio Renato Jorge

Este trabalho tem como interesse analisar o personagem Budjurra, protagonista do romance Um preto muito português (2024), como um sujeito fanoniano. Situado no contexto da exclusão social e hierarquização racial que aflige a população afrodescendente na Europa atualmente, Budjurra convida seus leitores “a virem beber um café a minha casa” (Tvon, 2024) para discutir os pressupostos e organizações sociais da comunidade imaginada que testemunha no país em que nasceu, Portugal, e suas incoerências. Neste movimento, é notória sua atitude irônica e bem humorada mesmo diante de situações cruéis e injustas vivenciadas por si mesmo, seus familiares e colegas. A partir disso, o presente trabalho conjectura que, ao recusar a imposição de uma representação, executada como desfiguração nesse seu contexto, e promover a criação da própria imagem, Budjurra recorre ao phármakon de Fanon. Considerando o sujeito fanoniano como definido por Mbembe (2020), alguém nascido para o mundo e para si mesmo por intermédio do gesto inaugural que é a capacidade de dizer “não”, reflete-se sobre as intenções da caracterização do protagonista da obra de Telma Tvon, que enfrenta as dificuldades estruturais de sua realidade através de um “otimismo irritante” (Tvon, 2024). Para isso, utilizaremos os pensamentos de Mbembe (2020), Fanon (2020, 2022), Miano (2025) e Macé (2018).

Palavras-chaves: Um preto muito português; Telma Tvon; Frantz Fanon.

REFERÊNCIAS:

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar**: migrantes, formas de vida. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MIANO, Léonora. **Afropea**: utopia pós-ocidental e pós-racista. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2025.

TVON, Telma. **Um preto muito português**. Lisboa: Quetzal Editores, 2024.

Da experiência à memória: representações da revolução dos cravos em *Levantado do chão* e *Revolução*

Mariana Motta Campinho Cardoso
Orientadora: Profª. Drª. Renata Flavia da Silva

O presente trabalho propõe uma breve leitura comparada dos romances Levantado do Chão (2010) e Revolução (2025), dos autores portugueses José Saramago e Hugo Gonçalves, respectivamente, com o objetivo de investigar as transformações na representação literária da Revolução dos Cravos ao longo de mais de quatro décadas. Considerando a distância temporal entre as obras e os mais de cinquenta anos decorridos desde o evento histórico, busca-se compreender de que modo a passagem da experiência histórica para a memória cultural interfere nas formas de narrar a Revolução na literatura portuguesa contemporânea. Para tanto, a pesquisa partirá do conceito de ideologia e de sua relação com a literatura (tal como elaboram Karl Marx, Fredric Jameson e Fábio Durão) e da relação entre ficção e história no romance português (à luz dos estudos de Teresa Cristina Cerdeira, entre outros). Parte-se da hipótese de que a representação da Revolução dos Cravos se transforma significativamente entre os dois romances, deslocando-se de uma perspectiva mais próxima da experiência histórica e da ação coletiva para formas narrativas marcadas pela memória cultural, pela reconstrução do passado e pela mediação subjetiva da experiência revolucionária.

Palavras-chave: Revolução dos Cravos; memória; literatura portuguesa; ideologia.

REFERÊNCIAS:

ARNAUT, Ana Paula. **José Saramago**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BERGAMO, Edvaldo A. **"O que há mais na terra, é paisagem…" e história(s)**: Levantado do Chão entre o legado neorrealista e a ficção histórica. Miscelânea, Assis, v.17, p. 31-45, jan, 2015. ISSN 1984-2899.

CERDEIRA, Teresa Cristina. **José Saramago entre a história e a ficção**: uma saga de portugueses. Belo horizonte: Moinhos, 2018.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Ideologia. In: JOBIM, José Luis; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro (orgs.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. Livro eletrônico.

GONÇALVES, Hugo. **Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2024.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Portugal: Caminho, 2010.

Ancestralidade, comunidade e autoestima na literatura infantojuvenil moçambicana: diálogos entre bell hooks e a coleção contos *Contos de Moçambique*

Edyanna de Oliveira Barreto
Orientadora: Profª.Drª. Renata Flávia da Silva

Este trabalho integra uma pesquisa de doutorado sobre a presença da tradição oral na literatura infantojuvenil moçambicana contemporânea, tendo como *corpus* a coleção *Contos de Moçambique*, publicada pela Editora Kapulana. O objetivo é analisar de que modo os contos *A Viagem*, *Kanova e o Segredo da Caveira* e *Leona, a Filha do Silêncio* mobilizam valores ligados à ancestralidade, à comunidade e à construção da autoestima, em diálogo com a concepção de educação como prática da liberdade desenvolvida por bell hooks. O estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter bibliográfico e analítico, articulando os estudos de hooks sobre comunidade de aprendizado, pertencimento e resistência com reflexões acerca da tradição oral africana e das formas de organização social baseadas na senioridade e na valorização dos mais velhos. As análises indicam que os contos apresentam processos formativos mediados pela transmissão intergeracional de saberes, pela memória coletiva e pelo reconhecimento da dignidade dos sujeitos. Em *A Viagem*, a protagonista encontra apoio na sabedoria das anciãs; em *Kanova e o Segredo da Caveira*, o conhecimento ancestral torna-se instrumento de enfrentamento da opressão; e, em *Leona, a Filha do Silêncio*, a singularidade da personagem é afirmada como condição para sua inserção na comunidade. Como resultado parcial, observa-se que a coleção opera como um dispositivo pedagógico que valoriza a ancestralidade e promove formas de resistência cultural, contribuindo para a formação ética, identitária e afetiva de seus leitores.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil moçambicana; tradição oral; bell hooks; ancestralidade; formação de leitores.

REFERÊNCIAS:

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África I**. Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LOPES, Pedro Pereira. **Kanova e o Segredo da Caveira**. Ilustrações de Walter Zand. São Paulo: Editora Kapulana, 2017 (Contos de Moçambique; v. 5).

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**, 2 ed – Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PANGUANA, Marcelo. **Leona, a Filha do Silêncio**. Ilustrações de Luís Cardoso. São Paulo: Editora Kapulana, 2018 (Contos de Moçambique; v. 9).

PINTO, Tatiana. **A Viagem**. Ilustrações de Tomás Muchanga e Luís Cardoso. São Paulo: Editora Kapulana, 2016 (Contos de Moçambique; v. 3).

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **Narrativa africana de expressão oral**. Tese (Doutorado) – Coimbra: Universidade de Coimbra, 1986.

Mestres dos batuques: uma análise da nação angolana pelo olhar da literatura contemporânea

João Victor Teixeira de Lima
Orientadora: Profª. Drª. Renata Flavia da Silva

A pesquisa a ser apresentada problematiza a construção da identidade nacional angolana, a partir do texto literário, ao tentar recuperar memórias, espaços e temporalidades silenciados pela narrativa oficial do Estado-nação. O estudo tem como objetivo investigar de que modo o romance *Mestre dos Batuques* (2024), de José Eduardo Agualusa, representa o Reino do Bailundo, no planalto angolano, e a Revolta do Bailundo (1902-1904) como espaços de resistência, questionando a ideia de uma Angola homogênea, difundida pelo discurso político nacionalista. Através das contribuições de Fernando Resende (2008), Katia Muricy (2008) e Giorgio Agamben (2010), articula-se questões sobre "espaço praticado" e narrativas de resistência (Resende), sobre memória, imagem dialética e temporalidade (Muricy), e sobre o contemporâneo, dispositivo e profanação (Agamben). A metodologia consiste em análise crítico-interpretativa do romance, relacionando elementos narrativos, históricos e simbólicos aos referenciais teóricos mencionados. Os resultados parciais indicam que Agualusa constrói uma narrativa que desloca o foco da história oficial para experiências locais e vozes silenciadas, utilizando o realismo animista, a memória ancestral e o entrelaçamento entre passado e presente. A obra expõe a pluralidade sociocultural angolana, quebra fronteiras identitárias rígidas e propõe formas alternativas de pertencimento. Com base nessas análises, é possível afirmar que a literatura contemporânea angolana pode exercer a função de um instrumento crítico de revisão histórica e de reorganização das relações entre memória, espaço e identidade nacional.

Palavras-chave: Literatura angolana; José Eduardo Agualusa; Memória; Espaço; Identidade nacional.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010.

AGUALUSA, José Eduardo. **Mestre dos batuques**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2024.

MARGATO, Isabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **Espécies de espaço**: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. (ensaios selecionados)

SESSÃO 20

Sob a terra ou acima dela: terra e literatura em *Torto arado* e *Os parceiros do Rio Bonito*

Marina Maria Campos Brito
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Anita Martins Rodrigues de Moraes

Esta pesquisa pretende investigar duas obras, uma literária e outra de caráter sociológico e antropológico: *Torto arado* (2018), de Itamar Vieira Júnior, e *Os parceiros do Rio Bonito* (1964), atentando, sobretudo, para o modo como ambas, cada uma a sua maneira, colocam em discussão a questão agrária ao trazerem à superfície um brasil que o Brasil tenta enterrar. Buscaremos analisar duas maneiras distintas de dizer o homem do interior e sua relação com a terra – testemunha de sua jornada –, uma presente em Itamar Vieira Jr. e outra em Cândido, voltando-nos não somente para as diferentes estratégias de composição a que recorrem, mas também para a forma como *progresso* e *civilização* são categorias abordadas a partir de perspectivas distintas, principalmente quando mobilizadas para pensar o homem do campo e sua relação com a terra. Nesse percurso, pretendemos investigar como os dois autores lidam com a literatura regionalista, já que Antonio Candido é crítico literário e Itamar Vieira Júnior produziu uma obra que reacende discussões presentes no regionalismo. Este trabalho, portanto, tem por objetivo discutir *Torto arado* e *Os parceiros do Rio Bonito* como obras que problematizam a – ainda atual – questão agrária no país, uma vez que as populações rurais permanecem lutando pelo direito à terra onde moram e cultivam seus alimentos.

Palavras-chave: questão agrária; colonialidade; modernização; distribuição de terras; quilombo.

REFERÊNCIAS:

ALENTEJANO, Paulo. A hegemonia do agronegócio e a reconfiguração da luta pela terra e reforma agrária no Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, *[S. l.]*, v. 4, n. 42, p. 251–285, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7763>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CANARINOS, Ana Karla. A viagem das ideias ao Brasil e o regionalismo de "Torto Arado". **Remate de Males***,* Campinas, SP, v. 43, n. 1, p. 142–156, 2023. DOI: 10.20396/remate.v43i1.8672783. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8672783. Acesso em: ago. 2025.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In ____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CARNEVALLI, Felipe *et al* (org.). **Terra***:* antología afro-indígena. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: PISEAGRAMA, 2023.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MELO, Alfredo César. Crítica da razão nacional-ocidentalista: Por uma nova abordagem pós-colonial nos estudos brasileiros. **ALEA**, v.22/2, pp. 17-40, mai-ago. 2020.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. **Contornos humanos**: primitivos, rústicos e civilizados em Antonio Candido. Recife: Cepe, 2023.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **"Trabalhar é tá na luta": vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina.** 2017. 300 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

A onça azul e a terra sem mal: pensando poéticas do fim a partir da cosmopoética guarani apapocúva registrada por Curt Nimuendajú

Alice Alberti Faria
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller Jr.

Este trabalho investiga narrativas de fim do mundo nas cosmopoéticas indígenas a partir das narrativas Guarani Apapocúva registradas por Curt Nimuendajú no início do século XX. Parte-se da hipótese de que o fim do mundo não constitui um evento único e absoluto, mas uma recorrência que marca passagens entre mundos. Na cosmopoética Guarani Apapocúva, incêndios, dilúvios, escuridões e quedas da terra aparecem como processos de transformação que não encerram a história, mas abrem a possibilidade de reconstrução e emergência de outros modos de existência. Neste trabalho, são selecionadas duas imagens da cosmopoética Guarani para falar da dinâmica entre a iminência do fim do mundo e uma possibilidade de continuidade: o risco que oferece a onça azul, a Jaguarovy, que pode a qualquer momento devorar tudo; e a Terra sem Mal, a Yvy Marã e'ỹ, que é recorrentemente comparada ao paraíso, local onde não há morte, doença e fome, e que funciona como fuga ou alternativa ao fim certo. Em diálogo com reflexões contemporâneas sobre a crise do futuro e com a leitura do poema "Ítaca", de Konstantinos Kaváfis, proposta por Marcelo Jasmin, o trabalho propõe pensar o fim não como paralisia ou catástrofe definitiva, mas como princípio de movimento, deslocamento e reinvenção do mundo.

Palavras-chave: cosmo poéticas indígenas; crise do futuro; Curt Nimuendajú, escrita etnográfica

REFERÊNCIAS:

COUTINHO, Walter "Os Guarani de Nimuendaju". In: **Anuário Antropológico/87**. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, v. 12 n. 1 (1988).

JASMIN, Marcelo. "Futuro(s) presente(s)". In: NOVAES, Adauto (org.). **Mutações: O futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. p. 381-402.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** Palavras de um xamã Yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIMUENDAJÚ, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Editora HUCITEC/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

NIMUENDAJÚ, Curt. D**ie Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní**. Zeitschrift für Ethnologie 46, p. 284-403. Berlin: Behrend & co, 1914.

PROGRAMA de índio: a história de um vazio que nunca existiu. [Locução de]: Branca Vianna; Idjahure Terena; Beto Ricardo; Ailton Krenak. Rio de Janeiro, Rádio Novelo Apresenta, 12 set 2024. Podcast. Disponível em: https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/programa-de-indio. Acesso em 26 fev. 2026.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo: Círculo do Livro, 1970. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aribeiro-1985-indios/Ribeiro_1985_OsIndiosEACivilizacao.pdf. Acesso em 26/02/2026.

SCHRÖDER, Peter. "Curt Nimuendajú". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/autor/curt-Nimuendajú. Acesso em: 08 out 2025.

TSING, Anna; SWANSON, Heather; GAN, Elaine; BUBANDT, Nils (orgs). "Haunted Landscapes of the Anthropocene". In: **Ghosts of the Anthropocene**: Arts of Living on a Damaged Planet. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Nimuendaju e os Guarani. In: NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. Tradução: Charlotte Emmerich e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo, Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. xvii-xxxviii.

Da demonização à retomada: uma leitura de "Yurupari – O Legislador", do Boi Bumbá Caprichoso

Veronica da Silva Gomes
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Muller

Esta comunicação analisa a toada "Yurupari - O Legislador", apresentada pelo Boi-Bumbá Caprichoso no Festival de Parintins em 2025. Tomando como ponto de partida a figura de Yurupari, personagem central das cosmologias indígenas do Alto Rio Negro, a análise examina os modos pelos quais a canção participa de um movimento de retomada narrativa diante de representações historicamente marcadas pela demonização colonial. Ao converter Yurupari em sujeito da enunciação, a toada desloca representações consolidadas e reinscreve essa figura em um horizonte cosmológico distinto daquele produzido pelos discursos cristãos. A leitura proposta articula contribuições dos estudos da canção, da antropologia da música e das reflexões sobre cultura popular para pensar a toada como espaço de elaboração simbólica no qual diferentes narrativas sobre memória, história e pertencimento entram em disputa. Interessa, sobretudo, compreender como uma figura oriunda das cosmologias indígenas é mobilizada em uma manifestação cultural contemporânea de ampla circulação, evidenciando a canção como espaço de elaboração e circulação de narrativas.

Palavras-chave: toada; Yurupari; Boi Caprichoso; cosmologias indígenas; cultura popular.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi Bumbá de Parintins: breve história e etnografia da festa. **Revista História Ciências e Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 6, p. 1019-1046, set. 2000.

NAVES, Santuza Cambraia. **O violão azul: modernismo e música popular**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVEIRA, Diego Omar da; SILVA, Elizandra Garcia da; NAKANOME, Ericky da Silva (orgs.). **Os Bois-Bumbás de Parintins: novos olhares**. Manaus, AM: Editora UEA; Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.

TATIT, Luiz. **O cancionista: composições de canções no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1995

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. Editora Companhia das Letras, 1989.

Narrativas do fim: explorando os grupos estigmatizados nas distopias climáticas de Butler, Bacigalupe e Denser

Barbara Lauria Innecco
Orientadora: Profª. Drª. Ângela Maria Dias

Este projeto de tese tem como objetivo investigar a representação de grupos estigmatizados em contextos de colapso climático nas obras A Parábola do Semeador (1993), de Octavia E. Butler, Faca de Água (2015), de Paolo Bacigalupi e Colapso (2023), de Roberto Denser. A partir da hipótese de que a crise climática potencializa desigualdades sociais pré-existentes, busca-se compreender como a literatura especulativa imagina futuros distópicos nos quais a vulnerabilidade de minorias de raça, gênero e classe é agravada. O problema central a ser tratado é a análise crítica das maneiras pelas quais essas obras evidenciam o impacto desproporcional da crise ambiental sobre populações marginalizadas, revelando processos de opressão, exclusão e violência. A fundamentação teórico-metodológica baseia-se nos estudos da justiça ambiental (NIXON, 2011) e na crítica ecofeminista (TÜZÜN, 2021), considerando a inter-relação entre opressões sociais e degradação ambiental. Adota-se uma abordagem comparativa entre as obras, analisando seus elementos narrativos e temáticos, com foco nas estratégias de denúncia empregadas pelos autores. O estudo pretende demonstrar como a ficção climática projeta cenários de catástrofe atuando como ferramenta crítica para refletir sobre os efeitos da atual crise ecológica e as estruturas de poder que a perpetuam, lançando luz sobre o papel fundamental da literatura em articular narrativas de resistência e transformação social diante dos desafios emergentes do Antropoceno.

Palavras-chave: distopia climática; justiça ambiental; crítica ecofeminista; grupos estigmatizados; crise ecológica.

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Octavia Estelle. **A parábola do Semeador**. Trad. de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Morro Branco, 2018.

CLAEYS, Gregory**. Dystopia**: A Natural History. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 5.

DERY, Mark**.** Black to the Future: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: DERY, Mark (ed.). **Flame Wars**: The Discourse of Cyberculture. Durham: Duke University Press, 1994. p. 179-222.

DENSER, Roberto. **Colapso**. Darkside Books, 2023.

GAARD, Greta**. Ecofeminism and Climate Change**. Women's Studies International Forum, v. 49, p. 20-33, jan. 2015. DOI: https://doi.org/10.1016/j.wsif.2015.02.004.

NIXON, Rob. **Slow Violence and the Environmentalism of the Poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

SCHLOSBERG, David. **Defining Environmental Justice**: Theories, Movements, and Nature. Oxford: Oxford University Press, 2007.

STONE, K.; BLINN, N.; SPENCER, R. **Mental Health Impacts of Climate Change on Women**: a Scoping Review. Current Environmental Health Reports, v. 9, p. 228-243, 2022.

STREEBY, Sarah. **Imagining the Future of Climate Change**: World-Making Through Science Fiction and Activism. Berkeley: University of California Press, 2017.

TÜZÜN, Hande O. An Ecofeminist Reading of Octavia Butler's Parable of the Sower and Parable of the Talents. In: VAKOCH, Douglas A. (Ed.). **Dystopias and Utopias on Earth and Beyond**: Feminist Ecocriticism of Science Fiction. New York: Routledge, 2021. p. 11-24.

O nacionalismo xenófobo: gigante pela própria natureza

Victor Pereira Pinto
Orientadora: Profª. Drª. Stefania Chiarelli

Esta comunicação propõe a formulação da categoria teórica "nacionalismo xenófobo" como chave de leitura para compreender processos de exclusão simbólica e política no interior do próprio Estado-nação brasileiro. A pesquisa integra uma dissertação voltada à análise do romance *Dilúvio das Almas* (2022), de Tito Leite, e investiga de que modo personagens juridicamente reconhecidos como cidadãos passam a ocupar posições de estrangeiridade e não pertencimento no interior da nação. O objetivo central consiste em discutir como o imaginário nacional produz hierarquias de cidadania, estabelecendo mecanismos de inclusão e exclusão que operam tanto no plano institucional quanto no simbólico. Metodologicamente, a pesquisa articula análise literária, reflexão historiográfica e discussões acerca de Estado, soberania, cidadania e pertencimento, buscando compreender como determinadas narrativas nacionais fabricam imaginários de homogeneidade e legitimam processos de exclusão. A partir de metáforas fundadoras da nacionalidade brasileira e de debates sobre colonialidade, neoliberalismo e violência estatal, o trabalho busca investigar como a retórica do "nós" versus "eles" reconfigura a representação dos sujeitos na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: nacionalismo xenófobo; literatura brasileira contemporânea; Tito Leite; pertencimento; Estado-nação.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem canta o Estado-nação?** Tradução de Vanderlei J. Zacchi e Sandra Goulart Almeida. Brasília: Editora UnB, 2018.

CASARA, Rubens R. R. **Bolsonaro: o mito e o sintoma**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração**. Tradução de Cézar Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SESSÃO 21

Escrevivência e agenciamento: literatura, memória e produção de subjetividades negras femininas em Conceição Evaristo

Nathalia Gomes
Orientadores: Prof. Dr. Adalberto Müller
Prof. Dr. Alex Martoni

Este artigo investiga as potencialidades da literatura feminina negra afrodiaspórica, especialmente da obra de Conceição Evaristo, como dispositivo de produção de subjetividades e agenciamento de mulheres negras. Partindo da inquietação acerca do poder e dos limites da literatura diante das diversas formas de violência que atravessam a experiência feminina negra, o estudo articula contribuições dos estudos literários, do feminismo negro, das teorias da recepção e das reflexões sobre subjetividade e memória. Inicialmente, reconstrói-se o lugar histórico da mulher negra no Brasil a partir das contribuições de autoras como bell hooks, Angela Davis, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Cida Bento e Neusa Santos Souza, evidenciando a persistência de formas interseccionais de opressão relacionadas a raça, gênero e classe. Em seguida, discute-se a literatura negra feminina contemporânea como espaço de elaboração de memórias, produção de contra-narrativas e construção de formas de reconhecimento coletivo. O texto problematiza, contudo, uma questão central: como tais narrativas podem alcançar mulheres negras que permanecem afastadas dos bens culturais escritos em razão das desigualdades educacionais historicamente produzidas? Como hipótese teórica, propõe-se que a potência transformadora da obra evaristiana não reside apenas nos conteúdos representados, mas também em sua dimensão prosódica. Marcada pela oralidade, pela repetição, pela cadência narrativa e pela circulação afetiva da voz, a escrevivência possibilitaria formas de recepção fundadas na escuta compartilhada, aproximando-se das tradições *griots* afro-diaspóricas. Conclui-se que a prosódia evaristiana pode ser compreendida como uma política da escuta capaz de ampliar o alcance social da literatura, favorecendo processos de identificação, pertencimento e agenciamento entre mulheres negras.

Palavras-chave: escrevivência; Conceição Evaristo; agenciamento; mulheres negras; literatura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, tradução e revisão técnica de Roberto Machado. 20. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647. Acesso em: 1 jun. 2026.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2019. (Vozes de Bolso).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Escrita de si e construção narrativa da subjetividade lésbica em *Mezzamaro: flores e cassis*, de Cassandra Rios

Thainá Moraes
Orientadora: Prof.ª Drª. Ekaterina Volkova Américo

Este trabalho apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa que tem como objetivo analisar como a escrita de si participa da construção narrativa de uma subjetividade lésbica em Mezzamaro: flores e cassis (2000), romance autobiográfico de Cassandra Rios. Partindo da compreensão de que a escrita de si constitui um espaço de elaboração da experiência e de constituição do sujeito, a análise busca tratar de que modo a autora articula memória, autorrepresentação e ficcionalização na construção de uma narrativa identitária. Considera-se que o romance, ao mobilizar elementos autobiográficos sem se limitar ao relato factual, transforma a experiência vivida em matéria literária, produzindo sentidos sobre si e sobre a experiência lésbica. O estudo fundamenta-se nas reflexões de Michel Foucault (2006) acerca da escrita de si e dos processos de subjetivação, nos estudos de Leonor Arfuch (2010) e Anna Faedrich (2022) sobre autobiografia, espaço biográfico e autoficção, bem como nas contribuições de Margareth Rago (2013), Judith Butler (2018), Audre Lorde (2019) e Lúcia Facco (2004) para a compreensão das relações entre subjetividade, gênero, sexualidade e representação das experiências lésbicas. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, centrada na análise do romance e de sua fortuna crítica. Os resultados parciais indicam que a narrativa mobiliza estratégias de escrita de si que possibilitam a elaboração de uma experiência lésbica historicamente silenciada, articulando memória, autorrepresentação e ficcionalização na construção de uma subjetividade marcada pela dissidência sexual. Desse modo, a obra evidencia a literatura como um espaço de produção de sentidos sobre si, de afirmação identitária e de resistência às normas heteronormativas que historicamente limitaram a representação das vivências lésbicas na literatura brasileira.

Palavras-chave: escrita de si; subjetividade lésbica; autobiografia; Cassandra Rios; literatura brasileira.

REFERÊNCIAS:

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FAEDRICH, Anna. **Teorias da autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: GLS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RIOS, Cassandra. **Mezzamaro: flores e cassis**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

Maternidade e resistência feminina na literatura brasileira: de Júlia Lopes de Almeida a Eliana Alves Cruz

Rosiane Silva de Souza
Orientadora: Profª. Drª. Anna Faedrich

Esta pesquisa investiga as representações da maternidade na literatura brasileira a partir do diálogo entre o romance *Memórias de Marta* (1900) e o conto *Os Porcos* (1903), de Júlia Lopes de Almeida, e o romance *Solitária* (2018), de Eliana Alves Cruz. A proposta busca compreender como diferentes experiências maternas são construídas literariamente em contextos históricos distintos, observando permanências e transformações nas relações entre gênero, raça e classe. Partindo da compreensão da maternidade como uma construção social e histórica, o estudo problematiza concepções naturalizadas que associam o feminino ao cuidado, ao sacrifício e à dedicação incondicional aos filhos. Nesse sentido, as obras selecionadas permitem examinar como a literatura participa da elaboração de imaginários sobre a maternidade, ao mesmo tempo em que evidencia tensões ligadas às desigualdades sociais e às relações de poder. Embora separadas por mais de um século, as narrativas apresentam personagens femininas cujas experiências revelam os limites impostos às mulheres por estruturas patriarcais, bem como diferentes formas de resistência e negociação desses papéis. O contraste entre a escrita de Júlia Lopes de Almeida e a de Eliana Alves Cruz possibilita ainda refletir sobre os impactos dos marcadores de raça e classe na construção das figuras maternas, ampliando a discussão para além de perspectivas universalizantes da maternidade. Ao aproximar uma autora frequentemente marginalizada pela historiografia literária de uma das vozes mais relevantes da literatura brasileira contemporânea, a pesquisa pretende contribuir para o debate sobre maternidade, gênero e representação na literatura brasileira, destacando a permanência e a reconfiguração de questões que atravessam a experiência feminina ao longo do tempo.

Palavras-chave: maternidade; literatura brasileira; feminismo

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Os porcos**. Rio de Janeiro, 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1925.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRUZ, Eliana Alves. **Solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2004.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo**. São Paulo: Elefante, 2023.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Dados, v.2, 1983.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Notas sobre os imaginários martinicanos da morte a partir de Raphaël Confiant

Ítalo Ramos Rodrigues
Orientadora: Profª. Drª. Vanessa Massoni da Rocha

Ainda em fase inicial, a atual pesquisa é desenvolvida com base no conto Mémoires d'un fossoyeur (1995), do autor martinicano Raphaël Confiant (1951 -), no qual se evidenciam os imaginários da morte a partir dos ofícios de um coveiro na Martinica. Raphaël Confiant é um dos maiores nomes da literatura caribenha e foi idealizador da obra ensaística Éloge de la Créolité (1989), juntamente aos autores martinicanos Jean Bernabé e Patrick Chamoiseau, na qual abordam, entre outras significativas temáticas, a necessidade de compreensão da maneira de viver a morte nas sociedades do arquipélago das Antilhas. Em diversas obras de Confiant, os imaginários crioulo caribenhos da morte são amplamente evocados e revelam as plurais maneiras de viver a morte, desde os rituais que acompanham os velórios, os espaços em que são realizados, a relação entre vida e morte, até o cultivo da memória dos mortos nas sociedades antilhanas. Nesse sentido, considerando não somente a importância da obra e de seu autor, mas também a lacuna da fortuna teórica (brasileira) sobre assuntos aqui abordados, essa pesquisa pioneira propõe uma perspectiva de leitura sobre os múltiplos modos de viver a morte, especialmente no contexto martinicano. A fim de compreender os elos entre vida e morte e os ritos que se baseiam nesse contexto, que constituem eixos muito profícuos e relevantes na literatura caribenha francófona, são mobilizadas as fortunas críticas de autores como Bernabé, Chamoiseau e Confiant (1989; 1998; 2025), Glissant (2016), Leti (2000) e dos pesquisadores Domi (2001) e Rocha (2020; 2021), cujas obras se dedicam à análise aprofundada desses contextos, constituindo, assim, referências fundamentais para o arcabouço teórico que sustenta o presente trabalho.

Palavras-chave: imaginário; memória; morte; Raphaël Confiant; Caribe francófono.

REFERÊNCIAS:

BERNABÉ, Jean. Mémoire et langage: la trajectoire de la parole antillaise. **Revista Moara**, n. 10, p. 13-27, 1998. Disponível em: https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2954. Acesso em: 18 ago. 2025.

BERNABÉ, Jean. CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. **Éloge de la Créolité**. Paris: Gallimard, 1993.

CHAMOISEAU, Patrick. **La matière de l'absence**. Paris: Seuil, 2016.

CONFIANT, Raphaël. Mémoires d'un fossoyeur. In: TAUBIRA-DELANNON, Christiane et al. **Noir des îles (nouvelles)**. Paris: Gallimard, 1995, p. 73-94.

CONFIANT, Raphaë. L**a Jarre d'or. Coleção Folio**. Paris: Mercure de France, 2010.

DOMI, Serge. **Vécu de la mort et soins palliatifs en Martinique**. Potomitan. 2001. Disponible en: https://kapeskreyol.potomitan.info/guides/mort.pdf. Acesso em: 13 ago. 2025.

GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris: Gallimard, 1996.

LETI, Geneviève. **L'univers magico-religieux antillais** – ABC des croyances et superstitions d'hier et d'aujourd'hui. Paris: L'Harmattan, 2000.

ROCHA, Vanessa. Éloge de la Créolité et le projet de la Comédie créole: le cas de La Jarre d'or de Raphaël Confiant. In: BERTIN-ELISABETH, Cécile; COFLON, Patricia; MENCÉ-CASTER, Corinne. (Org.). **Avant et après l'Éloge de la Créolité** - l'œuvre de Raphaël Confiant. Paris: Sciptep éditions, 2023, p. 37-52.

ROCHA, Vanessa. "Eu (não) sou coveiro": estar entre mundos, mistérios e mortes – imaginários brasileiros e caribenhos do coveiro. In: NOGUEIRA-PRETTI, Luciana. (Org.). **Literaturas Francófonas V**: debates interdisciplinares e comparatistas. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021. 1ª ed., p. 389-421.

SESSÃO 22

Corpos em trânsito: discurso, marginalidade e memória urbana em “Rolézim” e “O moleque”

Camila de Carvalho Santana
Orientadora: Profª. Drª. Ekaterina Volkova Américo

A literatura brasileira frequentemente representa sujeitos marginalizados que transitam pela cidade sob o olhar da vigilância social e institucional. Nesse contexto, surge as seguintes questões: como os discursos sobre marginalidade urbana e exclusão são construídos nos contos “O moleque” de Lima Barreto (2010) e “Rolézim” de Geovani Martins (2018) e de que forma esses discursos revelam permanências e transformações na representação do corpo negro e periférico no espaço público do Rio de Janeiro do século XX ao XXI? A pesquisa parte da hipótese de que o texto de Geovani Martins dialoga com uma memória discursiva já presente na obra de Lima Barreto, atualizando e transformando os sentidos de periferização por meio de novas estratégias linguísticas, especialmente a incorporação da oralidade e da gíria como forma de resistência discursiva, com base em arcabouços teóricos como *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2005) de Eni Orlandi, *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (2002) de Michel Pêcheux, *Tornar-se negro* (2021) de Neusa Santos Souza, *O Espaço do Cidadão* (2007) de Milton Santos e *Pele negra, máscaras brancas* (2020) de Frantz Fanon. Dito isso, procura-se analisar, a partir de uma perspectiva discursiva, como se constroem os sentidos de discriminação e marginalidade urbana nos contos dos autores citados ambientados no Rio de Janeiro. Além de examinar a memória discursiva presente nas narrativas, buscando compreender como o discurso sobre o corpo negro no espaço público se repete, se transforma ou se desloca do início do século XX ao século XXI em relação ao racismo. Como resultados, espera-se encontrar a aproximação entre esses dois autores que permitem observar como determinados discursos sobre marginalidade urbana permanecem ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que sofrem modificações significativas. Ao estudar essas obras sob a perspectiva da AD, conclui-se que a linguagem literária produz sentidos sobre segregação, poder e identidade social.

Palavras-chave: Lima Barreto; Geovani Martins, Rio de Janeiro; literatura marginalizada

REFERÊNCIAS:

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Contos completos**. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça: contos**. - 1° ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Homens como terra: Representações do trabalhador rural na literatura brasileira (1930-1950)

Carlos Victor Bustamante de Oliveira
Orientadoras**:** Profª. Drª. Claudete Daflon dos Santos e
Profª. Drª. Diana Klinger

Este trabalho propõe uma análise comparativa das representações sociais do trabalhador rural nas obras São Bernardo (1934) e Vidas Secas (1938), de Graciliano Ramos, e Terras do Sem-Fim (1943), de Jorge Amado, articulando-as à Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015) e ao conceito de natureza barata presente no livro Antropoceno ou Capitaloceno? organizado por Jason Moore. O objetivo é investigar como o discurso literário reforça ou questiona a desumanização do trabalhador rural, relacionando-a ao processo de industrialização e expansão capitalista experimentado no Brasil no período de 1930 até 1950. A hipótese central é que a literatura do período, mesmo quando crítica, naturalizou hierarquias que facilitaram a transição do Brasil agrário para o industrial, pois a desumanização do trabalhador rural justificou sua inserção subalterna no novo modelo econômico. O estudo realizará análise textual discursiva e revisão teórica para demonstrar como Graciliano expõe a alienação como fruto da estrutura agrária enquanto Jorge Amado, mesmo colocando de forma romântica a luta de classes, reflete a lógica do Capitaloceno, que reduz as pessoas a meios de produção. Os resultados versam sobre a contribuição de modo interdisciplinar para ampliar o debate sobre literatura e capitalismo na crítica cultural brasileira e buscam subsidiar as reflexões acerca da justiça social e ambiental.

Palavras-chave: Vidas Secas; São Bernardo; Terras do Sem-Fim; representações sociais; natureza barata.

REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MACHADO, Victoria Silva Portes. **Uma leitura de Vidas Secas, de Graciliano Ramos, para além do par natureza/humanidade.** 2024. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/38183. Acesso em: 20 jul. 2025.

MOORE, Jason W. O surgimento da natureza barata. In: MOORE, Jason W. **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. Tradução de Antônio Xerxenesky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Editora Elefante, 2016. p. 97-99).

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2025.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em Psicologia Social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PACHECO, Ana Paula. O vaqueiro e o procurador dos pobres: Vidas Secas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** São Paulo, n. 60, p. 34-55, abr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rieb/n60/2316-901X-rieb-60-00034.pdf . Acesso em: 25 jul. 2025.

RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo.** 109. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 168. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.

SIQUEIRA, Vitor et. al. A representação social da morte em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. **Claraboia**, v. 11, p. 43-63, jan./jun. 2019. Disponível em: https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/165. Acesso em: 23 jul. 2025.

Caminhando pela fronteira: uma análise sobre a marafona na novela *Mar paraguayo*, de Wilson Bueno

Aline Bernardo da Silva
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Müller

Este trabalho propõe-se a analisar a obra *Mar Paraguayo*, de Wilson Bueno, sobretudo o sentido no discurso da personagem "marafona". Tal personagem não se constitui somente em ser uma mulher que foi traficada para Guaratuba e é explorada, mas uma mulher *queer* com uma vivência de seu gênero e de sua sexualidade que o sofrimento não apagou. Na obra, o silenciamento é a impossibilidade de decidir por si mesmo seu próprio destino e o de seu povo. Ao falar, então, a marafona se revolta contra a imposição de limites — e de fronteiras — que surgem da vontade e do entendimento de outrem. Ademais, seu relato, mistura das três línguas que aparecem (português, espanhol e guarani), é marcado pela não-linearidade dos fatos apresentados e a influência de traços religiosos/culturais dos povos guarani. Diante disso, o texto pode ser submetido a uma perspectiva decolonial, na qual se observa na narrativa a voz de indivíduos colonizados, silenciados por processos de repressão associados à colonização e ao patriarcado. Com apoio de estudos pós-coloniais e de gênero, buscamos compreender os processos históricos que levaram e/ou levam ao silenciamento dessas pessoas.

Palavras-chave: Mar Paraguayo; fronteiras, estudos de gênero; estudos pós-coloniais.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUENO, Wilson. DIEGUES, Douglas, MÜLLER, Adalberto (org.). **Mar Paraguayo**. Edição crítica e comemorativa. São Paulo: Iluminuras, 2022.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades**, n. 1 p. 13-33, Jan.–Jun. 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 107-126.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Muros e Fronteiras: a questão prisional em "Nineteen Thirty-Seven"

Suiá Dylan Cavalcante Ferreira
Orientador**:** Prof. Dr. Silvio Renato Jorge

O trabalho apresenta uma análise do conto de Edwidge Danticat, intitulado "Nineteen Thirty-Seven", do livro *Krik? Krak!*, que retrata a experiência da prisão através do olhar da filha de uma prisioneira em Porto Príncipe, no Haiti. Para estudar os processos de punição presentes no texto utilizaremos as teorias de Michel Foucault e Louis Althusser que abordam a repressão e o encarceramento. É necessário também considerar o contexto social haitiano e, para isso, empregaremos a análise de Antonio Benítez Rojo a respeito do Caribe e a religiosidade, uma vez que ela desempenha papel relevante no texto de Danticat. Para compreender a função que o misticismo desempenha no espaço geográfico e no enredo do conto, aplicaremos os estudos de Benítez Rojo e de Walter Mignolo a respeito do encontro cultural para compreender o fenômeno que ocorre no texto, mas também na realidade local, levando em consideração as especificidades de um espaço que sofreu os efeitos do colonialismo e cujas consequências ainda reverberam na sociedade.

Palavras Chave: prisão; Edwidge Danticat; Haiti

REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: ŽIŽEK, Slavoj. (Org.) **Um mapa da ideologia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.

BENÍTEZ ROJO, Antonio. **La isla que se repite**. Barcelona: Casiopea, 1998.

DANTICAT, Edwidge. Nineteen thirty-seven. In: **Krik? Krak!** Nova York: Soho Press, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramalhete. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina"**. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: EdUFF/PosGeo, 2021.

MIGNOLO, Walter D. Bilinguajando o amor/ Pensando entre línguas. In: **Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira.Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020, p. 340-375.

_____. Teorizar a través de fronteras culturales. **Revista de crítica literária latinoamericana**. Lima, a.XVII, n.33, 1991, p. 103-112.

SEGATO, Rita. A cor do cárcere na América Latina. In: **Crítica da colonialidade em oito ensaios**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 287-331.

Sonho e experiência temporal em Bernardo Soares

Juliana Canella Valentim
Orientador: Prof. Dr. Adalberto Muller

A presente comunicação investiga a recorrência de trechos sobre a suspensão do tempo no *Livro do Desassossego*, em especial nos fragmentos de 1913 a 1915. A obra publicada postumamente possui uma quantidade de edições com variadas estruturas, sendo necessária a escolha por um método para análise de trechos. Neste sentido, a possível datação desses fragmentos trouxe à tona uma metodologia cronológica, inicial para esse estudo. O objetivo, portanto, é analisar o sujeito poético como habitante do entre-lugar da *realidade* e do *sonho*, sujeito desejante de um fora da linguagem impossível e angustiante. O quadro teórico-metodológico fundamenta-se na análise de textos literários de Fernando Pessoa, fortuna crítica e revisão bibliográfica dedicada ao *Livro do Desassossego* e suas temporalidades. A pesquisa está em fase de recolha de material e análise de imagens e reflexões associadas à experiência temporal no *Livro*. Os resultados parciais indicam a existência de um conjunto de textos em que a suspensão do tempo surge vinculada ao sonho e à recusa das tentativas de explicação racional da vida.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Bernado Soares; Livro do desassossego; Temporalidade; Sonho

REFERÊNCIAS:

BADIOU, Alain. Uma tarefa filosófica: ser contemporâneo de Pessoa. In: **Pequeno manual de inestética**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações**. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luisa Faria. Lisboa: n-l Edições, 2020.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O CONTEMPORÂNEO – LdoD**. Livro do Desassossego Digital (LdoD)**. Universidade de Coimbra. Disponível em: https://ldod.uc.pt/. Acesso em: 11 ago 2025.

MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. São Paulo: Cultrix, 2015.

LOURENÇO, Eduardo. **Pessoa Revisitado: Leitura Estruturante do Drama em Gente**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017.

OSAKABE, Haquira. **Fernando Pessoa: resposta à decadência**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

PELBART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado: Imagens de Tempo em Deleuze**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 1998.

PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de auto-interpretação**. Org. G. R. Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Organização Leyla Perrone-Moyses. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Organização Jerónimo Pizarro. São Paulo: Todavia, 2023.

SESSÃO 23

Vivências escritas: a escrevivência no processo criativo de escritoras negras brasileiras

Janaína Nery Viana
Orientadora: Profª. Drª. Lívia Reis

O trabalho que se pretende apresentar é um recorte da tese, em curso, intitulada "A subjetivação de mulheres negras e periféricas em *Perifobia* e em *Rua do Larguinho e outros descaminhos* de Lília Guerra" e, basicamente, buscará discorrer sobre como o conceito de escrevivência, cunhado pela escritora Conceição Evaristo, enquanto uma escrita comprometida com a subjetivação de mulheres atravessadas por um contexto histórico de submissão, silenciamento e exclusão motivado pelo racismo, norteia o processo criativo de autoras negras no sentido de reagir às práticas de emudecimento por elas experimentadas cotidianamente. Para tanto, o trabalho se valerá da literatura produzida pela escritora Lília Guerra, cujas obras *Perifobia* e *Rua do Larguinho e outros descaminhos* constituem o corpus de análise da tese em andamento permitindo algumas reflexões sobre como o conceito evaristiano parece orientar a produção literária desta autora considerando a conexão dos textos com suas experiências individuais e coletivas enquanto mulher negra e periférica na sociedade brasileira bem como seu compromisso com uma escrita cumpliciada com o EU/NÓS e subjetivadora de mulheres negras. Fundamentam a discussão autoras como, Evaristo(2025; 2017), Figueiredo (2013, 2022) e (Guerra, 2025).

Palavras-chave: literatura negra; gênero; processo criativo; escrevivência

REFERÊNCIAS:

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**.1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A nebulosa do (auto)biográfico: vidas vividas, vidas escritas.** Porto Alegre: Zouk, 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GUERRA, Lília. **Rua do Larguinho e outros descaminhos** – 1.ed – São Paulo: Editora Patuá, 2021.

GUERRA, Lília. **Perifobia** - São Paulo: Editora Patuá, 2018.

Clube do Livro Escrita Matinal. **O céu para os bastardos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W6iSAuf4FU8. Acessado em 22 de fevereiro de 2025.

Pedras, martelo, punho: poéticas de destituição da violência

Flávio Cavaca L. Ribeiro
Orientador: Profª. Drª. Viviana Gelado

O presente trabalho de tese tem por finalidade analisar as poéticas de destituição da violência inerentes aos livros *Também guardamos pedras aqui* (2021), da poeta, atriz e *slammer* paulista Luiza Romão (Ribeirão Preto, 1992), *o martelo* (2017), da poeta, fotógrafa e jornalista pernambucana Adelaide Ivánova (Recife, 1982), e *um útero é do tamanho de um punho* (2012), da poeta, *performer* e jornalista gaúcha Angélica Freitas (Pelotas, 1973). *Também guardamos pedras aqui* suspende signos e códigos da violência para refletir sobre a barbárie das civilizações ocidentais a partir do diálogo das vozes poéticas com personagens da Antiguidade clássica. Revela um passado que colapsa no presente, produzindo um "real" dividido em dois, no qual Troia é lugar de resistência. Em *o martelo*, por sua vez, a ironia da voz poética, em versos fragmentados por *enjambements* que expandem o significado, compõe cenas que desmistificam o crime de poder do estupro, de modo a questionar, através de arquétipos institucionais da violência, seus poderes estabelecidos para punir, os alicerces perpetuadores desse exercício brutal. Em *um útero é do tamanho de um punho*, por fim, podemos perceber, em paralelo, que elementos como o histérico, o *nonsense*, o herético, a musicalidade e a metapoética conduzem, na poética da ironia, um humor verdugo que mina a violenta autoridade patriarcal pela risada, quando evoca o riso no não risível, em que o corpo enlouquece a linguagem. Em suma, ao mobilizar signos de violência como forma de insurgência, a escuta e o reverberar conjunto dessas vozes poéticas revelam uma tensão contínua e dissonante, oposta ao caráter normativo do léxico patriarcalizante, funcionando como um questionamento persistente, uma destituição analítica da masculinidade e suas enunciações de poder, mantendo ativa a força crítica e política da poesia.

Palavras-chave: coralidade; signos poéticos; violência colonial na modernidade patriarcal; Luiza Romão; Angélica Freitas; Adelaide Ivánova.

REFERÊNCIAS:

D'ALVA. Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry *slam* entra em cena. In: **Synergies Brésil** n.9 pp.119-126, PUC-SP, São Paulo: 2011. Disponível em: https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf. Acesso em: 02.05.2024.

FREITAS, Angélica. **um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

IVÁNOVA, Adelaide. **O martelo**. Lisboa: Douda Correria, 2016.

IVÁNOVA, Adelaide. **O martelo**. Rio de Janeiro: Garupa, 2017.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KEMPINSKA, Olga. Ironia e discurso feminino. In: **Revista Estudos Feministas**. https://www.scielo.br/j/ref/a/tQ4CNSxMYfNKvCFvDFbqbQN/?lang=pt, Niterói-RJ: EdUFF, 2014. Acessado em: 06/05/2022.

KEMPINSKA, Olga. O ritmo e o gênero. In: **Remate de Minas**. Campinas-SP, (34.1): pp. 113-116, Jan./Jun. 2014.

ROMÃO, Luiza. **Também guardamos pedras aqui**. São Paulo: Ed. Nós, 2021.

SÜSSEKIND, Flora. **Coros contrários massa**. Recife: CEPE Editora, 2022.

Entre predadores: as gramáticas da violência em *Bestiário*, de Julio Cortázar

Hiandro Bastos da Silva
Orientadora: Profª. Drª. Lívia Maria de Freitas Reis

O presente estudo investiga a presença do animal no conto intitulado Bestiário, escrito pelo célebre prosador argentino Julio Cortázar (1914-1984), e publicado em 1951 no livro que leva o mesmo nome. Fundamentado nas abordagens de Donna Haraway, Gabriel Giorggi, Giorgio Agamben, John Berger, Vinciane Despret, entre outros pensadores contemporâneos, busca-se analisar a trajetória simbólica do tigre no imaginário ficcional latino-americano, culminando em uma leitura do texto supracitado, como expressão de uma estética da pós-natureza, conceito cujo escopo é dar conta deste momento sociocultural, caracterizado pelo apagamento do não humano. Nessa direção, demonstra-se que o tigre, embora ausente dos ecossistemas latino-americanos, consolida-se na Literatura desse continente no século XIX como signo alegórico da barbárie. Em obras como Facundo, Ou Civilização e Barbarie (1845), de Domingo Faustino Sarmiento e O Guarani (1857), de José de Alencar, o grande felino traça o limiar de um território nebuloso não alcançado pela ordem letrada. Adiante, no século XX, contudo, ocorre um deslocamento decisivo: o tigre deixa de funcionar como metáfora da selvageria e passa a atuar como figura espectral desterritorializada, sobretudo na obra de Jorge Luis Borges, na qual o felino se vincula à memória, ao tempo e à metafísica. Tal transformação permite compreender a emergência da pós-natureza, entendida como reinscrição do natural em um regime antropogênico atravessado pela linguagem. A abordagem aproxima essa discussão das formulações biopolíticas de Michel Foucault, particularmente da noção de vidas por abandonar, para interpretar o universo de Cortázar. No conto, o tigre não representa apenas ameaça animal, mas, sim, reorganiza os limites entre humano e não humano. Em suma, a narrativa evidencia a violência doméstica, articulada à animalidade, à vulnerabilidade feminina e ao confinamento dos corpos, especulando a inversão da díade predador-humano e predador-animal.

Palavras-chave: tigre; pós-natureza; Julio Cortázar.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: **O Poder Soberano e a Vida Nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. **O aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BERGER, John. **Por que olhar para os animais?**. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.

CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DESPRET, Vinciane . **Que diriam os animais?**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIORGI, Gabriel. A vida imprópria: histórias de matadouros, In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o Animal** – Ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns: animalidade, literatura e biopolítica**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Ler a mãe, escrever com ela: diálogos entre *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante, e *Melhor não contar*, de Tatiana Salem Levy

Cláudia Lamego
Orientadora: Profª. Drª. Lívia Reis

*Melhor não contar***,** de Tatiana Salem Levy, e *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante, dialogam nos temas da maternidade e do assédio/abuso de crianças e adolescentes. As duas narradoras revisitam suas histórias a partir do contato com os corpos (fluidos, textos, memórias, objetos pessoais) de suas mães e revisitam o passado para elaborar os seus traumas. Vamos analisar essa espécie de "escrita uterina" das duas autoras no rastro do próprio texto de Levy, que diz carregar a mãe em seu ventre, para então extrair daí a sua literatura, e Ferrante, que traz o dialeto materno, a *Frantugmaglia*, para os seus livros, fazendo da experiência materna substrato para a sua obra. Para sustentar a análise teórica, recorreremos a autoras que pesquisam a escrita da maternidade nos livros de Elena Ferrante em contraponto à figuração patriarcal. Para Adriana Cavarero, Tatianne Dantas e Tiziana di Rogatis, Ferrante, e aqui, por extensão, Tatiana Levy, expressam as contradições dessa relação: repulsa e atração, ciúme e desejo, erotismo e horror.

Palavras-chave: maternidade, elena ferrante, tatiana salem levy, frantumaglia

REFERÊNCIAS:

CAVARERO, Adriana. **Olha-me e narra-me**: filosofia da narração. Tradução de Milena Vargas. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2025.

CAVARERO, Adriana.**Donne che allattano cuccioli de lupo** - Icone dell'ipermaterno. Roma: Lit Edizioni, 2023.

DANTAS, T. S. **Corpo, escrita e fractal**: ensaios com Elena Ferrante. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2025.

FERRANTE, Elena. **Um amor incômodo**. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017a.

FERRANTE, Elena.**Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017b.

FERRANTE, Elena. **As margens e o ditado***:* sobre os prazeres de ler e escrever. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FERRANTE, Elena. **Dias de Abandono**.

LEVY, Tatiana Salem. **Melhor não contar**. São Paulo: Todavia, 2024.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave da casa**. Rio de Janeiro: Record. 2009

DE ROGATIS, Tiziana. **Elena Ferrante**. Parole Chiave. Roma: Edizioni e/o, 2018.

Dizer-se negra na Espanha: formas do autobiográfico em Agnès Agboton e Desirée Bela-Lobedde

Ailton Magela de Assis Augusto
Orientadora: Profª. Drª. Lívia Reis

Esta comunicação apresenta resultados parciais de tese de doutorado em andamento no PPG em Estudos de Literatura da UFF, dedicada ao estudo de textos produzidos por mulheres negras na Espanha contemporânea que se inserem, em maior ou menor grau, no que Eurídice Figueiredo (2022) denomina a nebulosa do (auto)biográfico. A Espanha permanece, no imaginário hegemônico, um espaço pretensamente branco; suas políticas espaciais, nos termos de Grada Kilomba (2019), constroem a nação de modo a excluir simbolicamente os corpos racializados. Frente a esse contexto, textos como *Más allá del mar de arena*, de Agnès Agboton, e *Ser mujer negra en España*, de Desirée Bela-Lobedde, operam como intervenções no campo da representação. O objetivo deste trabalho é examinar comparativamente as formas que o autobiográfico assume em cada obra, investigando em que medida essa diferença formal é índice de posições de sujeito distintas dentro de um mesmo contexto de exclusão. O quadro teórico mobiliza Figueiredo (2022) para a discussão das formas autobiográficas, e Kilomba (2019) e Angone (2018, 2022) para a contextualização do campo cultural espanhol. Os resultados parciais sugerem que a atenção às formas, e não apenas aos temas, permite uma leitura mais precisa dos modos pelos quais essas autoras constroem agência e reivindicam pertencimento no espaço público.

Palavras-chave: literatura afro-hispânica; escritas de si; mulheres negras

REFERÊNCIAS:

AGBOTON, Agnès. **Más allá del mar de arena**: una mujer africana en España. Madrid: Editorial Verbum, 2018.

ANGONE, Odome (coord). **Las españolas afrodescendientes hablan sobre identidad y empoderamiento**. Madrid: Editorial Verbum, 2018.

ANGONE, Odome. Ser o estar: las “negras realidades” de la afrodescendencia española en Las que se atrevieron e Hija del camino de Lucía Asué Mbomío Rubio, **HispanismeS** [online], Hors-série 5, 2022. Disponível em: http://journals.openedition.org/hispanismes/15914. Acesso em: 27 jun. 2024.

BELA-LOBEDDE, Desirèe. **Ser mujer negra en España**. Madrid: Penguin Random House, 2018.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A nebulosa do (auto)biográfico**: vidas vividas, vidas escritas. Porto Alegre: Zouk, 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

A memória dos desesperançados: a pena do escritor como testemunho de corpos silenciados

Thaynara da Silva Souza
Orientador: Prof. Dr. André Dias

Há um jogo, articulado às sombras, do que deve ser esquecido e do que deve ser lembrado no processo contínuo de transformação de uma sociedade. Nessa dinâmica, narrativas e vozes são orquestradas para narrar a construção do país do homem cordial (Holanda, 1966). Nas reminiscências da pátria idealizada, há um acordo social que mantém a dinâmica de poder que manipula as relações de poder de vida também seleciona corpos não pertencentes à biocenose (Foucault, 1978). Marginalizados, destituídos de seus direitos reduzidos à animalização, perdem também o direito à enunciação. No entrelaçamento entre literatura e sociedade (Candido,1967), a escrita literária com sua capacidade memorialística, estende espaço não somente ao não dito, como também àquele que não estava autorizado a dizer por meio do testemunho (Seligmann-Silva, 1998). Assim, o poeta, na perspectiva contemporânea do filósofo, assume sua posição de deslocamento temporal e espacial; torna-se um sujeito que observa externamente as nuances de seu tempo, enquanto é, simultaneamente, perpassado por elas internamente. A partir dessa compreensão, a peça teatral *Lima Barreto, ao terceiro dia* (1984), de Luís Alberto de Abreu é selecionada como corpus da pesquisa por ser marcada pelo testemunho do personagem-autor, Lima Barreto, em seu período de enclausuramento no Hospital dos Alienados. Em suas páginas, a obra expõe a governamentalidade da biocenose que aprisiona, marginaliza e agride corpos que são compreendidos como incômodos para a sociedade, como "louco" por subverter a imagem do cidadão de bem. Luís Alberto Abreu imprime o relato de violência estatal e institucional, aos quais seus personagens são expostos em suas linhas discursivas.

Palavras-chave: Luiz Alberto de Abreu; memória; testemunho; biopolítica; Homo Sacer.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Luís Alberto. Lima Barreto, ao terceiro dia (1984) In: _____. **Luís Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa**. Organização de Adélia Nicolete. - São Paulo: Perspectiva, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009. 598.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer:* **O Poder Soberano e a Vida Nua I**, tradução de Henrique Burigo, 1. reimpr., Belo Horizonte: UFMG: Humanitas, 2004.

CANDIDO, Antonio. . **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de. France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção**. Letras, Revista do mestrado em Letras da UFSM. Santa Maria, RS, UFSM; CAL, n. 16, jan./jul. 1998, p. 9-37.

SCHOØLLHAMMER, Karl Erik. **Memórias de delinquências e sobrevivência**.1. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

PIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.

SESSÃO 24

Terranos e Athsheanos em *Floresta é o nome do mundo* de Ursula K. Le Guin

Victoria Silva Portes Machado.
Orientadora: Profª. Dra, Anita Martins Rodrigues de Moraes.

Floresta é o nome do mundo é uma obra de ficção científica criada por Ursula K. Le Guin. Nesse romance, os terranos (habitantes da Terra) invadem Athshe em busca de madeira, escassa na Terra, e colonizam seus nativos (os athsheanos). O narrador onisciente apresenta os acontecimentos principalmente por meio da perspectiva dos terranos Davidson, capitão, Lyubov, antropólogo e do nativo Selver, deus sonhador para os athsheanos. Os personagens terranos têm diferentes pontos de vista a respeito dos nativos e também se comportam de maneira distinta diante deles. Capitão Davidson acredita na superioridade dos terranos e na sua potência, enquanto capitão terrano, para domesticar Athshe. Davidson desconsidera o ecossistema de Athshe, julga que as florestas devem ser dizimadas para a extração de madeira e para o plantio de soja, e que os animais devem ser livremente caçados Por sua vez, a perspectiva do antropólogo Lyubov sobre os athsheanos apresenta nuances, já que, embora veja os athsheanos como um povo estático (sem história), ele tenta compreender o comportamento dos nativos, principalmente a partir dos conhecimentos passados por Selver. Já Athshe é um planeta formado por quarenta territórios cuja cooperação entre os viventes permite uma vida sadia em diversos biossistemas equilibrados. Esse equilíbrio parece ser mantido, sobretudo, devido à existência e à manutenção de regras sociais seguidas, na maior parte do tempo, pelas casas e aldeias dos athsheanos. Essa comunicação tem como objetivo explorar a cosmovisão específica e singular dos terranos e dos athsheanos.

Palavras-chave: *Floresta é o nome do mundo*; ficção científica; Ursula Le Guin.

REFERÊNCIAS:

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2015.

Le Guin, Ursula K. “American SF and The Other” In: **Science Fiction Studies**. vol.2. part 3. Nov. 1975.

Le Guin, Ursula K. **Floresta é o nome do mundo**. Tradução Heci Regina Candiani. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2020. p. 160.

Le Guin, Ursula K. **“Some Assumptions about Fantasy”**. Disponível em: https://www.ursulakleguin.com/some-assumptions-about-fantasy, 2004. Acesso em 04 junho de 2026.

NODARI, Alexandre. **A literatura como antropologia especulativa (conjunto de variações)**. – Desterro (Florianópolis, SC): Cultura e Barbárie, 2024.

SAER, Juan José. **O conceito de ficção. Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

VALENTIN, M.A. “**Ursa Menor: notas sobre ficção científica e fantasia**”. Cadernos PET-Filosofia (UFPR), v.17, p. 9-35, 2018.

A mão da tradutora

Juliana Vaz de Figueiredo Moreno Batista
Orientadora: Profª. Dra. Susana Kampff Lages

Entre os anos de 1904 e 1910, enquanto escrevia seu único livro em prosa, o romance *As anotações de Malte Laurids Brigge* (*Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*), o poeta Rainer Maria Rilke produzia também suas próprias anotações em quinze de seus cadernos pessoais de bolso. Nunca editados até o momento, esses cadernos serviam tanto à produção literária em verso e em prosa quanto ao registro de aspectos cotidianos, como horários de trem, listas de compras, endereços, telefones, referências bibliográficas, entre outros. Eles revelam um poeta em trânsito por diferentes países da Europa, desenvolvendo uma escrita de anotação livre, de caráter fragmentário e multilíngue, marcada por hesitações, cortes, recuos e recomeços, isto é, mais processual do que orientada a um produto final. A partir da experiência de leitura direta dos cadernos de Rilke, realizada durante uma residência de pesquisa no espólio do autor preservado pelo Arquivo Literário Alemão em Marbach (DLA), em 2025, desenvolvo a proposta de uma "tradução manuscrita", realizada à mão e em cadernos, de uma seleção das anotações do autor, buscando enfatizar a dimensão sensível e material dos manuscritos originais. A noção de tradução com que se trabalha aqui não é a de mera equivalência semântica entre línguas, mas a de *reencenação* de uma experiência de escrita como prática encarnada na qual texto, corpo e suporte são indissociáveis. O gesto tradutório assume, assim, um caráter performativo, ao evidenciar, pela caligrafia, os rastros da presença corporal da tradutora.

Palavras-chave: arquivo, tradução, manuscrito, Rilke, performance

REFERÊNCIAS:

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1999.

KINDER, Anna; RICHTER, Sandra. "Facts and Fiction: Material and Literary Practices in Rainer Maria Rilke's Notebooks". In: MACSIMCZUK, José; STAACK, Thies (Org.): **Accumulating Notes. Note-Taking and multilayered written Artefacts**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2026, pp. 255-285.

RILKE, Rainer Maria. **Os cadernos de Malte Laurids Brigge**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Mandarim, 1996.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor. Uma história da tradução**. São Paulo: Unesp, 2021.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Kafka no Irã: figurações kafkianas e testemunho do trauma em *Uma Metamorfose Iraniana*

Gabriela de Carvalho Souza
Orientadora: Profª. Dra. Susana Kampff Lages

A presente pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense, subárea de Literaturas Estrangeiras Modernas, sob orientação da professor Susana Kampff Lages. O objetivo é investigar de que modo a história em quadrinhos autobiográfica *Uma Metamorfose Iraniana* (2012), do quadrinista iraniano Mana Neyestani, se apropria das figuras narrativas e situações recorrentes da novela *A Metamorfose* e do romance *O Processo* de Franz Kafka como recursos literários que possibilitam a elaboração narrativa da experiência traumática. O quadro teórico-metodológico articula os estudos de adaptação e apropriação de Linda Hutcheon (2011) e Julie Sanders (2006), as reflexões sobre testemunho e trauma desenvolvidas por Shoshana Felman e Dori Laub, Ruth Leys, e Márcio Seligmann-Silva, além das contribuições de Claus Clüver (2008) Irina Rajewsky (2012) para os estudos de intermidialidade e referência intermidiáticas e de autores da fortuna crítica da obra de Franz Kafka como Anatol Rosenfeld (1994) e Modesto Carone (1993). A análise considera ainda a especificidade da linguagem dos quadrinhos como meio de representação da experiência traumática, dialogando com o conceito de "risco da representação" da autora Hillary Chute (2016). Os resultados parciais indicam que Neyestani realiza uma apropriação crítica da obra de Kafka ao recontextualizar, em chave política, modelos literários que condensam experiências modernas de alienação, culpa, impotência e confronto com sistemas incompreensíveis de poder. Observa-se que a referência a Kafka funciona como uma estratégia de elaboração do trauma, permitindo ao autor construir uma narrativa de resistência. A linguagem dos quadrinhos teorizada por Will Eisner e Scott McCloud potencializa esse processo ao combinar recursos verbais e visuais capazes de representar a fragmentação da memória traumática e de convocar o leitor para a reconstrução dos sentidos da experiência testemunhal.

Palavras-chave: Franz Kafka; apropriação; histórias em quadrinhos; trauma; testemunho.

REFERÊNCIAS:

CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHUTE, Hillary. **Disaster Drawn: Visual Witness, Comics, and Documentary Form**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade e Estudos Interartes. In: NITRINI, Sandra; PEREIRA et al (orgs.). **Literatura, artes, saberes**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008. p. 209–232.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. Trad. André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

KAFKA, Franz. **O Processo**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEYESTANI, Mana. **Uma Metamorfose Iraniana**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora Nemo, 2015.

RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, Intertextualidade e "Remediação": uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. In: DINIZ, T.F.N. **Intermidialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte, UFMG: 2012. p. 15-46.

ROSENFELD, Anatol. Kafka e o Romance Moderno. In: ROSENFELD, A. **Letras e Leituras**. São Paulo/Campinas: Perspectiva/EDUSP/Editora da UNICAMP, 1994, p. 41-64.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. New York/London: Routledge, 2006.

Equívocos como valor

Carolina da Nova Cruz
Orientadora: Profª. Drª. Diana Klinger

Nesta apresentação, pretendo esboçar uma reflexão em torno de valorações do *equívoco* produzidas nos âmbitos da antropologia, da filosofia e da teoria literária contemporâneas. Tal esboço compreende um rastreio inicial para a introdução teórico-metodológica à minha pesquisa, que se dedica a investigar as relações entre conceitos de *equívoco* e o campo literário latinoamericano. Abordaremos tais *valorações* no trabalho antropológico de Eduardo Viveiros de Castro, no trabalho filosófico e tradutório de Barbara Cassin e na teoria literária produzida por Alexandre Nodari, Diana Klinger (entre outros), tendo por objetivo uma primeira incursão nos fundamentos éticos, epistemológicos e ontológicos que justificam a centralidade dada por tais trabalhos a conceitos de *equívoco*. A leitura poderá levar a notar um contexto no qual procedimentos *equívocos*, anteriormente classificados como "culturais", "folclóricos", "poéticos" ou "literários", vêm sendo tratados como fontes de conhecimento por "ciências" críticas ao "cientificismo", base de sua consolidação como disciplinas. Diante de tal quadro, perguntamos: Como a literatura contemporânea está contagiada pelo que, na antropologia, vem-se chamando de "virada ontológica" e pela valorização filosófica do "pensar em línguas"? De que modos textos literários e de teoria literária dialogam com os problemas levantados por tentativas "científicas" de incorporar a equivocidade da linguagem como fonte de conhecimento? Como resultado, espero ampliar a compreensão de maneiras com que diferentes valorações de *equívocos* podem desestabilizar a univocidade e a universalidade e de como elas se articulam com o campo literário.

Palavras-chave: equívoco; antropologia; tradução; teoria literária.

REFERÊNCIAS:

CASSIN, Bárbara. **Elogio da Tradução.** Trad. Daniel Falkemback e Simone Petry. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

CASSIN, Bárbara. **Dicionário dos intraduzíveis:** um vocabulário das filosofias. Volume um: Línguas. Coordenação Barbara Cassin; Organização Fernando Santoro, Luisa Buarque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

KLINGER, Diana; SAWALA, Wojciech. Palavras dos Editores Convidados. Não ser o que (logo) sou: Paradoxos ontológicos na literatura latino-americana contemporânea. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 26, n. 1, 2024.

KLINGER, Diana. Traduzir o outro, tornar-se outro: perspectivismo e tradução na literatura contemporânea. In: Livia Reis, Marcia Paraquett, Vitor Alevato do Amaral.. (Org.). **Literatura(s): trânsitos e diálogos.** 1ed. Rio de Janeiro: Makunaima, 2024, v. 1, p. 199-219.

NODARI, Alexandre. **A literatura como antropologia especulativa.** Desterro [Florianópolis, SC]: Cultura e Barbárie, 2024.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Imagens do pensamento selvagem. In: **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural.** São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

Performatividade poiética em Pessoa: dramaturgia em campo expandido no caso da heteronímia

Gabriel Ortiz Voser
Orientadora: Profª. Drª. Susana Kampff Lages

Com referência à teoria de Walter Benjamin (1996), a noção de "refuncionalização" é central para o desenvolvimento desta análise acerca da "performatividade poiética" de Fernando Pessoa sobre o "aparelho de produção" instituído historicamente como "dramaturgia". Nesse sentido, o estudo trata de reconhecer nos procedimentos poiéticos mobilizados por Pessoa "ações" em campo expandido (cf. R. Krauss, 1979; F. Garramuño, 2014) cujos resultados produzem efeitos de ruptura entre as dimensões de ficção e realidade, instituindo, no processo de recepção da obra, a experiência de arte-vida (cf. A. Kaprow, 1993). As "refuncionalizações" operadas por Pessoa constituem-se como um "jogo" (H-G. Gadamer, 1999; Wittgenstein, 2009) em que se produzem, por intermédio do processo de veiculação dos "discursos" (Foucault, 1998), reconfigurações no "regime discursivo" (*Idem*). O propósito desta comunicação é contribuir no sentido de ampliar a compreensão sobre a declaração do próprio autor sobre o fato de que "O ponto central" da sua "personalidade como artista" é que ele entende a si mesmo como "um poeta dramático" (Pessoa, 1974).

Palavras-chave: performatividade; campo expandido; refuncionalização, arte-vida; heteronímia pessoana

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. *In*: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*: **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Volume 1. Tradução de Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes; 3ª edição, 1999.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na arte. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

KAPROW, Allan. *The real experiment*. *In*: ***Essays on the blurring of art and life***. Los Angeles: University of California Press, 1993.

KRAUSS, Rosalind. *Sculpture in the expanded field*. *In*: ***October***. 1979.

PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Volume Único. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1974.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

A escola em cena: poder e conflito na representação do espaço escolar no teatro nas obras Apareceu a Margarida e Conselho de Classe

Suelen Gonçalves Vasconcelos
Orientador: Prof. Dr. André Dias

A dramaturgia brasileira tem frequentemente utilizado a escola como espaço privilegiado para a problematização das relações de poder e de conflitos sociais. Nesse contexto, essa pesquisa propõe uma análise comparativa das peças *Apareceu a Margarida* (1973), de Roberto Athayde, e *Conselho de Classe* (2013), de Jô Bilac, investigando de que modo ambas constroem representações dissonantes da instituição escolar e como, por meio da representação do espaço escolar, questionam valores, discursos e estruturas de suas respectivas épocas. Partindo da perspectiva de que a literatura e o teatro constituem formas de questionamento da realidade social, a pesquisa busca compreender como essas dramaturgias desestabilizam discursos hegemônicos sobre educação, autoridade e formação. Para tanto, serão mobilizados referenciais dos estudos teatrais, literários e educacionais, com destaque para Foucault, Bourdieu, Freire e Bakhtin. A partir desses referenciais, pretende-se analisar como as duas peças articulam diferentes vozes sociais e produzem representações críticas da escola, convertendo-a em um espaço privilegiado de dissonância estética, política e ideológica. Embora separadas por quarenta anos, as duas obras apresentam a escola como um microcosmo da sociedade brasileira. Em *Apareceu a Margarida*, a sala de aula converte-se em alegoria do autoritarismo, revelando mecanismos de controle, repressão e submissão característicos do contexto da ditadura militar. Já em *Conselho de Classe*, a escola pública surge como espaço marcado por disputas ideológicas, precarização das condições de trabalho, insuficiência de investimentos e persistência das desigualdades sociais. Dessa forma, em ambos os casos, verifica-se que a instituição escolar ultrapassa sua função pedagógica e torna-se um espelho das tensões históricas e políticas que atravessam a sociedade.

Palavras-chave: dramaturgia brasileira; escola; poder; dissonância

REFERÊNCIAS:

ATHAYDE, Roberto. **As peças precoces: Apareceu a Margarida e outras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BILAC, Jô. **Conselho de Classe**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatr***o*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SESSÃO 24

Entre a Vênus e a Virgem: A ironia boccacciana e a representação feminina no Decameron sob a ótica das traduções brasileiras.

Beatriz dos Santos Araujo
Orientador: Prof. Dr. Emanuel França de Brito

A presente pesquisa propõe uma análise da representação feminina na obra *Decameron*, de Giovanni Boccaccio, ao observar como a dualidade entre a exaltação da figura feminina e a misoginia medieval é mediada nas traduções brasileiras. O objetivo consiste em investigar o silenciamento ou manifestação de traços machistas e da ironia boccacciana nas traduções de Torrieri Guimarães e Ivone Benedetti. A metodologia baseia-se em uma análise comparativa, fundamentada nos Estudos da Tradução e Gênero, focando em três novelas da obra, que simboliza o desejo (Alibech, III, 10), o intelecto (Madonna Filippa, VI, 7) e a submissão (Griselda, X, 10), incluindo o Proêmio, no qual o autor destaca a criação do livro para o público feminino. A bibliografia teórica tem como alicerce os estudos de gênero de Luise von Flotow (1997) e a política de transmissão cultural de Sherry Simon (1996) e sobre a tradução como prática feminista transnacional e transcultural, além das reflexões de Rosemary Arrojo (1997) acerca da desconstrução da fidelidade e sua relação com o gênero. Como principais resultados, a pesquisa busca demonstrar que as escolhas tradutórias atuam como reescritas ideológicas (Lefevere, 1993), que podem reforçar ou subverter a misoginia do texto-fonte. Conclui-se que a tradução é um espaço de negociação (Eco, 2017), onde a figura feminina é reconstruída conforme o contexto e a temporalidade da tradução brasileira.

Palavras-chave: Decameron; Tradução e Gênero; Boccaccio; Tradução Brasileira.

REFERÊNCIAS:

ARROJO, Rosemary. **Feminist, "orgasmic" theories of translation and their contradictions**. Tradterm, São Paulo, v. 2, p. 67-75, 1995. Publicado originalmente em 1993.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Nova Cultural, 2002. (Coleção Os Imortais da Literatura Universal).

BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. Tradução de Ivone Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2013.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FLOTOW, Luise von. **Translation and gender**: translating in the "era of feminism". Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007.

SIMON, Sherry. **Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission**. London; New York: Routledge, 1996.

Boccaccio entre dois tempos de peste: *Decameron* em uma tradução pós-pandêmica

Rafaela dos Santos Ribeiro
Orientador: Prof. Dr. Emanuel França de Brito

Partindo da ideia de que traduzir é um ato de leitura e enunciação, este trabalho apresenta a proposta de uma nova tradução para o português de parte do livro *Decameron*, escrito por Giovanni Boccaccio no século XIV, o qual consiste em cem contos narrados por um grupo de dez jovens isolados numa casa de campo por causa da peste negra. Justifico essa escolha pela relevância contemporânea de um livro pandêmico em um contexto pós-covid e pela curiosidade de como isso se apresentaria nas práticas tradutórias. O objetivo é registrar o processo tradutório e mapear exemplos de proximidades linguísticas ou negociações tradutórias realizadas. Para isso, serão levadas em conta a tensão da temática da obra contra suas marcações e características linguísticas, tais como vocabulário e construções gramaticais em contraste com o registro e código usados no *volgare fiorentino*, língua pré-normativa e que hoje chamamos de italiano. Além disso, será importante considerar para quem o autor escreve e como ele escreve. Esta pesquisa se baseia teoricamente em conceitos da teoria da tradução como a "transcriação" de Haroldo de Campos (1992) e o papel do tradutor como mediador cultural de Paulo Rónai (1987); metodologicamente, privilegia-se a ótica da Cartografia, isto é: para além de apresentar um resultado final, busca-se acompanhar o processo tradutório partindo de uma abordagem rizomática e não hierárquica (Deleuze, Guattari, 1995). O trabalho encontra-se em andamento; portanto, apresenta as instigações relevantes ao tema apresentadas até o momento.

Palavras-chave: Boccaccio; Decameron; tradução; linguagem; cartografia.

REFERÊNCIAS:

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron.** A cura di Vittore Branca. Milano: A. Mondadori, 1985.

BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron.** Milano: Rizzoli, 2013. (BUR Classici).

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas:** ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DIAS, Maurício Santana. O mundo que Boccaccio inventou. In: BOCCACCIO, Giovanni. **Decameron:** dez novelas. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

MARAZZINI, Claudio. La prosa di Boccaccio. In: MARAZZINI, Claudio. **La lingua italiana: profilo storico.** 3. ed. Bologna: Il Mulino, 2002.

PAES, José Paulo. **Tradução, a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir.** São Paulo: Ática, 1990.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores.** 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: INL, 1987.

A ruptura do mito materno e a construção da identidade feminina em *Verão no aquário*

Brenda Nascimento de Moura
Orientador: Profª. Drª. Stefania Chiarelli

O presente trabalho tem como objetivo analisar o terceiro romance de Lygia Fagundes Telles, Verão no Aquário, sob a luz do que Ferreira Pinto (1990), chamou de "bildungsroman truncado", um modelo de narrativa no qual o processo de formação da protagonista feminina, em questão, é interrompido ou não atinge o pleno desenvolvimento do "Eu". No que tange uma visão em contraponto do romance de formação, trago teóricos como Rosenfeld (1950), Moretti (2020), entre outros, que, apesar de divergirem quanto à integração social do "herói moderno", estão atentos à análise de obras que narram o "devir" masculino e situam o gênero como "forma simbólica" da Modernidade. Ao explorar um eixo temático da obra, proponho a leitura da relação entre mãe e filha como o propulsor na crise da construção da identidade da narradora, Raíza. Para elaborar as questões que concernem à crise representativa do feminino ao decorrer dos anos, tais como a maternidade compulsória e os conflitos que rondam a dinâmica entre mães e filhas mulheres, me apoio em estudos de autoras como Badinter (1985), Iaconelli (2023) e Zalcberg (2019).

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; romance; maternidade; feminino.

REFERÊNCIAS:

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023. [1, 2, 3]

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIREDO, Eurídice. ***Por uma crítica feminista*: leituras transversais de escritoras brasileiras.** São Paulo: Editora Zouk, 2020.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O olhar de uma mulher.** In: TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MORETTI, Franco. **O romance de formação**. Tradução de Nelson B. Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020. [1]

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros.** São Paulo: Perspectiva, 1990.

RESENDE, N. **A construção de Lygia Fagundes Telles** : edição crítica de Antes do baile verde. Maceió: Edufal, 2016.

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno**. In: Texto/Contexto I. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.123-146.

ZALCBERG, Malvine. **De menina a mulher: a relação mãe e filha como cenário da construção da feminilidade**/ Malvine Zalcberg - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

Silêncio e deslocamento: uma geografia do feminino em Lygia Fagundes Telles e Lucia Berlin

Yasmim Nascimento de Paula Silva
Orientadora: Profª. Drª. Diana Klinger

Lygia Fagundes Telles, notadamente reconhecida em sua extensa produção literária contemporânea, figura como uma das principais contistas brasileiras do século XX. No mesmo período, embora no contexto estadunidense, Lucia Berlin se destaca com a produção de uma obra composta estritamente por narrativas curtas, suporte capaz de condensar significativos sentidos à revelia de sua breve extensão. Nesse sentido, a partir da análise da construção simbólica, imagética e social dos espaços das narrativas, esta proposta de pesquisa de Doutorado busca traçar uma análise comparativa entre as obras "A Ceia", "Noturno Amarelo" e "Endereço Desconhecido", de Lygia Fagundes Telles, e "A época das cerejeiras em flor", "Luna Nueva" e "Lead Street, Albuquerque", de Lucia Berlin. Assim, o objetivo deste percurso é delinear uma geografia do feminino, focalizando, na contística de ambas as autoras, uma construção de espaços femininos que evocam, de forma semelhante, silêncio, ausência e deslocamento da mulher. Para tanto, as análises serão norteadas pelos pressupostos teóricos de Brandão (2001), Borges Filho (2007), Poe (2009), Collot (2012) e Dalcastagné (2015) no que se refere ao espaço, hooks (2018), Butler (2003) e Federici (2023) acerca da escrita de autoria feminina e Bachelard (2003) e Chevalier e Gheerbrant (2015) em relação às imagens simbólicas presentes nas narrativas, bem como pelas fortunas críticas das autoras em estudo na perspectiva da literatura comparada.

Palavras-chave: espaço; literatura de autoria feminina; Lygia Fagundes Telles; Lucia Berlin; feminismo.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Luís Carlos; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. ***Sujeito, tempo e espaço ficcionais:*** **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGES FILHO, Ozíris. ***Espaço e literatura:*** **Introdução à topoanálise**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero***:* feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva (et al.), 28ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. Revista Gragoatá, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa***:* mulheres, corpos e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2023.

HOOKS, Bell. **O Feminismo é para todo mundo***:* políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

POE, Edgar Allan. **A filosofia da composição**. Poemas e ensaios. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 2009. p. 113-128.

Espacialidades da experiência feminina negra em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo

Larissa Carvalho Sobrinho
Orientadora: Profª. Drª. Dayala Vargens
Coorientadora: Profª. Drª. Nathalia Gomes

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre as figurações do espaço nos contos *Maria* e *Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos*, contos integrantes da coletânea *Olhos d'água* (2016), de Conceição Evaristo. A pesquisa parte do interesse em compreender de que modo os espaços representados nas narrativas participam da construção das experiências vividas pelas personagens femininas negras, considerando que o espaço literário ultrapassa a função de mero cenário e atua na produção de sentidos, relações e subjetividades. Para esta discussão, o trabalho articula as reflexões de Luis Alberto Brandão (2013) acerca do caráter relacional das espacialidades na literatura, em diálogo com as contribuições de Milton Santos (2006; 2007) sobre espaço, território e cidadania. Também mobiliza o conceito de escrevivência formulado por Conceição Evaristo, a partir das discussões propostas em Nunes e Duarte (2020), buscando refletir sobre as relações entre literatura, experiência e representação na construção das narrativas. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de análise bibliográfica e interpretativa dos contos selecionados. A análise pretende observar como diferentes espacialidades urbanas presentes nas narrativas — tais como a rua, o transporte coletivo e os espaços de convivência cotidiana — participam da configuração das trajetórias das personagens, relacionando-se a questões de pertencimento, circulação, acesso e permanência nos espaços urbanos. Nesse sentido, busca-se investigar de que maneira as representações do espaço contribuem para problematizar relações sociais inscritas no contexto urbano brasileiro. Espera-se, assim, contribuir para os estudos sobre espaço literário e literatura brasileira contemporânea de autoria negra, destacando a relevância da espacialidade na construção das experiências narradas em Olhos d'água.

Palavras-chave: espaço literário; Conceição Evaristo; escrevivência; experiência feminina negra; espacialidade.

REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Luis Alberto. **Breve história do espaço na teoria da literatura**. Revista Cerrados, Brasília, v. 14, n. 19, 2015. p. 115-133. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1140. Acesso em: 7 jun. 2026.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.